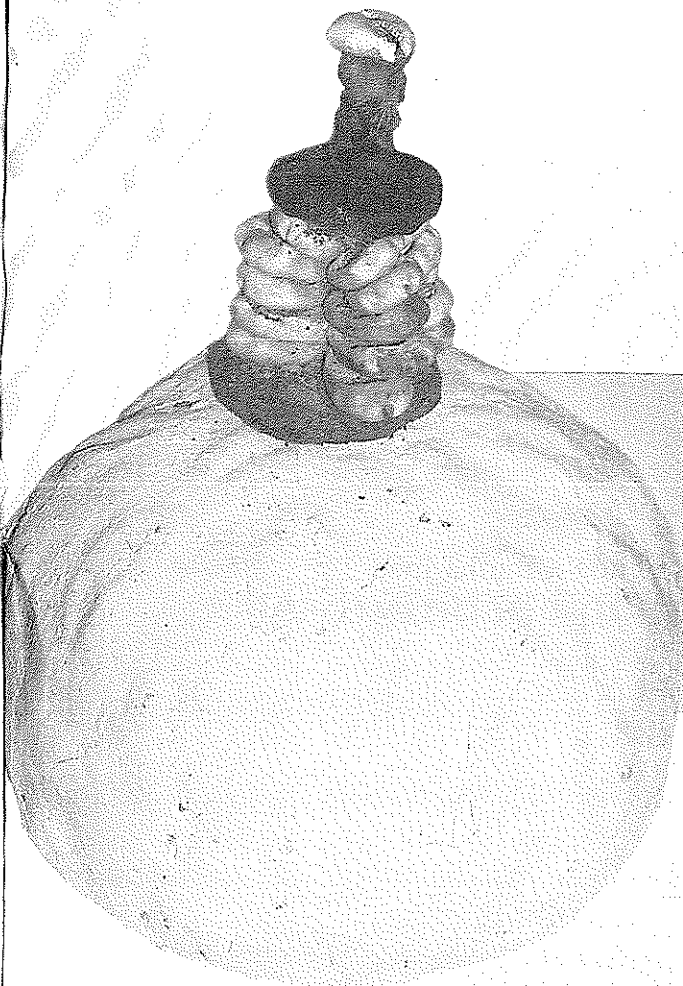


Orlando J. Santos D'Ògún Dímòlòkò



KÒ - L'È KÒ, IYÁWÓ
Aprenda a Doutrina, Iauô

Orí, a divindade do homem
O segredo revelado

Minha cabeça não permita que eu ofenda a minha mãe.

Orlando J. Santos

Kò-l'lèkó, ìyáwó
(Aprenda a doutrina, Iauô)

Orí

A divindade do homem - O segredo revelado

São Paulo
2008 - Edição do Autor.

Santos, Orlando J. (Orlando José)
Copyright © 2008,
by Orlando José dos Santos

Composição/Diagramação: Orlando J. Santos
Correção: Nilton dos Santos
Capa: Mateus Marins Cardoso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Orlando J.

**KÓ—I'ÈKÓ, ÌYÁWÓ / Orlando J. Santos (Bàbá
Olóòríṣà Ògún Dímòlòkò).** – São Paulo : Autor, 2008. – (Série
Aprenda Ìyáwó ; V. 3)

1. Candomblé (Culto) 2. Cultos afro-brasileiros
3. Orixás I. II. Série.

97-1731

CDD-299.6

Índices para Catálogo Sistemático:

1. Candomblé : Religiões de origem africana 299.6
2. Orixás : Culto : Religiões de origem africana 299.6

Dedicado

A Dayo Adewalé ti Şàngó.



Filho, a Cabeça é a Fonte da Criação.
Cuidado com o modernismo do mundo.

“A falta de Índice indica que é para ser lido”.

Agradecimentos

— A meu **Orí** pela resistência na luta por uma vida digna.

— A **Ògún**, Senhor da riqueza quantitativa e qualitativa. Senhor dos caminhos da moderação, da prosperidade e da sabedoria. Meu **Òrìṣà** — saudações às suas origens.

— Agradeço primeiramente a **Ajibola Isau Badiru**, minha fonte de **Àṣẹ** e conhecimentos, que me permite “hoje” transmitir com segurança as informações contidas neste livro, pois baseado no que me ensinou e ensina, pude ampliar os meus próprios horizontes e ver além. Ainda assim não quero comprometê-lo com o que escrevo, nem torná-lo responsável pela visão que tenho, pois sou uma presença “desagradável” dentro do Culto e não gostaria de vê-lo citado em decorrência dos meus escritos. Em meio ao desespero, decepcionado e sem rumo, pois havia acabado de tomar Obrigação no Angola com **Sàngólomi** (criatura de outro planeta), eu o encontrei. Homem sério, de inteligência incomum e **Ìṣẹgun** de verdade, só posso pedir a minha **Orí** que eu seja, pelo menos, reflexo de sua Sabedoria — Pai, obrigado por tudo!

— Ao **Dayo Adewalé**, meu filho, meu maior estímulo para continuar escrevendo e defendendo as convicções que a Ele deixarei de herança. “Filho, cuidado com o modernismo do mundo”.

— A **Ọya-Funmike**, **ìyá Dayo**, minha companheira de luta, que me permite ficar escrevendo na cozinha, meu lugar preferido; apesar dos “gritos” que atrapalham muito, sabe entender a minha necessidade de trocar um pão por uma folha de papel — obrigado por sua compreensão!

— A Ifá Sesìn Olúòkun Òjẹ Dayọ, Òjẹ em Ibàdan, Nigéria, àti Ìyá Qbà obinrin Oní Şàngó àgbayé, pela paciência que sempre tiveram comigo e pelo que me ensinaram durante os períodos que estiveram aqui no Brasil — sou lhes grato!

— Ao Nilton dos Santos, por fazer a leitura e correção do texto, mas principalmente pelo carinho, amizade e confiança que temos um pelo outro. Sem Ele, essa minha “sopa de letras” continuaria azeda como as outras.

— Lembro aqui o Pai Cido de Òşólúfòn e a Qya-Funmibe, que em vida foram meus melhores amigos. Que Òdúwà os tenha recebido de bom grado no Céu — saudades!

— Não há como esquecer, também, os inimigos, pois são “Eles” que me ensinam a ser paciente, condescendente e compassivo; o nível mais difícil de toda e qualquer iniciação religiosa. Que continuem falando de mim, criticando o meu trabalho, questionando..., não parem, por favor. Continuem sendo a minha referência do que é censurável, selvagem e ridículo, assim posso me tornar um ser humano melhor.

Obrigado a todos!

Apresentação

É com grande satisfação que vejo surgir uma obra singular, fruto de incansáveis estudos e pesquisas deste personagem ímpar no Culto aos Òrìṣà, Orlando J. Santos Ògún Dímòlòkò, que desta vez nos presenteia com algo mais de seu grande conhecimento, agora falando sobre Orí, Òrìṣà individual e o mais importante dentro do Culto, Divindade que é símbolo de sucesso ou fracasso na vida, pois Òrìṣà algum pode determinar ou decidir sobre aquilo que Orí não sanciona.

Os ritos do Èbòrí nos permitem, com freqüência, criar condições de vida que nos ajudam a consumir os nossos destinos com honra.

Orí, a Divindade do Homem - o segredo revelado, é realmente tudo que esperávamos acontecer para mudar a visão dos procedimentos do ato, pois ao Èbòrí no Culto tradicional do Candomblé de Kétu, está faltando esforços que possam recuperar a Sabedoria Ancestral comum aos africanos e que entre nós, por inúmeras razões, se perdeu, causando prejuízos incalculáveis à nossa cultura religiosa. Prejuízo esse, que Bàbá Ògún Dímòlòkò, promete recuperar grande parte no Livro: Orí, a Divindade do homem (2), Èbòrí no Candomblé de Kétu.

Com muita propriedade, Orlando J. Santos, Sacerdote, pesquisador, polêmico e corajoso, empenha-se em manter viva a origem desse Culto, combatendo como o grande guerreiro que é, as distorções provocadas pela transmissão oral que se tornou uma grande tramóia que nos fez ao longo desses anos sofrer na carne os resultados desse desconhecimento.

Muito me orgulha a condição de filha-de-santo adotiva de Bàbá Ògún Dímòlòkò. A Ele devo a complementação de minha missão Sacerdotal no culto de Qya-OníIrà, Mãe dos coriscos que cristalizam, pois já havia sido iniciada em Òṣùn. Sorte minha! Se a sua sorte é ter apenas o livro, se dê por satisfeita/o, pois ainda assim, é muita sorte.

Tânia Mara Jantorno Soares
Ìyálóòrísà Qya T'osin.

Ìbà (Saudações)

Ìbà Olódùmarè — Senhor que possui o Céu e que o ilumina com o Seu esplendor.

Ìbà Ọrúnmilà Bábà Àgbónmìregún — Testemunho do Destino e Pai dos coquinhos que jamais esqueceremos.

Ìbà aos 401 Irúnmolè — Representantes das Divindades na Terra.

Ìbà Àkódá — O primeiro Ser Criado.

Ìbà Àşèdá — O Criador do Homem.

Ìbà iyá Ilè — Mãe Terra – pedaço de um Mundo distante.

Ìbà aos quatro pontos cardeais da Terra e à direção dos ventos.

Ìbà ao amanhecer que abençoa o dia com a própria Luz.

Ìbà ao anoitecer que abençoa a humanidade com um ponto de luz no céu.

Ìbà ao dono do dia de hoje. Não permita à minha cabeça estragar o dia!

Ìbà Egúngun n'Ilé — Ancestral da casa.

Ìbà Ọrísà l'ẹgbé — Orixás da Comunidade.

Ìbà às crianças que estão na Terra com o objetivo de melhorar a genética de seus pais.

Ìbà aos velhos que voltarão ao Céu e depois à Terra com o objetivo de corrigir o caráter.

Minha Cabeça Interna, Ìbà!

Oh Cabeça, Ìbà!

Ìbà, façam os Ancestrais me encorajar do Céu.

Ìbà, façam emitir luz sobre a minha cabeça.

Façã Àjàlá reconhecer a Lei.

Ìbà Àjàlá, toco o tambor para chamá-lo do Céu.

Cabeça, recompense minhas saudações!

Cabeça, recompense meus encantamentos!

Cabeça, termina de me recompensar que ficarei rico.

Cabeça, termina de me recompensar que terei filhos.

Cabeça, termina de me recompensar que terei esposa.

Cabeça, termina de me recompensar que construirei uma casa.

Cabeça me recompense! Cabeça me recompense!

Minha cara-metade, eu agradeço a Você.

Amém!

Introdução

O presente trabalho é resultado de um grande esforço que acabou servindo para aperfeiçoar meus conhecimentos, pois concebido a partir de um juntar de peças como as de um quebra-cabeças, creio, seja este, um livro que o Povo-de-Santo carece. Minha proposta é contribuir ao máximo com a nossa Cultura Religiosa e a mim pouco importa se for transcrito ou foto-copiado. Claro, que se comprado, ajudará a garantir o sustento dos meus. Porém, o importante é que o maior número possível de pessoas fique sabendo da importância de **Orí, a divindade do homem — O segredo revelado**.

Não foi com a intenção de expor os princípios do Culto, nem pensando em fazer propaganda da nossa religião, que resolvi elaborar este livro. Simplesmente, acredito ser um livro necessário às pessoas que conhecem e que desconhecem o Culto.

O respeito é um dos primeiros nascimentos, e é chegada a hora daquele que não está envolvido com a nossa Cultura Religiosa saber que é necessário respeitar a visão que temos da vida, do mundo e de Deus — **Olódùmarè**, o Criador da Humanidade, assim como deve respeitar o chão que pisa para ganhar favores do espaço e do lugar onde vive.

— O filho que julga desnecessário tomar a bênção da mãe e que não sabe agradecer o sangue doado a sua cabeça, morre primeiro ou sofre muito.

— Aquele que julga desnecessário respeitar o chão em que pisa, não tem consciência de que a terra é o depósito da ancestralidade humana — será envolvido pela força gravitacional, e morrerá antes do dia marcado para retornar ao Céu.

— Aquele que não respeita a Lei e a comunidade — terá sempre um final infeliz.

Enquanto quem age de modo inverso será reconhecido pelos Ancestrais e abençoado na Origem. Desta forma, as forças que derivam do centro da Terra não surgirão na superfície para arrastá-lo para baixo antes do dia. Basta entender que o “*Ser dá origem ao Ser*” e que o “*animal dá origem ao animal*”, pois há uma diferença — a cabeça guarda cinco partículas cristalizadas onde todas as informações sobre a criação do homem estão contidas. É por isto que não há como cuidar de Òrìṣà se não entendermos os fundamentos de Orí, Cabeça, que estão relacionados com a formação do caráter do homem.

Deste modo, as oferendas são necessárias, pois apaziguam o destino e “quebram a dureza racional”. Isso todo mundo que está envolvido no Culto aos Òrìṣà sabe. Por quê, poucos sabem. O que é muito ruim para a nossa Religião, que tem gabarito para ser entendida e respeitada por toda a sociedade, se houvesse coerência nas formas de expressão. Pois, ainda é muito comum ouvir de pessoas iniciadas — “meu diabo é bom”. Quem é que quer o diabo para si? Isto cria uma barreira enorme para quem ouve isto, fica cabreiro e só mesmo quando no limite do próprio desespero, entrega a cabeça aos cuidados de um Olóòrìṣà ou Ìyálóòrìṣà. Mesmo assim, com muito cuidado e querendo saber dos porquês. Nada mais justo. Para tanto, as respostas terão de ser corretas! O tempo que as pessoas engoliam tudo, “já era!”. Hoje elas querem respostas, e o Sacerdote precisa estar preparado e responder a estes questionamentos com propriedade. É preciso levar em consideração que o indivíduo só nos procura forçado por uma circunstância incomum — quase na hora da morte. Some-se a isto o constrangimento de ser forçado a participar de uma religião não-oficial e o medo substanciado pelo preconceito adquirido no “*fala que o diabo te escuta*”. Cabe, pois, ao Sacerdote, desfazer todas as más impressões e apaziguar os infortúnios sem se deixar fazer parte do jogo. Acreditar na sabedoria de Òrúnmìlà Bàbá Ifá, que é a consciência do próprio Elédùmarè, que para “tudo” tem uma resposta adequada e pode alterar a data de um acontecimento nefasto, quando Òrúnmìlà Bàbá Ifá diz: “O destino

só acaba com a morte". O objetivo da afirmativa é incentivar o homem a lutar por seus objetivos enquanto houver vida. Mostrando que é preciso continuar buscando aquilo que se pretende sem desistir. A vida têm muitas facetas, e não há quem saiba qual cabeça ficará rica, louca, feliz ou infeliz no dia de amanhã — somente **Òrúnmìlà** sabe a resposta.

Também não há quem saiba diferenciar os passos de um homem louco dos passos de um homem sadio — somente **Òrúnmìlà** sabe a diferença.

A cabeça, **Orí**, do homem é sua única cúmplice, **àtarí-alábarò**, companheira que compartilha os sentimentos, em sua caminhada sobre o mundo.

Quando um homem morre, a herança pode ser dividida entre os familiares, esta é a lei. No entanto, a sua cabeça irá com ele para o Céu e nunca mais renascerá neste mundo. Porém o seu caráter, seja bom ou ruim, renascerá até que seja corrigido de acordo com as leis do Criador da Humanidade.

O sonho é um direito de todos os seres — exceto do artrópode louva-a-deus — e o homem não pode abrir mão deste direito, devendo lutar para realizar os seus sonhos, principalmente os sonhos que sonha acordado.

Todavia, é preciso ser coerente com os próprios sonhos para não se tornar uma pessoa frustrada, e por causa disso, desejar morrer — o que seria um grande engano, pois não há quem possa morrer! A vida é contínua, e a morte somente transforma a massa da vida em matéria orgânica que, acoplada à terra que é um organismo que pulsa, respira, transpira e come tudo que nela for depositado, cria fungos e sobrevive — A vida é eterna!

A orelha, nunca pode ser maior que a cabeça, assim como a palavra não pode ser maior que a boca. É preciso saber ouvir, mas há pessoas que ouvem, mas não escutam. Pois, quando as coisas não vão bem, o comum é aparecer um amigo para nos alertar do perigo e esta é a voz de **Olódùmarè**, Deus, falando ao homem através do próprio homem. Isto acontece porque a cabeça, **Orí**, é o ponto de referência entre o Criador e a criatura.

Quando fazemos oração e pedimos a “Deus” ou ao Òrìṣà uma bênção, quem nos traz a bênção que pedimos é o ser humano, só que Deus ou Òrìṣà está no meio — não há dúvida, um é intermediário do outro.

As pessoas falam em espíritos de um modo que deixam dúvidas sobre a sua existência, mas o espírito existe e é tão natural como qualquer outro fenômeno da natureza, e tudo está relacionado com a Terra. O problema é que os conceitos “criacionistas” associam a idéia de Céu ao Paraíso. Lá estaria a luz divina para onde nossos olhos deveriam se voltar e ainda, estabelece a idéia de que o “*Céu vê tudo*”.

O certo seria dizer: “*A Terra sabe tudo*”.

Sabe tudo porque conta o tempo, conhece todo o espaço gerado em torno de si e o que acontece aos nossos ancestrais acoplados a sua estrutura.

Nossos antepassados citavam o espaço, Òrun, Céu, em torno do homem como morada dos espíritos que nos permite a convivência do Sagrado com o profano, pois os dois são divinos — “*Maneira humana, maneira animal, maneira espiritual*”.

As religiões antigas tocam tambores porque a visão que têm do Sagrado não privilegia o Céu em seus rituais. Ao contrário de outros credos, os toques dos atabaques pretendem despertar a consciência dos ancestrais e animá-las com os movimentos da vida, evocando-os da estrutura terrestre para orientar o futuro dos descendentes sobre o mundo. Pois, sendo a força ancestral parte da estrutura da Terra, acredita-se que somente aí é possível encontrar a origem do homem, cuja natureza curiosa o leva a questionar — “*Qual será o meu futuro?*”.

Isto o obrigou a criar uma quantidade enorme de oráculos — Ikin Ifá, Ifá Opelè, m̀er̀indilogun, Obì, Orógbó e outros sistemas menos conhecidos, sem citar os oráculos de outras Culturas, onde a sorte pode ser analisada na borra do café, nas cartas, no fígado dos animais ou com totens. Não falta criatividade quando o assunto é conversar com os

deuses. Ele só se esquece de olhar para baixo e reconhecer que a vida é aqui mesmo, e que nada relacionado a ela está tão longe. Então, viva! Mesmo que viva somente para sonhar — não seja um louva-a-Deus.

Toda religião busca propiciar um bom sentido para a existência humana, e assim tornam a vida melhor quando tentam responder — “De onde viemos? Para onde vamos?”.

O Culto aos **Òrìṣà** se apóia no conceito de **Orí**, cabeça ou origem, e nos ensinamentos de **Orúnmìlà** como Testemunha da Criação do homem para esclarecer a questão e apontar rumos que podem tornar a arte de viver mais suave e de acordo com a **Orí**, cabeça, que escolhemos na casa de **Àjàlá**, Arquiteto ou Oleiro fazedor de Cabeças.

Aqui a visão é clara, objetiva e sem embolação. Não quero vender Deus, pois se meu intento era lhe vender essa “sopinha de letras”, já consegui. Então, venha ao encontro desse conhecimento sobre a nossa Ancestralidade. Conheça o significado ritual do **Èbòrí** e as alternativas que existem para se fazer oferendas à cabeça. Agora, se depois de tudo, o leitor continuar achando... Posso afirmar que a sua cabeça precisa receber uma grande oferenda.

Ifá é o conselheiro de todas as cabeças, e nos orienta sem qualquer exigência. É certo que com Ele ao seu lado não lhe faltará entendimento à pergunta — “*Por que fazer oferenda à cabeça?*”.

Pois, basta reconhecer que **Orí**, a divindade do homem, é a fonte de realização do destino. Somente **Orí** pode conceber o Deus da Criação, relacionar-se com Ele intimamente, reconhecê-lo como o Senhor de tudo, sem perder a importância que lhe é atribuída — **Orí**, a divindade-homem que Criou Deus para os homens — Este é o segredo.

Que a sua cabeça não lhe estrague o destino!

“Muitos caminhos levam à casa da boa sorte”.

Orí, a divindade do homem — O segredo revelado

Em nossa religião acredita-se que o homem é constituído dos seguintes elementos:

— **Ara** — corpo físico — é considerado a morada da consciência de Deus, no homem. É a materialização do espírito no mundo.

— **Òjiji** — sombra — é aquela que nos acompanha. Uns crêem, sem função alguma, outros que o espírito humano reside na própria sombra e a vêem como representação plasmática do espírito ou fantasma humano.

— **Okàn** — alma, espírito, coração ou consciência — é entendida como aquela que possui a função de alimentar a ação, o pensamento e a inteligência do homem.

— **Èmí** — vida ou respiração — reside nos pulmões, está associada ao espírito e à força vital que nos permite ações e movimentos; **Èşù bara** — Exu do corpo, por um determinado período, pois quando se esvai, o homem morre. **Èmí** é vista como o agente principal dos processos de Criação de todas as formas de vida do Universo e representa a continuidade através das mortes, dos nascimentos e dos renascimentos.

— **Orí** — cabeça — é entendida como a principal divindade do homem (**Òrìşà**). Forte e poderosa, nos acompanha durante toda a existência, ajudando-nos e amparando-nos desde o nascimento até o dia da morte. Traçando ou definindo o destino, pode facilitar ou complicar a realização dos nossos desejos.

Aparece como fiscal de **Olódumarè** e, como **Qbàtá-ńlá** e **Èşù**, nasce de **Èjì-Ogbè** ou de **Odí-gbémi** — tudo que aparecer no meio desses Códigos é resultado desta combinação. Pois, é preciso considerar que a cabeça é a primeira a receber a luz, e como representante dos nascimentos trás consigo esta energia de **Èjì-Ogbè**, **Odù** ou Código de

Ifá, o Oráculo, luz sobre luz, duas graças etc., ou Òdí-gbèmi — Ọmọ-Odù, que aparece como o lado ruim dos nascimentos.

Toda esta complexidade é resultado do seu nascimento no àiyé, mundo, chocar-se com a sua existência pré-espermática no Ọrun, Céu, causando um conflito pré-existencial que pode transformá-la numa divindade “pior do que quando foi concebida no Céu”.

Sendo, pois, a mais importante das divindades. E, para superá-la só mesmo o próprio Olódumarè, o seu Criador. Apresentada por Ele mesmo como a comandante do destino do homem, somente Ela, pode transformar o homem pobre em rico e o rico num miserável. Também pode levar o incauto a um local de brigas, a conviver com pessoas indesejáveis e a um cruzamento para ser atropelado... Orí pode causar a morte antes do dia marcado para retornar ao Céu — Porém, como as folhas, sabe da importância de estar viva para o tempo.

Enfim, Orí é aquela que pode dar proteção, levar ao sucesso ou à destruição do indivíduo, tornando-o um desgraçado, como um esquecido por Deus. Daí decorrem todos os cuidados que se deve ter em relação à cabeça — Ela é a divindade do homem.

Sua importância começa por estar situada acima do corpo, por comandá-lo e por manter o domínio de todo o organismo — age como uma rainha e controla tudo.

Os orifícios que aparecem na cabeça são os responsáveis pela orientação do homem:

— Os olhos são as portas de entrada das visões objetivas que temos do mundo. Ávidos, podem nos enganar pelo fato de julgarem a beleza ou a quantidade das coisas como sendo mais importante que o conteúdo ou a qualidade.

— A **boca** determina o paladar dos alimentos, além de ser a responsável pelo principal meio de comunicação entre os homens. Mas, pode nos causar problemas, se a palavra for maior do que a própria boca — precisa ser controlada.

— O **nariz** detecta os odores que a vida nos oferece e contribui com o processo de inspiração, aspiração e refrigeração do cérebro, que funciona melhor com o frio. Mesmo assim, tem o seu lado negativo, pois não consegue separar os cheiros e se respirar ar quente e seco demais, começa a sangrar.

— Os **ouvidos** são responsáveis pela audição dos sons, de músicas, do canto dos pássaros etc. Mas, também, ouvem bombas, tiros e palavrões — um horror!

Desse modo, estes órgãos refletem nas aparências das pessoas, as diferenças, tornando-as únicas e individualizadas. Assim, só o próprio **Olódùmarè** pode ser considerado mais importante que **Orí**, cabeça, por ser Ele o Criador de Todas as Coisas. Porém, se Deus Criou o homem, o homem criou Deus para os homens — logo se equivalem em importância.

— A **Orí**, cabeça, do homem é como um espelho que reflete o Criador e aparece no mundo com a sua semelhança e representa o cérebro de **Olódùmarè** em cima do mundo. A semelhança exclui completamente os sinais da igualdade, cujo conceito é lindo, mas apenas utopia. Pois cada **Orí**, cabeça, é concebida com suas particularidades para cada ser humano único. E estas particularidades não estão relacionadas somente com as aparências, mas também com o caráter interno de cada um de nós. Aí é onde se perdem as referências do conjunto e ninguém reconhece no outro as qualidades ou defeitos que possui.

— Este poder de individualizar ou particularizar as pessoas é do Criador e, somente a Ele cabe a responsabilidade de manter a essência do Ser Criado em relação à importância que lhe foi atribuída por suas criaturas — os Homens. Nem mesmo isto diminui o poder de **Orí**, cabeça, diante de **Olódùmarè**, por conhecer profundamente as necessidades do

homem e dispor de recursos para ajudá-lo a superá-las com muito mais eficácia que qualquer outro Òrìṣà. Isto, por ser do seu interesse a realização dos desejos do homem.

— Orí é aquela divindade que faz tudo acontecer antes da vida na Terra começar. E quando a vida começa, Ela permite a organização do destino a ser cumprido. Tudo isto está relacionado com o caráter imutável do homem. Este não aceita oferenda, e por isto, não pode ser mudado. Deste modo, como explicar os “fundamentos” de Orí?

Vejamos:

Todo ser que nasce tem seus inimigos. Assim, Orí, cabeça, também tem os seus. E todos estão inseridos dentro de sua própria complexidade e são frutos da escolha do destino feita pelo “espírito”, agravado pelas dores do nascimento e pelas condições de sobrevivência que encontrou no mundo — família, escola, trabalho, convivência social, etc.

Primeiro vamos dividir Orí, cabeça, em duas partes:

— Orí òde — cabeça física ou externa — é representada pelo crânio que guarda o cérebro. Esta é a responsável pela organização dos pensamentos e controle do organismo. É uma Guardiã atenta mesmo quando o indivíduo se encontra em estado de inconsciência, dormindo por exemplo. Conclui-se daí que o ser humano depende de sua cabeça para representá-lo dentro do macro-Cosmo, pois os sonhos, “às vezes”, aparecem como avisos de sua Alma Guardiã no Céu.

— Orí Inú — cabeça interna ou espiritual — é mais complexa, por conter as partículas Divinas deixadas dentro do homem e representar a origem ancestral da humanidade e não as origens de um indivíduo em particular; guardadas aí estão todas as informações sobre a Criação do homem.

Também vamos dividir **Orí Inú** em duas partes:

— **Apári-Inú** — parte interna da cabeça — é a Partícula Divina deixada no homem e aparece para possibilitar a ligação do Ser Criado com o Criador, **Olódumarè**, e com sua Mãe, pois **Apári-Inú** é o umbigo. Esta é a parte da **Orí**, cabeça, responsável pela formação do caráter do homem e, ao mesmo tempo, aparece como opositora deste mesmo caráter — apresentado como individual — para delimitar o livre-arbítrio e forçar o sujeito a usufruir dos seus erros e acertos e conquistar seu próprio espaço. Pois, o indivíduo pode nascer para o mundo com uma boa **Orí**, cabeça, porém, se o caráter não for compatível, o comportamento ruim pode estragar o destino.

Entretanto, quando há dificuldades que não forem causadas pela falta de bom comportamento da pessoa ou porque tenha sido influenciada por outra pessoa de caráter ruim a se comportar mal, isso pode ser mudado com alguns rituais, por não fazer parte do seu destino — as dificuldades aqui foram causadas.

— **Orí àpẹrẹ** — cabeça-padrão — é a divindade interna do ser humano que descreve o padrão da sua individualidade e da sua responsabilidade no cumprimento do seu destino.

Vamos dividir **Orí Àpẹrẹ**, também em duas partes:

— **Àkúnẹyàn** é aquela parte da cabeça que, ajoelhados diante de **Ọlórún**, pegamos no Céu. É uma parte do destino escolhido — livre-arbítrio — pela Alma Guardiã Ancestral na casa de **Àjàlá**, Oleiro do Céu, na ocasião que está se preparando para reencarnar na Terra e define — o tempo de vida, as conquistas almeçadas e a qual família terrena irá pertencer. Pois, antes de uma criança nascer — reencarnar — a Alma Guardiã Ancestral comparece perante **Ọlórún** a fim de receber um novo corpo moldado por **Ọbàtá-ńlá**, Rei do pano branco, uma nova respiração e o destino que terá durante a nova vida na Terra.

Ajoelhada diante de **Ọlórún**, a esta Alma é oferecida a oportunidade de escolher o próprio destino. Acredita-se que seja possível fazer a escolha que desejar. Mas, **Ọlórún** pode recusar, caso os pedidos não sejam feitos com a humildade devida, ou se forem fora de propósito.

No destino inclui — **Ìwa**, o caráter do indivíduo, a ocupação que terá e as realizações, a esposa ou marido, os filhos, os acontecimentos marcantes e a data exata que deverá retornar para o Céu. Este dia não pode ser alterado, exceto por suicídio, acidente por descuido ou provocado por bruxaria. Também não pode ser prolongado por meio de preces, sacrifícios, magia ou por quaisquer outros meios que agucem a fé.

Mas, pode ser encurtado por: **Aráye burú** — humanos perversos — **Àjé** — feiticeiras — **Oṣó** — feiticeiros — forças divinas que intervêm para aplicar punições caso o dever do encarnado não esteja sendo cumprido dentro do razoável — divindades ofendidas por falsos juramentos — espíritos malignos e por mãos humanas como punição a um crime cometido ou ofensa a outros.

Porém, se alguém conta com a proteção de sua Alma Guardiã Ancestral, de **Ọlórún** e de sua Divindade pessoal, **Òrìṣà**, viverá tranqüilamente o período de vida que lhe foi atribuído. Caso contrário, morrerá antes do tempo.

Aqueles que morrem antes do dia marcado para retornar ao Céu, tornam-se fantasmas e permanecerão perambulando pelo mundo até que “aquele dia” chegue.

Os que morrem naturalmente porque ficaram velhos, por exemplo, vão direto para o Céu e são designados como aqueles que alcançaram **ọlójọ**, o dia determinado por **Ọlórún**.

Entretanto, a criança que morre com poucos dias, meses ou anos de vida, pode, igualmente, ter alcançado **ọlójọ**, o dia de retornar. Também caso uma criança morra com pouca idade ou mesmo que tenha nascida morta, a sua respiração, **Èmí=vida** ou Guardiã

Ancestral comparecem ao Céu, reclamam, e Ela poderá ser mandada de volta para reencarnar. E, desta feita, viver até uma idade avançada.

Contudo, há outras crianças que são chamadas de *àbíku*, aquelas que nascem para morrer. Exemplo — caso uma mulher tenha várias crianças, uma após outra e todas morrerem no parto, na infância ou mesmo quando um pouco mais velhas, estas crianças não são as reencarnações de várias almas, mas sim, uma única alma *àbíku* que nasce repetidas vezes e volta ao Céu somente para causar desgosto à família. É uma punição aplicada aos pais por terem sido em outra encarnação, negligentes com os filhos ou simplesmente porque a mulher provocou aborto. Neste caso “ela” ouve o choro de uma criança.

O destino determina se a pessoa será rica, feliz, gentil, sábia, popular ou se pobre, impopular, desumana, extravagante. Fixa o número de filhos e a ocupação que deve ter.

Se a pessoa aprende com rapidez um ofício ou executa uma tarefa melhor que o seu professor, todo mundo diz que suas habilidades provém de *Ọlórún* como parte do destino que recebeu. Do mesmo modo, se é pessoa é lerda e tem dificuldades para aprender um ofício, também dirão — provém de *Ọlórún* e que suas aflições não podem ser rastreadas, pois não há qualquer agente maligno.

Ninguém pode mudar o destino escolhido no Céu. Entretanto, pode preservá-lo mediante atos de oferecimentos aos Ancestrais Guardiões, *Orí Ịpònrí*, e a sua Divindade pessoal, *Ọrìṣà*. Também pode prejudicá-lo, quebrando os tabus, *ẽwò*, estabelecidos ou mediante a aplicação de medicinas negativas, *õgùn*, e feitiçaria, *ọfò ibi*.

O papel do Oráculo de *Ifá* é somente o de aconselhar o indivíduo sobre aquilo que deverá fazer para que o seu destino não seja tão ruim quanto pode, diante das ações dos maldosos ou por negligência dele mesmo. Pois, fazendo oferendas para a própria cabeça assegurará todas as bênçãos a que fizer jus, mesmo que a pessoa não possua uma cabeça tão boa.

No Destino, inclui-se — dinheiro, esposa, filhos, casa, títulos, seguidores, bom caráter, boa reputação, fama, vida longa e qualquer outra coisa que humildemente ajoelhados no Céu, pedimos a **Olórun**. Ele é quem determina a personalidade de cada pessoa desde o nascimento até a morte. Se a Ele agradar, pode ajudar na realização. Somente assim **Olórun** interfere na vida dos humanos e concede bênçãos.

Cabe ainda explicar que o destino do indivíduo é escolhido por sua Alma Guardiã Ancestral nele encarnada e por **Àkúnlègbà**, uma outra Alma Guardiã, uma espécie de ajudante diante das realizações e tarefas importantes, como — nascimento, casamento, compra de um imóvel e morte. Também o vigia ao longo da vida conferindo-lhe senso crítico para que não a ofenda.

Exceto quanto ao dia marcado para retornar ao Céu, o destino não é fixo ou inalterável. Fixo no homem é somente o caráter, **Ìwa**.

Ifá diz — “O destino pode ser modificado — quando há interferência — o caráter não pode ser modificado”. Pois, estabelecido como roteiro para a vida, pode trazer muitas bênçãos se seguido a fim de consumá-lo. Bastando viver de modo a completar o período de vida previsto, oferecer orações, sacrifícios apropriados, empregar medicinas protetoras e comportar-se corretamente em todos os sentidos — mas ninguém consegue tudo isso! É um jogo duro no qual a disputa com Deus e deuses, o homem tenta igualar o comportamento de ambos num mundo onde não há anjos.

— **Àyanmò** — Destino — apesar de ser o destino em si, é a parte da **Orí**, cabeça, que não aceita rituais curativos ou preventivos. Não aceita qualquer mudança. É responsável pelo caráter interno e externo: sexo, aparência, pai, mãe, etc. As oferendas não mudam isso.

Orí individualiza as pessoas não somente pelas aparências, riqueza, sucesso, esposa, filhos, status social e outros eventos que não são tão bons e que estão inseridos nos destinos

dos homens, aparecendo como sinalizadores das diferenças. Por isso, não nos é permitido fazer julgamentos sobre a “importância” de uma pessoa tomando por base a sua aparência ou a sua riqueza — podemos nos enganar, pois “ninguém sabe diferenciar os passos de um homem louco, dos passos de um homem sadio”.

O bom caráter é o maior bem que o homem pode possuir, e isto não está relacionado com riqueza, pobreza ou beleza física. Pois, se é rico ou pobre, ninguém saberá dizer ao certo quais foram os meios usados para comprar uma Mercedes ou feijão com arroz.

— Orí é o suporte do ser humano e cada um sabe de si. E, se o indivíduo não dorme porque o vizinho toca tambor a noite toda, podemos dizer que isso não causa insônia, basta uma conversa amigável que o problema talvez seja resolvido. Agora, se o sujeito não dorme por causa da sua consciência, só podemos dizer que o tempo não retroage.

— Orí àpèrè — cabeça-padrão — é formada a partir dos Elementos Matrizes da Criação — óvulo, esperma, sangue e “terra” — entende-se como a combinação química dos elementos ingeridos pela grávida de Èdá Orí, Criadora da Cabeça, mãe da criança, os quais resultam em um ser humano.

— As èwò — interdições — estão, do mesmo modo, inseridas neste contexto como resultado negativo daquilo que foi ingerido e que tenha causado danos ao desenvolvimento do feto Matriz do Èlédá, Criador e a Èdá, criatura. São, pois, os elementos usados na construção da cabeça, e que causaram danos, que se constituem em proibições alimentares para o homem.

Exemplo — o filho de uma alcoólatra: o dia que colocar uma bebida alcoólica na boca, tornar-se-á alcoólatra também. Isto porque o álcool causou danos a sua cabeça.

O mesmo se dá em relação às cores, exemplo — cabeças com característica branca como a cabeça dos filhos de Òrísà-ńlá, não podem usar o preto e vermelho, pois esta divindade é contra o preto e o vermelho — escuridão do ventre e sangue. Mas, é a favor

do branco — placenta — seu verdadeiro àlà, roupa branca. O indivíduo com estas características deve vestir-se de cores muito claras.

A não observação das interdições tem efeitos extremamente negativos; tanto física, quanto espiritual e emocionalmente, tornando o incauto incapaz de realizar seus projetos de vida — não são as interdições, de modo algum, superstição de um povo.

— **Ìpònrí** — dedão do pé — guarda a partícula ancestral existente no homem desde a Criação da humanidade, reside no sangue e é o Guardiã Ancestral dos segredos da Criação. É reconhecido como uma segunda Alma associada à cabeça, mas não possui manifestação sensível. Classificado como o dono da cabeça, **Ọlórí**, determina qual é o **Òrìṣà** do indivíduo porque conhece a origem de cada ser humano. Embora o seu culto esteja relacionado ao culto de **Orí**, cabeça, os rituais são realizados no dedão dos pés (homem no pé direito e mulher no pé esquerdo) e aparecem como o passado no futuro, hoje. Para descobrir o **Òrìṣà** da pessoa é preciso fazer uso do **Ifá**, Oráculo, pois somente **Ọrúnmìlà**, que testemunhou a Criação do homem, o conhece. Exemplo — **Odù Òdí-Osè, Òrìṣà Yemọnjá**.

A importância atribuída à Alma Guardiã Ancestral, de repente, ultrapassa aquela que dão aos **Òrìṣà**. O **Ìpònrí** é reverenciado por reis, ricos e pobres do mesmo modo, e com as mesmas reverências.

A cabeça é mais importante que qualquer outra divindade que tenha se transformado em pedra, e esta classificação de superioridade tem relação com o destino do indivíduo, pois a sua sorte está associada à sua cabeça, **Orí**.

Coisas boas acontecem às pessoas com sorte. Para elas, basta um pequeno esforço para que se tornem abastadas. Essas são chamadas de **Ọlórí rere** ou **Èlédá rere** — aquele que possui uma boa cabeça ou aquele que possui uma Alma Ancestral próspera. Enquanto que as pessoas de má-sorte ou sem ela, além de para si mesmas, atraem a infelicidade

para seus familiares e para todos aqueles com quem convivem. Essas são chamadas de **Olórí burukú** ou **Èlédá buburù** — aquele que possui uma má-cabeça ou aquele que possui um Ancestral perverso. Dar a alguém estas alcunhas é considerada uma grande ofensa à sua Alma Ancestral, uma maldição que requer um convite para brigar.

— **Iwáju** — frente da cabeça — e a **Ìpakó** — parte detrás da cabeça, também estão associadas à Alma Ancestral, **Ìpònrí**. Uns acreditam que são almas distintas, e outros, que são controladas por uma única Alma Ancestral.

De um modo ou de outro, estas Almas permanecem na cabeça do homem até a morte. Quando voltam para o Céu, o Guardiã Ancestral **Ìpònrí** faz um relatório sobre o que a pessoa fez na terra, de bom e/ou ruim. A pessoa que fez boas coisas será liberada rapidamente de uma espécie de “Tribunal do Céu” e terá a oportunidade de se preparar para reencarnar novamente ou voltar ao convívio dos seus familiares na Terra.

Mas, a pessoa má será detida e punida. Acredita-se que o Guardiã Ancestral, **Ìpònrí**, seja um dos membros deste “Tribunal” e que seja ele, também, o transportador dos sacrifícios que a pessoa realiza para a própria cabeça. Deixando **Èṣù**, neste caso, livre da incumbência.

Acredita-se que todo indivíduo possui duas Almas Guardiãs — uma reside no Céu e a outra na própria cabeça. A do Céu seria uma parceira espiritual que se reflete no homem como se fosse, uma e outro, um espelho. E como um adulto, faz no Céu as mesmas coisas que a pessoa faz na Terra, mesmo quando o indivíduo encarnado ainda é uma criança.

Para que se obtenha a constante proteção da Alma Guardiã são necessários sacrifícios à cabeça, **Èbòrí**, pelo menos uma vez por ano.

Os suicidas jamais alcançarão o Céu! Havendo renunciado à vida, não pertencem a nenhum dos mundos, e tornam-se espíritos malignos unidos a outros da mesma classe nos topos das árvores como se fossem morcegos.

Os criminosos, os perversos e os avarentos, iguais aos “meus inimigos”, serão condenados a um “céu mau”, **Òrun buburù**, ou a um “céu de cacos e restos incorrigíveis”.

Mas, os que foram bons sobre a Terra alcançarão o “Céu da Felicidade”, **Òrun rere**, e, por meio da reencarnação, terão o direito de voltar à Terra depois que as faltas cometidas forem corrigidas.

Ali, as múltiplas Almas são reunidas e a vida é muito parecida com a vida aqui na Terra, há trabalho para todos e pagamento em bônus espirituais. Permanecerão neste lugar até alcançarem uma oportunidade de reencarnação para retornarem em outra geração — habitualmente dentro da mesma linhagem familiar, reunindo-se aos filhos como filhos. Pois, acredita-se que a linhagem familiar é um grupo que se perpetua — incluindo os ancestrais, os vivos e aqueles que ainda estão por nascer.

A crença do povo **Yorùbá** em reencarnação oferece uma noção exemplar de continuidade cíclica e sem fim, ou seja, uma Alma Guardiã Ancestral poderá renascer em outras gerações que a sucederem — pai como filho, neto, tataraneto..., e assim, por diante. Tendo a divinação a função de determinar qual foi a Alma Ancestral familiar que reencarnou numa criança para poder observar os tabus e o dia exato que os sacrifícios anuais deverão ser realizados.

— **Elédá** — Senhor da Criação — foi quem decidiu sobre a Criação do Homem e é também quem determina o dia que deverá retornar ao Céu.

— **Oríṣà** — Eles vêm um por um — são aquelas Divindades que participaram da construção do Mundo em tempos muito remotos. São desta categoria somente as divindades brancas, como exemplo — **Òrúnmilà**, **Òbàtá-ńlá**, **Àjàlá**, **Orí...** Divindades que não se encaixam neste perfil, são consideradas **Èbòra**, uma força bruta que tem certas dificuldades de relacionamento com o homem, por exemplo, **Ògún** e **Òbàlúwàiyé**, que moram do lado de fora da casa e dificilmente convivem com o homem no mesmo ambiente.

A visão que se tem é que a energia de um **Èbora** não combina com a energia humana. Por isso, o costume é procurar locais adequados para promover os rituais. Acredita-se que os bosques, as estradas, as passarelas e os rios evitam os confrontos com essas divindades.

Para a realização do **Culto a Orí**, cabeça, é necessário entender alguns conceitos:

— No **Òrun**, Céu, habitam os seres sobrenaturais concebidos pelo homem como fantasmas ou sombras de tudo que está manifestado em forma física ou concreta no **Àiyé**, Mundo, e que aparecem para a vida como projeção da realidade espiritual ou para unir o Céu e a Terra.

Esta unidade Céu/Terra é representada dentro dos rituais para a cabeça por uma cabaça cortada ao meio. E essas, quando sobrepostas, a parte superior representa o **Òrun**, Céu, e a parte inferior, **Àiyé**, Mundo.

Os elementos colocados no interior da cabaça representam a imagem do Céu ou do mundo espiritual refletida no mundo físico como que num espelho. Podemos notar, então, que tudo o que há no Mundo tem origem no Céu ou espaço, onde o Criador processa a condição da genética espiritual de cada ser para, posteriormente, transformá-la em genética física materializada no mundo.

— **Èbóri** — ritual de oferenda à cabeça, é composto de: **È** = tu, vós, você. **Bø** = venerar. **Rí**, contração de **orí** = cabeça ou origem. Tendo o significado literal — “Você venera a origem da sua Alma”. É um ritual que promove o reencontro da criatura com o Criador, **Èlédá**, serve para apaziguar a ira dos Ancestrais perversos e para tranquilizar o destino. Pois os traumas causados pelas dores do parto serão eliminados, as frustrações serão amenizadas, a força e a coragem serão restabelecidas, deixando a pessoa pronta para livrar-se com mais facilidade das más influências do mundo. “Cabeça que come ninguém manipula”.

É preciso compreender, também, a importância do espaço gerado em torno de si e aprender a contar o tempo para poder distinguir os períodos favoráveis da vida dentro dos quatro pontos cardeais sabendo que tudo é quatro e não três:

- Ọrun, Espaço;
- Àiyé, Mundo,
- Sánmà, Céu;
- Ilẹ̀, Terra.

Entretanto, Orí tem cinco lados:

- Orí òkè, centro ou meio da cabeça.
- Orí ìpakó, parte posterior da cabeça, occipital.
- Orí ọ̀tun, lado direito da cabeça.
- Orí òsi, lado esquerdo da cabeça.
- Orí ìwájú, frente da cabeça.

Devemos a vida a quatro divindades:

- Ẹ̀léda, Senhor da Criação, pois decidiu sobre a Criação da humanidade.
- Ọ̀bàtá-ńlá, Rei do pano branco, que criou o homem em cima de folhas e com as matérias fornecidas por Ẹ̀léda.
- Àjàlá, Oleiro do Céu, que modelou Orí e inseriu as características de individualidade do destino, Orí Àpẹ̀rẹ̀.
- Ọ̀rúnmìlà, o Céu conhece o filho de Ẹ̀là. Ou: o Céu respira luz pura, que testemunhou a Criação do Homem, e que por isso, conhece todos os mistérios que envolvem a vida humana desde o nascimento à morte.

O quatro sempre aparece quando assunto é **Òrìṣà**:

— **Èṣù, Òrúnmilà, Ọbàtá-ńlá e Ògún**, são as divindades primordiais.

— Mas, se o homem abrir os braços e as pernas, encontrar-se-á direcionado a cinco pontos, pois a sua cabeça ficará voltada para a Origem, **Sánmà = Céu/Luz**. E o cinco aparece para não deixá-lo perder a ligação com Aquele que está no Céu.

Estas cinco divisões são representadas por “cinco partículas” de cristais alojados no cérebro humano e que estão ali para guardar os segredos da Criação. O resto são genes que todo animal possui.

O dia que a humanidade deixar de ser preconceituosa e reconhecer que o Ser que Criou o ser, foi o mesmo que nos ensinou a andar de pé, o homem descobrirá a sua verdadeira origem e conhecerá Deus, ou pelo menos, a visão sobre Ele será aclarada.

Os primeiros filhos do **Ifá**, Oráculo Sagrado, são quatro:

— **Èjì-Ogbè, Ọyèkú-méjì, Ìwòrì-méjì àti Òdí-méjì**.

Porém o “dia” aparece na representação de **Èjì-Ogbè** refletindo Luz sobre as Trevas de **Ọyèkú-méjì** e é isso o que estabelece a continuidade.

O **Ifá** é fundamentado na seguinte estrutura:

— $16 \times 16 = 256 \times 16 = 4096 = 19 = 10 = 1 = \text{continuidade...}$

O importante é entender que o *quatro* é o representante da força estrutural da Terra e que o *três* só aparece para gerar o sete e propiciar o movimento.

O quatro tem uma força estagnada e precisa de outros elementos para poder “girar” dentro de sua própria estrutura e se multiplicar, como explicado anteriormente. É, pois — Estabilidade X Instabilidade. Enquanto que a Estabilidade, por não possuir movimentos, não fala; a Instabilidade, por possuir movimentos, fala.

Outro aspecto conceitual e não “preconceituoso” relacionado à numerologia do Ifá, Oráculo, diz respeito aos números 7 e 9. Eles têm um significado especial dentro do Culto. O 7 representa o poder masculino ao qual a mulher deve recorrer para buscar a força dos seus ancestrais, um elo perdido com o nascimento porque todo o sangue recebido é uma doação da mãe e este vínculo é rompido com o corte do cordão umbilical.

O quarto filho do Ifá “Odù Òdí-méjì” é 4. Se extrair 3 de 7, em algum lugar vai encontrar o 4 que somados a 3, volta a ser 7 = Odù Òdí-méjì, que nasce como 4 e passa a existir como 7, somente para estabelecer os movimentos.

Já o número 9, é resultado do numero 3. É de natureza feminina e está associado ao Odù Ọsá-méjì, que nasce como 10 e aparece como sendo 9 apenas para adquirir estabilidade sobre a sua instabilidade — ventos, movimentos das águas, correntes sanguíneas, etc. A ele o homem deve recorrer em busca dessa força vital doada por sua mãe ou se quiser ir mais longe... Ìyámi Ọṣòròńgá, Minha mãe-feiticeira do pássaro da morte, pois o poder contido neste número propõe resgatar para o homem a Divindade que lhe deu origem, de modo a despertá-la no macaco endireitado — o Culto em todos os sentidos incentiva este reencontro, o que de fato, significa a palavra Religião.

Por esse motivo, durante o ritual do Ẹbọrí algumas opções são feitas, pois o número 7 é indicado para a mulher e o número 9 para o homem. E na hora de definir a quantidade de ẹkọ, acaçá, ou de atare, pimenta-da-Costa, que serão usados na oferenda, ẹbọ, isto será levado em consideração em função do sexo da pessoa assistida.

Sem querer desencadear aqui, um bate-boca sobre o tema — preconceitos, à parte. O certo é que para o Ifá só existe o homem e a mulher. Também no idioma yorùbá não existe uma palavra para definir o homossexualismo. Isto é considerado desvio de conduta, mas certamente não deve ser considerado pecado, e não nos permitimos uma postura moralista de modo a generalizar indevidamente. Pois, desajustes com a sexualidade existem

em vários níveis, e no Homem, esta é uma herança do macaco — há de se compreender. Há também outros, que a título de “opção sexual” escolheram comportar-se de modo oposto a natureza da cabeça, Orí, escolhida na casa de Àjàlá. Cria-se, aí, um dilema. Pois, aos ancestrais femininos pertence o lado esquerdo do corpo, e aos masculinos o lado direito. Neste caso, a qual lado da ancestralidade a pessoa em tal situação deve recorrer? Quantos èkọ, acaçá, deverão ser usados na oferenda? (... 8 é a indicação — acredito).

É preciso observar, pois, na aflição, não se deve procurar um psicólogo emocionalmente perturbado nem um médico sarnento para nos curar de coceiras. Do mesmo modo, não se deve confiar o destino nas mãos de um Sacerdote que tenha uma vida desregrada. “Este axé pode pegar!”. Pois, quando o pai-de-santo masca um pedaço de obì, noz-de-cola, para colocá-lo sobre a cabeça de uma pessoa e reza, neste momento, o seu hálito, a sua respiração, a sua entonação e as suas palavras, determinam que o seu àşẹ seja transmitido. Isso é lei, ordem, comando, assim será ou assim ocorrerá. Àşẹ! O que significa que o poder, a força e também os desajustes, estão sendo transmitidos e que o àşẹ terá uma qualidade relativa à escolha da pessoa.

Por causa disso, o Candomblé tem deixado de ser referência religiosa, e o normal hoje, é dizer que ele não serve para designar o Culto de Òrìşà. Desse modo não serve mesmo! É, pois, chegada a hora do nosso Culto deixar de ser identificado com o estereótipo “Painho” só porque a sociedade, que antes “perseguiu”, resolveu penitenciar-se agora e fazer sua apologia pelos grandes meios de comunicação. Estou tão indignado com a classificação que nos dão que “tenho um fedor horrível no sovaco, mau hálito e chulé”. Tudo isso para tentar evitar ser confundido. Não compete a mim, avaliar nem julgar indevidamente. Cabe-me, apenas, alertar para uma situação de deterioração de valores que é ampla, moral, ética, política, e que neste caso tem implicações nos rituais de uma das religiões mais belas e mais antigas do mundo.

Hoje as pessoas não se fazem de rogadas e perguntam mesmo:

“Se eu raspar santo vou virar bicha?”.

É necessário exemplificar a importância desses detalhes, pois a maioria dos pais-de-santo nem percebem.

— Cabe aqui uma pergunta: “para que serve o galo?”

— O galo serve para absorver a doença ou qualquer outro infortúnio da vida do homem!

— Isso significa que todo àşę pode ser absorvido ou transmitido.

Precisamos, pois, voltar as nossas atenções para a moralidade do Culto e dar um tempo para os “sara eie” porque o Candomblé está sendo destruído em função do mau comportamento dos Sacerdotes. É importante que esses assuntos sejam discutidos às claras, sem melindres ou emoções baratas. Que se pare de por panos quentes nessas perebas purulentas e paremos com as frescuras como se quiséssemos “tapar o Sol com uma peneira”. É simples! É só compreender que a Casa de **Òrìşà** também é uma Igreja. Neste caso, sou obrigado a dar créditos a quem não merece: “ninguém vê essa promiscuidade tão exposta nas Igrejas Católicas ou mesmo na Igreja Universal do Reino de Deus”. Ao Bispo, meus parabéns por conseguir acalmar os ânimos de tantas bichas aglomeradas. Os que são contra o Edir Macedo, que me desculpem — mas o homem é poderoso! Pois, se num Candomblé tiver apenas duas, perde-se o controle da situação. E, se não reencontrarmos o rumo da trilha, se não deixarmos que procurem seus “bofes” fora da Casa-de-Santo, o Culto não servirá para nenhuma família, pois não há pai ou mãe que queira tal referência para os seus filhos. Por mais lindinha que seja a “bicha”. Vale lembrar que, sabemos, tratar-se de uma condição do espírito — **Ọmọ-Àdódí**, Filhos invertidos, são crianças que **Ọsùn** carrega nas mãos. Não é safadeza do cidadão! “Tenho vários **Ọmọ-Òrìşà** homossexuais, mas que se comportam bem — cultuam **Ọsùn** — são uns amores — sabem onde estão.

Orlando J. Santos d’Ògún Dímòlòkò

Conceitos sobre o Ritual do Èbòrí:

Existem várias maneiras de se fazer um ritual de oferecimento a Orí, cabeça. No entanto, a essência do mesmo não pode ser modificada.

— Èbòrí pode ser oferecido quando há uma necessidade da própria Orí Àpèrè e, neste caso, o objetivo é encontrar a harmonia e a prosperidade para a pessoa que se dispõe a fazer o ritual — é um ritual terapêutico e nada tem a ver com iniciação.

— Èbòrí é oferecido na iniciação de Òrìṣà e constitui, neste caso, um dos rituais mais importantes do período, pois possibilita que o Òrìṣà estabeleça vínculo com o meio-ambiente e com o indivíduo. Dependendo da natureza e “dureza” da Orí, são necessários vários. O Òrìṣà será identificado de acordo com a origem ancestral, Ìpònrí, da pessoa. Se Ògún, Òṣun ou Ọbàtá-ńlá..., Ifá dirá.

— Quando a pessoa está ìran ojúran, incorporada, Orí Àpèrè não recebe oferenda. Pois, sendo o Òrìṣà de outra categoria, sua função é basicamente a de trazer ao seu devoto apoio à sua Orí e facilitar suas realizações — Òrìṣà apóia e Orí realiza.

— O sùndìde, despertar do sono, que constitui a “feitura” do Òrìṣà, também é um èbòrí. Isso porque a Orí padrão ou externa é quem recebe as oferendas do Òrìṣà. Neste caso, trata-se de um ritual de Iniciação e a pessoa terá vínculos com a comunidade religiosa. É um ato litúrgico que transforma a pessoa em um Òrìṣà vivo em cima do mundo. Pois, todo o ritual é desenvolvido com a evocação do Orunkò-Àpelé, sobrenome, que receberá e com o qual será apresentado para a comunidade. Repetir o Orunkò-Àpelé quando se refere ao iniciado é o mesmo que reconhecê-lo como Òrìṣà vivo. Omiti-lo é o mesmo que negar o renascimento, o ressurgimento ou o despertar do Ser no Ser.

Àjàlá, o Oleiro do Céu

É o responsável pelas moldagens das cabeças e me parece que bebe. Segundo o *Ìtàn*, relato, bebe muito. Apesar de suas habilidades como Escultor Divino, Ele é muito distraído e se esquece de dar certos acabamentos às cabeças — um exemplo disso é a minha, acho que cozinhou ou queimou demais e ficou muito dura.

O barro mole, arenoso, ou muito duro, dificulta a modelagem de suas esculturas. A *Orí* pode ser esquecida no forno e queimar ou ser retirada antes do tempo e ficar crua como a cabeça dos meus inimigos — uns miolos-moles.

Enfim, *Bàbá Àjàlá* é um “Picasso” fazendo arte no Céu e nem sempre acerta. A coisa pode ficar torta! Mas, de qualquer forma, Ele é famoso e muito importante.

Assim, às vezes boa, às vezes muito boa, às vezes completamente estragada, a cabeça é entregue ao espírito que desejar encarnar-se e ser atirado à própria sorte. Pois, terá que resistir às tempestades durante a jornada para o Mundo, além das dificuldades que terá para encontrar e “unir aqueles que serão seus pais”. Quando os encontra, se estabelece. Mas, terá que suportar as desarmonias do casal, as ameaças de abortos e as desavenças de um mundo onde o Sagrado é obrigado a conviver com o profano sem qualquer ajuste — *Orí*, cabeça, sofre os desgastes. E, temente e enfasiada, deseja voltar para o Céu.

Mas, *Orí* é responsável, sabe que não foi feita para morrer, reconhece o compromisso, resiste e nasce. *Orí* no Mundo recebe a primeira luz, abre os olhos, enxerga um Mundo estranho e percebe que todas as informações que possuía sobre a sua origem, desapareceram — o cordão umbilical foi cortado.

Passando por tantos desafios, Orí agora está fora do padrão de sua moldagem original na “Olaria” de Àjàlá. E, se não encontrar uma família equilibrada, uma boa escola e bons amigos, seus problemas se agravarão e será condenada ao fracasso ainda que empreenda todos os esforços para obter sucesso na vida. Pois, Orí Àpẹrẹ voltará completamente a sua atenção para reparar os erros relacionados à sua criação, aos problemas familiares e sociais.

Agora se um homem teve a sorte de pegar na casa de Àjàlá uma boa cabeça, encontrar no mundo a sua família organizada, ter uma boa escola e bons amigos, tudo o que fizer resultará em prosperidade, sucesso, contentamento e amenidade. Isto acontecerá ou deve acontecer porque a sua Orí Àpẹrẹ não precisará dispor de energias para reparar as adversidades do seu destino. Deste modo, basta trabalhar, estudar e curtir as boas coisas da vida, mantendo o bom comportamento, para que alguma pessoa de mau caráter não venha a estragá-lo.

Uma cabeça assim, somente poderá ser estragada pelas más ações dos filhos do mundo, ọmọ aráiyé, que se tornam inimigos de qualquer pessoa, pois são àjé e oşó, bruxas e bruxos, que possuem um caráter ruim e que podem influenciar os outros. Por isto, as pessoas bem-sucedidas devem se cuidar — ogún idalówókò, medicina preventiva, é o único remédio.

É preciso compreender que uma boa cabeça, “mesmo aquela que foi criada perfeita”, pode sofrer alterações devido haver muitas coisas que podem influenciá-la negativamente. Percebe-se isto quando um homem bem-sucedido, começa a empobrecer até tornar-se miserável apesar do esforço que empreende para livrar-se de uma situação (feitiço) que lhe puseram no caminho. Pois, quando não há maldições no caminho, o homem mantém-se organizado, próspero, com boa saúde e sua tendência é viver longos anos — sua Orí-Inú, Cabeça Interior, está bem.

Òrúnmilà é conhecido pelo nome de Èlérí Ìpín (a testemunha ocular da porção que deu origem ao homem) e somente Ele sabe sobre os compromissos que Orí Inú assumiu no Céu e conseqüentemente o que está marcado para acontecer com uma determinada pessoa. Então, pode aconselhar a desviar-se de caminhos desastrosos e ajudar a encontrar mais rápido e com mais segurança aquilo que Orí busca em cima do mundo. Não há como separar os Òrìṣà dos seres humanos! Sempre tenho dito isto e faço questão de ser recorrente. Pois, Ifá é o instrumento de Òrúnmilà, o Grande Conselheiro da Humanidade, e analogamente, fala dos Òrìṣà e dos seres humanos, e desse modo ajuda na realização dos desejos de todos. Por isso, deve ser consultado como indicador de caminhos certos ou de veredas que possam indicar a saída de uma situação difícil — “quem não pergunta pelo caminho, corre o risco de se perder”.

Mesmo quando as coisas vão bem, não custa perguntar se vão continuar bem. O sucesso alheio sempre será alvo da inveja dos feiticeiros, das bruxas, dos avarentos e dos jovens mal-sucedidos.

Porém, se a infelicidade de um homem não tiver relação com o seu próprio caráter, tudo pode ser mudado, pois as bruxarias, ọfọ ibi, e mau-olhados dos avarentos serão dissolvidos.

Agora, se o caráter do sujeito for ruim, nada poderá ser mudado e as boas coisas do destino podem não acontecer. Pois, quem se apressa na busca pela felicidade é certo que não respeita as normas. É importante saber que liberdade plena não é liberdade. É falta de ética!

É preciso observar o espaço e o que acontece com os outros. Quem não entende os princípios que norteiam os relacionamentos é considerada uma pessoa de péssimo caráter e que está fadada ao fracasso.

Mas, se a pessoa compreende esses princípios, vive dentro dessas normas, e mesmo assim continua sofrendo, Orí Àperè, então, precisa ser apaziguado. E, neste caso, Ifá é a solução. Se carecer de um pombo, carneiro ou um “dinossauro” para resolver a questão, Ifá não se negará a apontar a saída.

Cabeça, no sentido literal da palavra, não se distingue uma da outra. Assim, como ninguém saberá dizer se um homem é louco analisando apenas o seu jeito de andar, ninguém poderá saber qual cabeça obterá sucesso no dia de amanhã, a que fracassará no cumprimento dos deveres ou a que deixará o mundo antes do dia determinado pelo Criador.

A manifestação de Orí como o primeiro Òrìṣà que recebemos, se dá com o nascimento. É nesse momento que a nossa origem no Universo será gravada em nosso inconsciente e seremos ligados ao nosso Èlèda (Criador ou Mente Superior) que é nossa fonte de sobrevivência no Àiyé (mundo). É daí que Orí extrai a força que a conduz na jornada da vida, e, sem deixar de ter flashes de sua origem no Céu, sabe que aquele que nos doou a vida (èmí = respiração) nos conduz, também, para a morte (Ikú = prostração). Deste modo Orí, origem do ser, retorna ao seu Criador, Èlèda, “mente superior” que por um período esteve, também, ligado à Terra, Aiyé. E, assim, transforma a morte física em vida espiritual e guarda na memória as experiências que somam como desenvolvimento. Pois, se o pensamento provoca uma ação, a própria ação provoca uma reação e os resultados colhidos serão em resposta à conduta do indivíduo e dependendo do seu estado mental e emocional é que se pode classificá-lo como uma pessoa de bom ou de mau Orí.

Olódumarè doou-nos perfeição quando nos fez semelhantes, dotando-nos de uma sabedoria transcendental. Para isto ser compreendido é necessário que se possua uma boa Orí, pois desde o comando dos movimentos do nosso corpo, nossa boa saúde, nossas alegrias e a até nossa prosperidade, provêm da nossa cabeça — alguém já disse: “Somos o que pensamos”. Os seres humanos que possuem uma Orí ruim e que são, por natureza,

arrogantes, prepotentes e ambiciosos, a estes, restam somente a cobrança do Universo e a aplicação da Lei da Ação e Reação.

É falsa a afirmativa: “Os Òrìsà castigam!”. Pois, os sofrimentos são causados pelo desequilíbrio entre a emoção e a razão, e têm relação com as atitudes que tomamos perante nossos semelhantes, uma vez que as ações geram reações a favor ou contrárias, conforme o nosso comportamento. Se a Orí é boa ou ruim, a resposta vem e avisa — é isto o que você é!

Do modo como observo o mundo, penso, às vezes, que a maioria acha que o valor de um homem está na quantidade de coisas ou bens materiais que consegue acumular. Mas, é preciso observar que tal ser humano bem sucedido, para suprir tamanhas necessidades e para aplacar a própria ganância, não mede sacrifícios nem se preocupa com os meios usados para atingir seus objetivos — mesmo que não sejam compreensíveis para o resto da humanidade.

O Culto e a Cultura Yorùbá exigem consciência absoluta na relação homem/homem, homem/natureza, acreditando que os poderes doados não podem ser usados de modo imprudente. O povo de Òrìsà sabe que não deve retirar sequer uma folha, se dela não for fazer uso. Logo, o verdadeiro valor do ser humano não pode ser medido ou explicado de acordo com os bens que possui, mas sim pelo seu caráter e sabedoria. Esta, ainda, não deve ser usada em benefício próprio somente, e sim, para ajudar no crescimento de outras pessoas e para manter o equilíbrio da Terra, a fonte de sustentação da vida e de onde provêm todas as boas coisas que fazem parte das ilusões do homem.

Bruxarias existem! Acidentes ocorrem! Mas, a maior desgraça do homem é viver implorando pelas ilusões que o mundo oferece. Por isso, instala na própria cabeça — a inveja, a ansiedade, a depressão, a irritação, a doença, e por fim, a morte antes do dia marcado para retornar. Pois, não consegue compreender que é apenas mais um demente e

que segue as regras impostas por uma sociedade hipócrita. E, assim, o seu Deus passa a ser “coisas” e os seus deuses, “mais coisas”.

Só mesmo observando Orí conseguiremos compreender a natureza específica do homem e grandeza da Sabedoria Divina que codificou todas as “coisas boas” e as inseriu em nossos destinos. Entretanto, a grotesca insensibilidade da Humanidade não consegue perceber que há em cada um, uma força sutil que nos garante a paz e a felicidade. Mas, nem “todos” se põem a correr atrás da riqueza por não entender, que ela, também, está inserida no destino de todos os homens e que não deve ser traduzida apenas como saldo bancário, casa de praia, “malas de dinheiro ou dinheiro na cueca”. Vergonhosamente é como se a parte divina do homem fosse extinta e o bicho voltasse a ser bicho — Aya gbó, Macaco Ancestral, cujo costume devia ser roubar até a banana do outro para encher a pança.

É isto o que se observa, mas a pessoa envolvida no Culto, e àquela que deseja ingressar nele, deve ser ou estar informada da lealdade que deve ter para com os princípios da Religião para não pensar que “espalhar brasas dançando para os orixás” é o suficiente. É preciso resignação, atitude, compostura, discernimento e abster-se da presunção sem propósito, pois tudo isso somado resulta numa coisa só — **Sabedoria**.

Podendo-se concluir daí, que o iniciado que possua estes elementos como princípio, representa a unidade física e espiritual ou a unidade entre aquilo que pensa e aquilo que põe em prática.

O que não possui, sempre terá problemas, tais como — tensão, nervosismo, dores de cabeça e se agita mais do que realiza. Parece ser manipulado por Èṣù e atirado de um lado para outro sem piedade. Isso porque não possui um objetivo concreto e por não compreender que se a Orí pensa em algo, os pés buscam encontrá-lo e as mãos finalizam aquilo que foi pensado por Orí — a isso pode se dar o nome de harmonia ou equilíbrio.

Como já observamos, **Orí Inú** é a nossa cabeça interna e que foi moldada por **Àjàlá**, o Oleiro do Céu, apresentado como o Picasso que “entorta” as obras de arte ou o artesão alcoólatra que dorme e se esquece das esculturas no forno, é descrito em um dos **Ìtàn**, relatos, de **Orí** assim:

Àjàlá é aquele que fabrica as cabeças no **Òrun**, Céu, e que todo espírito que vive no **Òrun** e que pretende viajar para **Àiyé**, Mundo, deve antes, ir à casa de **Àjàlá** escolher a sua **Orí**, cabeça. Acredita-se que tal escolha predestina o homem ao sucesso ou ao fracasso em sua vida na Terra. Isto porque **Àjàlá** gosta de tomar uns pileques, erra na composição e deixa “algumas cabeças” fora do padrão adequado — umas ficam muito moles como as dos meus inimigos e outras muito duras, como a minha.

A cabeça viaja para a Terra e terá que atravessar zonas hostis e enfrentar muitas tempestades — uma metáfora que se entende como a luta empreendida pelo espermatozóide para acoplar-se ao óvulo —. Desse modo, a **Orí** mole ou mal feita por **Àjàlá**, chega ao Mundo, praticamente dissolvida e atarantada, coitada. Aí terá que trabalhar muito para reparar os danos causados, e por isso, terá uma vida de sacrifícios e passará por grandes privações em virtude de não conseguir prosperar. Pois, tudo o que produzir terá que usar para suprir alguma necessidade de primeira ordem.

Enquanto que a mais “durinha” por não ter sido muito danificada, apesar de passar por dificuldades e provações nos seus primeiros anos de vida, quando terminar os reparos, começará a prosperar — é o tipo de **Orí rere**, cabeça boa, predestinada à felicidade.

Há ainda aquela **Orí** que foi tão danificada que por mais que trabalhe, jamais conseguirá consertar os danos causados. Todos os recursos que conseguir nesta vida serão gastos para resolver os problemas que ela mesma causa — é o tipo de **Orí buburú**, cabeça perversa, malvada, má, que passará a vida toda vegetando e nunca conseguirá realizar qualquer coisa, pois a cabeça, simplesmente, não presta.

Orí aparece no conceito yorùbá como sendo a mais importante das divindades, pois é aquela que nos guia para os sucessos ou fracassos da vida. É a Divindade Suprema do Homem e só se curva diante de Olódùmarè.

Um absurdo é ver pessoas envolvidas com o Culto não terem sequer um conhecimento básico sobre Orí, pois tudo o que se ouve dessas pessoas é — “vou dar comida à minha cabeça”. Parece-me que não buscam um rumo, uma direção. É como se não compreendessem a importância do recipiente da existência humana.

Há muitos “Títulos” que designam Orí e que esclarecem sua magnitude como a Divindade do Homem.

— Orí-Işedédé — cabeça que propõe a retidão do caráter;

— Orí-Işegbe — cabeça da perdição ou destruição;

— Orí-Işése — cabeça que designa a ocupação ou a tarefa a ser cumprida no Mundo por ser o Criador de todas as Divindades —. Esta tem autoridade sobre Orí-Inú, cabeça interna e individual do destino;

— Orí-Àtarí-Alábarò, cabeça é a coroa que compartilha dos sentimentos;

— Orí-Àkókò-àiyé, cabeça que designa o tempo de vida.

“Exceto as Divindades que testemunharam a Criação de Orí, todas as demais lhe prestam homenagem em forma de manifestação”.

— Orí-wérewère — cabeça boba;

— Orí-Kó-l’Orí — cabeça sem juízo;

— Orí-Ìnira — cabeça atribulada;

— Orí-Sūrù — cabeça passiva, é o tipo de cabeça das pessoas que o mundo está desabando, e ela, “tá nem aí”.

— No próprio ato do Ìka-f'orí-gbalè, ao se tocar a testa no chão, “bater a cabeça” refere-se ao respeito que se deve ter com a própria Orí, embora a maioria dos que chegam ao Culto pensem tratar-se de mera submissão.

— No momento do nascimento, Orí-Òde, cabeça externa, por nascer primeiro e receber a primeira luz, restabelece a ligação com a sua Orí-Inú, cabeça interior, determinante do seu destino no Mundo. Devido a isto, a cabeça física deve ser propiciada com o devido respeito e tratada juntamente com Orí-Inú, a sua companheira para todas as causas da vida.

Como observamos, ao ser humano é oferecida a oportunidade de escolher a própria cabeça no Òrun, Céu, para acompanhá-lo no Mundo a fim de cumprir o destino segundo sua própria escolha. Até mesmo os Òrìṣà possuem a sua Orí, o seu destino individual, e cumprem-no adequadamente. Que façamos nós, os humanos, a mesma coisa. Assim, poderemos representá-los como Òrìṣà vivos em cima do Mundo, fazer valer a nossa origem e não envergonhar “Aquele” que deu início a nossa criação e desenvolvimento.

É preciso compreender que nada poderá acontecer se antes não fizermos uma escolha e determinar qual é o nosso desejo. Isto é igual saudar Orí e determinar que algo seja realizado. Esta determinação será acoplada à consciência de Olódùmarè que dará impulso a Èlèda que é o pensamento criativo de Deus em nós.

Ìtàn (Relato)

Odù Èjì-Ogbè — o nascimento de Orí — Cabeça

O Odù Èjì-Ogbè nos revela como Orí, Cabeça — uma divindade —, conseguiu um lugar permanente no corpo. Diz que o seu nome era Àmure-Awo-Awo-Èbá-Òna, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem, Omọ-Àtetè-ni-Ìran, Filha da massa propiciatória da descendência, que posteriormente passou a chamar-se — Orí, Cabeça.

O Ìtàn, relato, nos conta que nenhuma Divindade possuía cabeça, pois Àmure-Awo-Awo-Èbá-Òna, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem, em si mesma era uma Divindade.

— Um dia, no Òrún, Céu, Òrúnmilà disse que havia consultado Ifá para a Palmeira e esta lhe havia pedido para possuir uma cabeça a fim de obter uma aparência completa — Ùn-hũn-s'wú-ẹ̀n-běni — Assim exagerou! Assim! Assim! E assim... E que Ifá a havia recomendado sacrificar quatro Obì, uma panela de barro e uma esponja com sabão — que pusesse tudo dentro da panela e guardasse num “Lugar Sagrado”, sem partir os Obì, pois uma Divindade muito forte o faria mais tarde — a Palmeira se recusou a realizar o sacrifício.

— Àmure-Awo-Awo-Èbá-Òna, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem, também querendo saber como obter uma fisionomia completa foi se consultar com Ifá.

— Foi-lhe aconselhado sacrificar quatro Obì, uma panela de barro e uma esponja com sabão ao seu Ìpònrí, Anjo Guardião, pois enquanto não fizesse o sacrifício, não prosperaria.

— Àmure-Awo-Awo-Ẹbá-Ọ̀na, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem — realizou o sacrifício.

— Após Àmure-Awo-Awo-Ẹbá-Ọ̀na, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem — ter realizado o sacrifício, Ọ̀rúnmilà deixou os Obì no Lugar Sagrado de Ifá como fora recomendado.

— Pouco depois, Èṣù saiu anunciando pelo Céu que Ọ̀rúnmilà havia deixado quatro belos Obì no Lugar Sagrado de Ifá e que estava à procura de uma Divindade que fosse suficientemente forte para parti-los.

— Encabeçadas por Ọ̀gún, todas as Divindades foram visitar Ọ̀rúnmilà, uma após a outra; porém Ele disse — “ninguém dentre Vocês é suficientemente forte para partir os Obì”. Todas se sentiram ofendidas e se afastaram da presença de Ọ̀rúnmilà. Até mesmo Ọ̀bàtálá (descrito aqui como sendo o próprio Olódùmarè) visitou Ọ̀rúnmilà que se justificou oferecendo outros Obì distintos, pois os Obì em questão não estavam destinados a serem partidos por Ele — Olódùmarè ou Ọ̀bàtálá.

— Como se sabe, Ọ̀bàtálá nunca perde a paciência. Então, aceitou os Obì que lhe foram oferecidos por Ọ̀rúnmilà, e foi-se embora.

— Finalmente, Àmure-Awo-Awo-Ẹbá-Ọ̀na, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem, também, foi visitar Ọ̀rúnmilà já que Ela era a única Divindade que não havia tentado partir os enigmáticos Obì. Mas, como sua forma era apenas uma “bola”, foi rolando à casa de Ọ̀rúnmilà que, tão logo a viu, foi ao seu encontro, pegou-a carinhosamente e a levou para dentro do “Lugar Sagrado de Ifá”.

— Òrúnmìlà pegou a panela, encheu de água e usou a esponja e o sabão para lavar Àmure-Awo-Awo-Èbá-Òna, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem.

— Após secá-la, Òrúnmìlà a levou até o “Lugar Sagrado de Ifá” e pediu a Ela para partir os Obì, explicando que os mesmos lhe pertenciam e que estavam ali a sua espera.

— Agradecida pelo honroso gesto de Òrúnmìlà, Àmure-Awo-Awo-Èbá-Òna, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem — rezou por Ele com os Obì a fim de que tudo o que fizesse fosse aceito e cumprido.

— Em seguida, utilizou os Obì para orar por si mesma, para ter uma moradia permanente e muitos seguidores. Então, rolou para trás e, tomando impulso, arremeteu-se contra os Obì que se partiram causando uma ruidosa explosão que pode ser ouvida em toda a extensão do Òrún, Céu.

— Ao ouvir a explosão, todas as demais Divindades compreenderam de imediato que finalmente os Obì haviam sido partidos e ficaram curiosas para saber quem havia conseguido parti-los — pois os Obì haviam desafiado a todos, inclusive a Òbàtálá.

— Quando posteriormente Èṣù anunciou que fora Àmure-Awo-Awo-Èbá-Òna, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem, quem os havia partido, todas as Divindades concordaram que Ela era a Divindade certa para fazê-lo e a chamaram de Orí, Origem — a mais importante das Divindades — Cabeça.

— Imediatamente, as mãos, os pés, o corpo, o estômago, o tórax, o pescoço, etc., que até então tinham identidade isolada, se reuniram e decidiram ir viver com Orí, Cabeça, compreendendo o quanto Ela era importante. Juntos, todos levantaram Orí, Cabeça, sobre Eles e ali, no Lugar Sagrado de Òrúnmìlà Bàbá Ifá, Orí, Cabeça, foi coroada a Rainha do Corpo.

— Òrúnmìlà pegou a panela, encheu de água e usou a esponja e o sabão para lavar Àmure-Awo-Awo-Èbá-Òna, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem.

— Após secá-la, Òrúnmìlà a levou até o “Lugar Sagrado de Ifá” e pediu a Ela para partir os Obì, explicando que os mesmos lhe pertenciam e que estavam ali a sua espera.

— Agradecida pelo honroso gesto de Òrúnmìlà, Àmure-Awo-Awo-Èbá-Òna, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem — rezou por Ele com os Obì a fim de que tudo o que fizesse fosse aceito e cumprido.

— Em seguida, utilizou os Obì para orar por si mesma, para ter uma moradia permanente e muitos seguidores. Então, rolou para trás e, tomando impulso, arremeteu-se contra os Obì que se partiram causando uma ruidosa explosão que pode ser ouvida em toda a extensão do Òrún, Céu.

— Ao ouvir a explosão, todas as demais Divindades compreenderam de imediato que finalmente os Obì haviam sido partidos e ficaram curiosas para saber quem havia conseguido parti-los — pois os Obì haviam desafiado a todos, inclusive a Òbàtálá.

— Quando posteriormente Èṣù anunciou que fora Àmure-Awo-Awo-Èbá-Òna, Cinturão do Mistério — Segredo da Passagem, quem os havia partido, todas as Divindades concordaram que Ela era a Divindade certa para fazê-lo e a chamaram de Orí, Origem — a mais importante das Divindades — Cabeça.

— Imediatamente, as mãos, os pés, o corpo, o estômago, o tórax, o pescoço, etc., que até então tinham identidade isolada, se reuniram e decidiram ir viver com Orí, Cabeça, compreendendo o quanto Ela era importante. Juntos, todos levantaram Orí, Cabeça, sobre Eles e ali, no Lugar Sagrado de Òrúnmìlà Bàbá Ifá, Orí, Cabeça, foi coroada a Rainha do Corpo.

— Por causa do papel desempenhado por Òrúnmilà em seu favor e para sua felicidade, é que Orí, Cabeça, de todos os iniciados, deve tocar a Terra para demonstrar respeito e reverência a Òrúnmilà. É isto o que justifica o ato do dòbálè e ikàforí-s'ilè.

— Também por esta razão, apesar de ser a mais jovem dentre todas as Divindades, Òrúnmilà, por representar o “Cérebro de Olódumaré”, é considerado o mais importante.

Observação:

— A pessoa a quem o Odù Èjì-Ogbè for divinado, para viver muito tempo na Terra, deverá procurar um Bàbálawo para preparar e guardar dentro do crânio de uma cabra, sabão com àgúnmu, pó de asinku — uma espécie de rato, agemo — camaleão, e folhas de Ifá.

— Èjì-Ogbè é o Odù que deu nascimento a Orí, logo, sempre que Ele surge no Ifá, Oráculo, é recomendado eborí, oferenda à Cabeça.

Ìtàn (relato)

Odù Ogbè-Ìrètè nos ensina como nasceu o Cerebelo

Quando os Odù começaram, por ordem de Olódumarè, a criação do ser humano, Ogbè'Rètè teve uma divergência com Èjì-Ogbè, o construtor da cabeça. Pois Ogbè'Rètè havia criado um órgão que ajudaria o Cérebro a controlar o corpo, o Cerebelo.

Tudo caminhava bem, porém um dia surgiu uma discussão provocada pela inveja entre o Cérebro e o Cerebelo pela supremacia para controlar o corpo. Então as pessoas passaram a sofrer de terríveis convulsões (Dança de São Vito ou Coréia).

Então, Olódumarè se envolveu no assunto e mandou que Òrúnmilà revisasse a Criação de Ogbè'Rètè, e este assim o fez, delimitando as funções do Cérebro e do Cerebelo.

Isto Ele conseguiu fazendo Èbòrí com 16 galos e os dois couros das patas dianteiras de um touro amarrados na cintura dos seres humanos; com isto Cérebro e Cerebelo se ajustaram em suas funções e o corpo, harmonizado, passou a funcionar bem. O nascimento de Orí — Cabeça, a rainha do corpo.

Ìtàn (relato)

Odù Èjì-Ogbè nos ensina como Orí obteve um corpo

Orí, a Cabeça estava sozinha em uma praça e tinha diante dela muitos Obì que comercializava. Šàngó chegou e a Cabeça lhe disse que não podia pegá-los a não ser que remediasse sua situação, pois Ela só podia falar e estava chateada e cansada de tudo. Šàngó pegou os cocos, nada resolveu e a Cabeça o mandou embora.

— Depois, Òrúnmìlà chegou à praça e viu os Obì. Pediu-os à Cabeça e esta lhe disse que os entregaria se resolvesse sua situação.

— Òrúnmìlà aceitou e disse: “Você tem que rezar e fazer sacrifício de animais, carnes, alimentos, Obì e muito dinheiro. Oferecer Obì para a Cabeça comer durante os dezesseis dias”.

— Assim fez a Cabeça, e primeiro nasceu o pescoço, depois os braços, até que ao cabo de dezesseis dias todo o corpo estava completo. Com os ossos dos animais formaram os ossos dos braços, costas, pernas, etc. Com as carnes e alimentos formaram-se as vísceras e partes moles do corpo. Agora já completa, a Cabeça com seu corpo, ficou muito agradecida a Òrúnmìlà e lhe disse: “O Senhor é meu Pai, pois veio ao mundo para governar, porém era necessária esta operação para que tudo fosse completo”.

— E a Cabeça sentenciou: “A partir deste instante Òrúnmìlà governará o Mundo e todos terão que ir aos seus pés”.

Ìtàn (relato) Odù Òfún-Ìrètè

Wére-wè-rí — rapidamente-limpar-a cabeça — consultou Ifá no Céu para Orí-Òwerè — cabeça que se esforça para recuperar alguém — e para as 401 divindades. Ifá disse que Orí-Ògbón — cabeça da sabedoria ou da sensibilidade — deveria guiá-los até Olódumarè e que Eles fizessem o sacrifício de Obì, noz-de-cola, na realização.

A ordem era para que todos acordassem muito cedo e saudassem a sua Orí-Ògbón em honra a Olódumarè — todas as divindades desconsideraram o conselho e perderam a hora... Somente Orí acatou o conselho, acordou bem cedo, atirou-se ao chão em homenagem ao seu Criador e realizou o sacrifício — o sacrifício de Orí foi aceito por Olódumarè.

Depois disso, todos os Òrìsà ficaram desesperados e foram pedir a Orí-Ògbón para levá-los até Olódumarè a fim de poderem fazer suas oferendas e abrir o “Obì da Autoridade” — não conseguiram.

Somente Orí, que havia feito o sacrifício do “Obì da Sabedoria”, conseguiu abrir “Obì da Autoridade” e a resposta do Oráculo, Obì, foi favorável e daquele dia em diante o lugar mais alto — Àpèrè — do Céu passou por direito a pertencer a Orí.

— Com muita inveja da posição que Orí passou a ocupar, os Òrìsà, tentaram destroná-lo e Òrìsà-ńlá foi o primeiro a desafiar a sua autoridade. Orí o pôs no chão em Àjàlámó onde se tornou especialista em moldar cabeças — Àjàlá —. Orí deu uma função a todos os Òrìsà.

— Orí conquistou todos os Òrísà.

— Orí criou Ifá. Ifá se tornou especialista em Ikin, Oráculo.

— Orí criou ìwa-l'èwà, a beleza do caráter, pois através das escolhas que fazemos moldamos o nosso comportamento e atitudes. Sem tal postura não se consegue consumir o destino de modo adequado.

Um homem de bom senso e que conhece a Cultura, sempre dirá:

Orí mi o!

Şe rere fún mi!

Oh, minha cabeça!

Faça o bem para mim!

Entre os Ìtàn, relatos, em Odù Òtùwá-méjì há um que esclarece sobre a importância de Orí quando comparada a outros Òrísà, e também, o quanto sofre para chegar ao Mundo e tornar-se um ser humano.

Diz que Orí se perdeu no caminho que dá acesso do Céu à Terra, Òrun Àiyé.

Amanheceu...

Òlókànràn — Ser contagioso tal qual uma doença — não foi coroadado.

Amanheceu...

Òlókànràn não pôs no pescoço um colar de nobreza.

Amanheceu...

Òlókànràn não pôs roupas e jóias para sair com brilho.

É com nobreza que se tratam os nobres.

Os mais velhos sempre deixam os mais novos em seus lugares.

Prosperidade é crescer na vida.

A Orí para ser coroadada não precisa ser grande.

O pescoço que leva um colar de nobreza não precisa ser grande.

No dia que Orí estava viajando para a Terra...

Orí se perdeu. Orí foi se consultar com Egúngun — Ancestral.

Orí se perdeu. Orí foi se consultar com Oro — Ancestral.

Orí se perdeu e foi consultar o Ifá — Oráculo.

— Ifá disse:

“Aquele que viaja para a Terra e deseja ser importante, deve deixar espaço para o conhecimento, pois deixar de perguntar pelo caminho faz o homem se perder” — Orí é muito teimoso!

— Òrìṣà-nlá chamou Orí e disse:

“Orí você tem sabedoria?”.

“Você não sabe que Oṣó é o líder dos feiticeiros?”.

“Você não sabe que Àjé é a líder das bruxas?”.

“Orí é o Ser que dá origem ao Ser”.

“Orí é o animal que dá origem ao animal”.

“Você não sabe que nem mesmo as árvores foram para a Terra sem consultar o Ifá — Oráculo?”.

“Você não sabe que nem mesmo as folhas foram para a Terra sem consultar o Ifá — Oráculo?”.

— Ṣàngó chamou Orí e disse:

“Quando se fala com sabedoria a uma pessoa e ela não entende, devemos chamá-la de ‘não sabe?’”.

— Orí, cansada dos problemas, não soube responder.

Pois, aquele que não pergunta sobre os problemas, não sabe quais são os problemas.

— Ògún chamou Orí e disse:

“Você não sabe que és a mais velha entre os Òrìṣà?”.

“Você não sabe que és a líder dos Òrìṣà?”.

— Orí estava muito cansada e se mostrou aborrecida.

— Ògún disse:

“A pessoa a quem se ensina sabedoria e não aprende é igual a uma árvore, não responde”.

“Ensinar sensibilidade a uma pessoa insensível é como esbarrar numa árvore”.

“Ensinar o caminho a uma pessoa que não o reconhece é como esbarrar numa árvore”.

“Já lhe ensinei sabedoria, acrescente a sua própria sabedoria”.

“Já lhe dei noção, agora acrescente a sua própria noção”.

“Quando se recebe sabedoria de um sábio essa sabedoria deve ser acrescentada para que sirva de orientação”.

— Ògún foi-se embora, falando:

“Orí, quem tem sabedoria é chamado de sábio”.

“Orí, quem tem sensibilidade é chamado de sensível”.

— Orí, cansada de si mesma, foi se consultar com Èṣù e disse:

“Èṣù você é famoso por sua generosidade, por isso, vim consultá-lo sobre os meus problemas”.

— Orí pediu a Èṣù para levá-la à Terra.

— Èṣù disse:

“Deixar de perguntar pelo caminho é o que faz a pessoa se perder”.

“Quem tem prosperidade na vida deve separar a minha parte”.

“Quem almeja gerar filhos não pode me deixar para trás”.

“Quem ambiciona prosperar não pode me deixar para trás”.

“Orí, você não sabe que sou o mensageiro de Olódumarè?”.

— Èṣù disse:

“Estou lhe empurrando para a direita e para a esquerda sem constrangimentos”.

— Magoado, Orí se retirou da presença de Èṣù.

— Èṣù chamou Orí de volta e disse:

“Quem faz uma pergunta deve aguardar a resposta”.

“Dê-me três búzios, um galo, azeite-de-dendê e bebida, que a levarei à casa de Òrúnmilà”.

— Orí providenciou o material que Èṣù pediu:

— Èṣù levou Orí à casa de Òrúnmilà.

— Òrúnmilà entregou os três búzios para Orí e pediu que falasse sobre eles, dos seus problemas.

— Orí falou dos seus problemas sobre os búzios e os entregou para Òrúnmilà.

— Òrúnmilà consultou o Ifá e o Odù, Código, que apareceu foi Òtùwá-méjì.

— Òrúnmilà disse:

“Orí, você se perdeu no caminho e foi parar no infinito”.

“Você sofre tanto que já está perdendo os cabelos”.

“Você andou tanto que foi parar na casa de Ṣàngó”.

“Você andou tanto que foi parar na casa de Ògún”.

“Eles lhe disseram palavras de sabedoria, mas você não entendeu as metáforas”.

“Quem lhe trouxe aqui foi Èṣù, agradeça-o”.

“Ninguém vai para Terra sem antes consultar o Ifá (Oráculo)”.

“Ninguém faz nada na Terra se deixar para trás a importância de sua Orí”.

— Òrúnmìlà disse que Orí precisava sacrificar:

Dois roedores, dois peixes, um galo, uma cabra (com chifres), obì, orógbo e bebida (gim).

— Òrúnmìlà recomendou que Orí sacrificasse:

Um galo para Èṣù e um obì de três partes para Èlédá (Criador).

— Após realizar os sacrifícios, Òrúnmìlà disse:

“Orí, o seu problema não está com Egúngun nem com os Òrìṣà”.

“O seu problema está com o seu Èlédá (Criador), criatura”.

Isto significa que os Òrìṣà podem até aplicar punições ao devoto incauto, mas terão que usar as artimanhas de Èṣù para executar a ação; enquanto que uma Orí (cabeça) desorganizada aplica as punições por si só. Logo é a mais bondosa, e também a mais perigosa dentre as divindades.

Orí é aquela que apóia ou destrói o ser humano. E, por isto, deve ser louvada antes de qualquer outro Òrìṣà. Ela é o recipiente de adoração da vida.

Uma palavra de Ifá avisa sobre esta questão:

Orí mi a bá bò kí a tó b' Òrìṣà.

Minha cabeça alegremente encontra proteção a fim de surpreender bastante o orixá.

Kò sí Òrìṣà ti ndáni bẹ lẹhìn Orí ẹni.

Não existe orixá que vença a luta deste modo. Acompanhando a cabeça, quem?

Esta é a razão pela qual há pessoas que mesmo enfrentando grandes desafios na vida, às vezes, até causados por maldade alheia, conseguem encontrar recursos e forças para continuarem fazendo e realizando seus projetos com resultados positivos porque acreditam em suas cabeças.

Ẹniyàn kọ fẹ k'ẹrú fi aṣọ, Orí ẹni ni sọ ni.

As pessoas não gostam de ser escravas dos “adereços” e a cabeça é quem as empurra para frente.

Esta é uma expressão que reafirma a importância de uma Orí resistente e capaz de sobrepor-se às adversidades da vida. Pois, por mais duras que sejam as lutas, Ela é capaz de orientar o homem e de garantir a sua sobrevivência e um espaço adequado na sociedade, por mais difícil que pareça. É esta a força que chamamos de Aṣẹ, vitalidade ou força vital de Orí que diferencia ou individualiza as pessoas. E, por ser uma força sutil e interna, não nos é permitido fazer julgamentos baseando-se nas aparências, pois nada que está aparente sinaliza esta condição humana.

No Odù Òsá-méjì, Ifá nos passa uma grande lição sobre esta questão em resposta a uma consulta feita ao Ifá para Mòbowú (Vagina agradável), ìyáwó Ògún (esposa de Ogum):

Orí bururú ki i wú túlu

A Cabeça perversa a fim de ser rabugenta destrói uma aldeia.

Akíni i ẹṣẹ àsiwèrè mọlojú-ọna.

Aquele que saúda um visitante não consegue distinguir os passos do louco se olhar com desdém o caminho.

Akíni i mọ̀ rí oloyè lawó-jo.

Aquele que saúda um visitante nunca reconhecerá um líder generoso em terras estranhas.

Adifá fún Mòbowú nti şé obinrin Ògún.

Babàlawo disse a Mòbowú, para ofender a mulher de Ògún.

Orí tí jọba lólá ẹ̀nikan mọ̀!

A cabeça que reinará amanhã ninguém sabe!

Kí t'ọkọ-t'aya o mọ̀ pé-r'awọ̀n ni wére mọ̀ ẹ̀mí.

Que marido e esposa se compreendam para que possam com rapidez construir a vida.

Orí tí jọba lólá ẹ̀nikan mọ̀!

A cabeça que reinará amanhã ninguém sabe!

Orí é a divindade que encontra os recursos adequados para suprir as nossas necessidades. Nos acertos ou desacertos de cada pessoa, Orí é a única responsável por isto, pois permite organizar ou desorganizar a vida dos indivíduos.

Um oríkì ti Orí (saudação às origens da cabeça) reforça esta questão de o quanto Orí pode ser boa e ao mesmo tempo perigosa:

Orí lò ńdá ẹ̀nia Ẹ̀sin ọ̀n d'aye.

A cabeça se aproveita para prostrar o ser humano — este é o credo dela na vida.

Òrísà lò npa ẹ̀nia ńdá.

O orixá se aproveita de um instante para prostrar o ser humano.

O npa Òrísà ńdá.

Num instante o orixá o prostra.

Òrìṣà lò npa òdà.

O orixá se aproveita de um instante para prostrar.

Bí ìṣu wòn sun, aye mã pa t'èmi dà.

Se inhame desejar fluir como água (expandir suas ramas); a vida não o extingue, a vida o transforma.

Kí Orí mi mã ṣe Orí mi.

Que minha origem continue agindo na minha cabeça.

Ki Orí mi mã gbà a bòdí.

Que a minha origem continue aceitando alegremente me proteger da desgraça.

Toda pessoa deve buscar a força da própria cabeça para encontrar soluções e vencer as provas da vida. Pois, como a cometer ato de canibalismo, Orí se alimenta de Orí ou de pensamentos nobres que é a essência da cabeça interior, e assim — sobrevive, percebe a aflição do homem e o favorece — é o Ser quem dá origem ao Ser.

Tudo que necessitamos devemos pedir a nossa Orí até mesmo antes de pedir para Olódumarè, isso porque Orí ocupa o posto mais alto do Céu.

Num Ìtàn (relato) do Odù Ògúndá-méjì encontramos um relato que dá uma noção da relação causas (pensamentos) e efeitos (resultados) na vida do homem:

Orí eu te saúdo!

Aquele que é sábio foi feito sábio por sua própria orí (origem).

Aquele que é tolo foi feito mais tolo que um pedaço de inhame por sua própria Orí (cabeça).

No Odù Ogbè-Yonú, encontramos:

Quando acordo de manhã coloco as minhas mãos na Orí.

Orí é a minha fonte de boa sorte, Orí é Orí! A cabeça é a origem!).

Como o leitor já deve ter percebido, a vida é processada em dois mundos distintos. Mas, tanto o **Àiyé** quanto o **Òrun** ocupam o mesmo espaço e não estão separados ou distantes um do outro, e não há como concebê-los independentemente, pois ambos são representados por uma única **Igbá-odù-orí** (cabaça do destino da cabeça) dividida ao meio onde uma parte complementa a outra como uma imagem que se inverte ao refletir-se no espelho. É como **Ọbàtá-ńlá** e **Òdùdúwà**, ambos são Divindades Brancas, pois são filhos do mesmo bojo da existência. Mas, **Ọbàtá-ńlá** representa a parte superior da cabaça e conseqüentemente, o Céu, os espíritos que nele habitam, e que por isto, veste-se de branco. **Òdùdúwà** representa a parte inferior da cabaça e conseqüentemente, a Terra, os espíritos que estão acoplados a sua estrutura e a continuidade da humanidade, e que por isto, veste-se de preto. É um refletindo no outro sem perder a identidade.

As cores do Culto de **Òrìṣà** são somente: preto, vermelho e branco.

São informações que, acredito, a **Ìyáwó** carece: **Ìyá Olókun**, esposa de **Òdùdúwà**, é uma divindade do preto. Mas, para dar movimento à vida, veste-se de vermelho. **Yemonjá**, por exemplo, que é filha de **Òdùdúwà** e **Ìyá Olókun**, é também uma divindade do preto. Mas, usa o branco-cristal que é, na verdade, o preto diluído. Assim, o Culto ganha várias cores. Tudo é contração ou reflexo do que há no Céu.

Se a **Ìyáwó** prestar atenção verá que o **Ifá** (Oráculo) é composto por 16 **Odù**. Mas, se prestar atenção de verdade, verá que são somente 8. Ou seja: um é contração do outro. Talvez até me perguntasse: “o que isto tem haver com **Orí**?” Certamente lhe responderia: “sem palavras”.

Existe ainda os conceitos de **Kàdàrà** (predestinação) e **Ìpín-Ìpín** (porção do destino) que nos permite compreender que o desempenho de um homem no mundo depende da “porção predestinada” que ele trouxe do Céu. Esta escolha é feita livremente e é entendida

como sendo o destino que cada indivíduo recebe sob os auspícios de Àjàlá Mòpin (Oleiro do Céu versado em leis do destino).

Entretanto, o compromisso assumido sobre o desejo de realização ou missão que se quer cumprir na Terra, fica registrado no Céu. Aludūdù anota tudo no Livro dos Destinos. Exemplo:

“Fulano de tal deseja morrer na infância e pediu para nascer num período de epidemia para que possa ter a sua morte garantida” (isto está dentro dos conceitos de Àkúnlègbà).

“Fulano de tal deseja ser muito rico e viver até 101 anos, possuir muitas mulheres e morrer abandonado sem ter ninguém para ajudá-lo” (isto está dentro dos conceitos de Àkúnlègbà).

São desejos fixos que estão dentro dos conceitos de Àyanmò e não podem ser mudados.

Fora estas coisas fixas, tudo pode ser alterado e os conceitos estão inseridos em Àkúnlègbà. Isto porque o destino pode ser alterado pelo caráter da pessoa:

Ìwa rẹ l'àyé ni yọ da o l'ẹjọ.

“Seu caráter no mundo pode dissipar ou conduzi-lo a problemas”.

No Odù Ogbè'Ògúndá, Ifá diz que um pilão realiza três funções:

— Tritura inhome

— Tritura índigo (pedra da montanha azul).

— Pode ser usado como uma tranca atrás da porta.

Foi consultado Ifá (Oráculo) para:

— Orí- S'eku (Cabeça de rato). Esta tem a orelha maior que si mesma. Não escuta.

— Orí- Elemere (Cabeça perturbada por espíritos malfazejos). Esta tudo quer e nada consegue. Está sempre enrolada em uma situação complicada. “Somente Qbàtá-ńlá pode lhe dar proteção”.

— Orí-Afuwape (Cabeça que realiza no mundo os compromissos assumidos no Céu). Esta tudo o que faz dá certo.

No dia que foram escolher seus destinos na casa de Àjàlá, foram aconselhadas a fazer sacrifícios (...).

Somente Orí-Afuwape o fez e tornou-se muito rica.

As outras cabeças se lamentaram dizendo que se soubessem onde Orí-Afuwape havia pegado tão bom destino, teriam indo lá pegar os delas também. A questão apresentada aqui é somente de caráter comportamental — Orí-Afuwape realizou o sacrifício prescrito e recebeu bênçãos que resultaram em poder de realização. “Ipin-Orí-odára-ìkúnloju, o destino de uma cabeça boa é obter consideração”.

Orí é a Divindade do Homem e o seu protetor antes de qualquer outro Òrìṣà. E, quando não simpatiza com os propósitos do sujeito, nada do que desejar realizar ser-lhe-á autorizado; por outro lado, os Òrìṣà e nem mesmo Olódùmarè, podem mudar aquilo que a Orí determina.

A Orí é muito importante e deve ser propiciada através do Èbòrí, ato de fazer oferenda para a cabeça. E, por mais importante que seja uma pessoa, é preciso que recorra ao Ifá (Oráculo) para ser informado sobre as suas necessidades espirituais e o que fazer para que possa conduzir adequadamente o próprio destino, pois o Èbòrí — harmoniza, equilibra, apazigua, devolve a lucidez à cabeça e organiza os pensamentos. Os conceitos sobre a vida mudam.

A pessoa, por mais rica que seja, tem suas necessidades espirituais e disso todo mudo sabe. Porém, o rico presunçoso precisa saber examinar a própria natureza antes de apontar o dedo em riste para as bruxas quando as coisas não vão tão bem quanto deseja. Pois, os acontecimentos “nefastos” podem estar relacionados ao hábito de maltratar as pessoas,

sem sequer, considerar seus sentimentos. Este não deve esperar qualquer felicidade ou sorte na vida — a desgraça o perseguirá e não importa o quão possa ser bem sucedido financeiramente. Será sem dúvida vítima do descaso com o passar do tempo. No entanto, é mais fácil mudar a data da morte do que mudar a natureza de uma pessoa assim.

Por outro lado, aquele que é rico e ajuda ao próximo, todas as boas sortes serão somadas à sua riqueza e conseqüentemente à vida:

— Onde houver prosperidade ela estará inclusa.

— Onde houver fertilidade ela estará inclusa.

— Onde houver felicidade ela estará inclusa.

— Será posta naturalmente em posição de destaque, pois os pés a conduzirão ao encontro de situações favoráveis e nem precisará preocupar-se para onde está indo, pois é certo, irá ao encontro da felicidade.

O ser humano tem no Céu um elemento de apoio para sua missão na Terra que é **Orí-Ẹnikéjì** (Quem ajuda) uma espécie de “Alma dupla” que permanece no Céu e que fica o tempo todo lembrando ao indivíduo sobre o destino que ele escolheu. Pois, quando nós encarnamos no Mundo, é como se tivéssemos saído de casa para ir dar uma volta na rua. A intenção é voltar tranqüilo, mas se algo acontecer de errado, a gente pode não voltar para casa e ir direto para um hospital. É um exemplo.

Orí-Ẹnikéjì preocupa-se em saber se voltaremos à “Nossa Casa no Céu” com a missão cumprida para que não nos deixe passar vergonha diante de **Òdúwà**. Pois, caso haja falha no cumprimento da missão escolhida, o homem se distanciará da fonte que alimenta a vida e será impedido de alcançar o **Ìwa-Pele** (Comportamento Elevado), devido a **Orí-Igbá-Ìwa** (Cabeça “física” Recipiente do Caráter) ser a morada do espírito em nosso corpo.

Orí tinha o apelido de **Kòtopó** (vaso de barro) antes se tornar a Líder dos **Òrìṣà**. A sua vitória sobre todas as demais divindades está especificada dentro dos conceitos de **Orí-Àpěre-Òrun** (Cabeça que se senta no topo do Globo do Céu) que nos leva a entender o conceito de vitória e compreender que sem luta não há quem possa alcançar o sucesso, pois tudo depende da nossa Orí.

Orí faz o que os outros **Òrìṣà** não fazem

Um **Awo-Ifá** reuniu todos os **Òrìṣà** em sua casa e fez a seguinte pergunta: “Quem de vocês pode acompanhar o devoto numa longa viagem sem volta, além dos mares, e não voltar?”.

— **Òrìṣà-ńlá** respondeu: “Eu posso”.

— **Awo-Ifá** perguntou: “O que faria se depois de ter andado, andado e andado até chegar à cidade de **Ifòn**, cidade de seus pais, e ali lhe oferecessem duzentos caracóis preparados com molho de sementes de melão, manteiga vegetal e tomates?”

— **Òrìṣà-ńlá** respondeu: “Depois de comer até me fartar, voltaria para minha casa”.

— **Awo-Ifá** disse: “Você **Òrìṣà-ńlá**, não consegue acompanhar o seu devoto numa viagem sem volta além dos mares”.

— **Awo-Ifá** perguntou: “Quem de vocês pode acompanhar o devoto numa longa viagem sem volta, além dos mares, e não voltar?”.

— **Èṣù** respondeu: “Eu posso”.

— **Awo-Ifá** perguntou: “O que faria se depois de ter andado, andado e andado até chegar à cidade de **Kétu**, cidade de seus pais, e ali lhe oferecessem um galo, azeite-de-dendê e aguardente, em abundância?”.

— **Èṣù** respondeu: “Depois de comer até me fartar, voltaria para minha casa”.

— Awo-Ifá disse: “Você Èṣù, não consegue acompanhar o seu devoto numa viagem sem volta além dos mares”.

— Awo-Ifá perguntou: “Quem de vocês pode acompanhar o devoto numa longa viagem sem volta, além dos mares, e não voltar?”.

— Ògún respondeu: “Eu posso”.

— Awo-Ifá perguntou: “O que faria se depois de ter andado, andado e andado até chegar à cidade de Ire, cidade de seus pais, e ali lhe oferecessem um cachorro, um galo e muito vinho de palma?”.

— Ògún respondeu: “Depois de comer e beber até me fartar, voltaria para minha casa”.

— Awo-Ifá disse: “Você Ògún, não consegue acompanhar o seu devoto numa viagem sem volta além dos mares”.

— Awo-Ifá perguntou: “Quem de vocês pode acompanhar o devoto numa longa viagem sem volta, além dos mares, e não voltar?”.

— Òṣun respondeu: “Eu posso”.

— Awo-Ifá perguntou: “O que faria se depois de ter andado, andado e andado até chegar à cidade de Ijìmù, cidade de seus pais, e ali lhe oferecessem cinco pratos de omólókun (feijão passado na peneira, camarões, ovos e cebola), acompanhado de vegetais e cerveja de milho?”.

— Òṣun respondeu: “Depois de comer e beber até me fartar, voltaria para minha casa”.

— Awo-Ifá disse: “Você Òṣun, não consegue acompanhar o seu devoto numa viagem sem volta além dos mares”...

— Awo-Ifá perguntou: “Quem de vocês pode acompanhar o devoto numa longa viagem sem volta, além dos mares, e não voltar?”.

— O próprio **Òrúnmìlà** disse que poderia acompanhar o seu devoto numa longa viagem além dos mares.

— Foi-lhe perguntado: “O que faria se depois de ter andado, andado e andado até chegar à cidade de **Ikèti**, cidade de seus pais, e ali lhe oferecessem dois **èkúte** (rato selvagem), dois peixes, duas aves com grandes fígados, duas cabras gordas e prenhas, duas novilhas com chifres, inhames pilados, acaçá, bebida, pimentas doces e **obì**?”.

— **Òrúnmìlà** respondeu: “Depois de comer e beber até me fartar, voltaria para minha casa”.

O **Awo-Ifá** (Sacerdote de **Ifá**) não sabia o que dizer, e ficou pasmo por não entender o porquê de **Òrúnmìlà** não decifrar o enigma.

— **Òrúnmìlà** disse: “**Ifá** confesso a minha incapacidade, e peço que me ilumine com a vossa Sabedoria, és o Líder e eu o vosso seguidor. Diga-me, por favor, qual é a resposta para este enigma: quem pode acompanhar o seu devoto numa longa viagem sem volta além dos mares?”.

— **Ifá** disse: “somente **Orí** (cabeça) pode acompanhar o seu devoto numa longa viagem sem volta, além dos mares”.

— **Ifá** disse: “Quando morre um **Bàbálawo**, os seus instrumentos de divinação devem ser deixados na correnteza do rio”.

“Quando morre um Sacerdote de **Şàngó**, os seus instrumentos de Culto devem ser despachados numa ribanceira”.

“Quando morre um Sacerdote de **Òrìşá-ńlá**, seus instrumentos de Culto devem ser enterrados”.

“Mas quando morre um ser humano a cabeça nunca é separada do corpo para o enterro, pois **Orí** (cabeça) é a única que pode acompanhá-lo a qualquer lugar”.

“Orí (cabeça) é a única que pode acompanhar o seu devoto numa longa viagem sem volta, além dos mares”.

Um *Ìtàn Ifá ti Orí* diz que:

S'eku ọmọ Ògún, S'eku, filho de Ogum;

Elemere ọmọ Òrìṣà-ńlá, Elemere, filho de Orixalá;

Afuwape ọmọ Òrúnmilà, Afuwape, filho de Orumilá,

viviam no Òrun e decidiram procurar um adivinho, pois nada dava certo em suas vidas. Disseram ao adivinho que queriam ir para o Àiyé na tentativa de encontrar uma melhor sorte.

O adivinho aconselhou que fossem à casa de Àjàlá a procura de uma Orí. Observando, porém que, se encontrassem no caminho a casa de seus pais, não deviam parar para visitá-los.

Iniciaram uma longa viagem e, muitos dias após a partida, Eles encontraram no caminho um velho que socava inhame no pilão para fazer farinha.

Perguntaram ao velho se estavam no caminho certo e se a casa de Àjàlá ainda estava muito longe dali.

O velho respondeu que só poderia ajudá-los depois que acabasse de pilar todo o seu inhame.

Dispuseram-se, então, a ajudá-lo na tarefa e ficaram ali por três dias socando inhame. Quando terminaram de cumprir a tarefa, voltaram a perguntar sobre o caminho e a distância que teriam de percorrer.

O velho respondeu que ainda teriam que andar muitos dias e que antes de chegar à casa de Àjàlá encontrariam a casa de Oníbodè Òrun, Porteiro da Casa de Àjàlá.

Despediram-se do velho e recomeçaram a jornada que ainda era muito longa.

Após muitos dias de caminhada S'eku ouviu o barulho de forja e quis ir ver o seu pai Ògún.

Porém, Elemere e Afuwape o fizeram lembrar-se da prescrição feita pelo adivinho: “não parar na casa de seus pais”.

S'eku, mesmo assim, foi visitar Ògún.

Continuaram a jornada e muitos dias depois Elemere ouviu a voz de seu pai Òrìsà-ńlá e quis ir visitá-lo. S'eku e Afuwape o fizeram lembrar-se da prescrição feita pelo adivinho: “não parar na casa de seus pais”.

Recomeçaram a jornada e após muitos dias caminhando Afuwape ouviu o som do Ìròké-Ifá de seu pai, voltou-se para os companheiros e disse — “não sabemos se estamos no caminho certo, por isso, devemos ir visitar meu pai Òrúnmilà e lhe pedir para consultar o Ifá (Oráculo)”.

Todos concordaram com a idéia. Òrúnmilà ouviu com muita atenção o pedido dos três e consultou o Oráculo pedindo tudo de bom para o grupo.

O Ifá recomendou que fizessem uma oferenda (ẹbọ) com sal, muitos búzios e outros materiais, e que guardassem o sal e búzios — somente Afuwape fez o sacrifício e resolveu ficar morando na casa de seu pai.

S'eku e Elemere continuaram a jornada e em poucos dias estavam diante da casa de Àjàlá.

Dentro da casa fazia muito barulho, e alguém lhes disse que Àjàlá não estava, e perguntou o que desejavam.

Responderam que queriam de Àjàlá uma Orí, pois desejavam viver no Àiyé. Foi-lhes dito que, se fosse somente isso, poderiam entrar e escolher a Orí que quisessem. Eles entraram na casa e escolheram duas Orí — uma bem grande, outra muito nova e partiram dali rumo ao Àiyé.

Porém, na travessia do Òrun para o Àiyé, chovia e ventava muito — a Orí grande molhou e rachou — a Orí nova molhou e deformou-se toda, pois não havia secado o suficiente. Começaram a viver no Àiyé, mas nada dava certo.

Nisso Afuwape resolveu sair da casa de Òrùnmilà e ir à casa de Àjàlá buscar a sua Orí.

Andou um pouco e encontrou Òlòbè (o cozinheiro) e parou para perguntar se estava no caminho certo. Nisso, observou que o cozinheiro estava temperando a comida com cinza e não com sal — indagou, então, por que fazia aquilo.

Òlòbè lhe respondeu que sempre temperava a comida daquela maneira. Afuwape tirou um saquinho com sal que trazia na cintura, pediu licença, temperou a comida e ofereceu um pouco para Òlòbè experimentar — Òlòbè provou e gostou muito do sabor.

Afuwape, por recomendação de Ifá, o presenteou com dois sacos de sal que trazia consigo.

Contente com o presente, Òlòbè o ensinou como proceder para chegar à casa de Àjàlá e escolher uma boa Orí.

Recomendou — “bata no Ìbòdí (portão) da casa de Oníbodè Òrun (Ògún) e pergunte onde fica a casa de Àjàlá”.

— “Diga-lhe que pretende receber das mãos de Àjàlá uma boa Orí”.

— Assim Afuwape fez.

— Oníbodè Òrun chamou a sua atenção e lhe disse — “você está ouvindo o barulho que está vindo da casa de Àjàlá? Então, por esta razão, você não deve entrar lá agora”.

— Afuwape perguntou — “Por que?”.

— Oníbodè Òrun explicou que os ruídos eram porque Àjàlá estava se escondendo de um credor no forro da casa, pois não tinha dinheiro para pagá-lo.

— Aconselhou que Afuwape fosse lá e pagasse a dívida de Àjàlá.

— Afuwape chamou o credor e perguntou — “quanto é a dívida de Àjàlá?”.

— O Credor respondeu — “12.000 búzios!”.

— Afuwape abriu a bolsa e retirou os búzios que Ifá lhe recomendou levasse consigo, contou e viu que havia exatamente 12.000 búzios — pagou a dívida de Àjàlá.

— Àjàlá desceu do forro da casa e encontrou Afuwape que lhe disse ter pagado a sua dívida.

— Àjàlá perguntou a Afuwape o que desejava receber. — Uma boa Orí.

— Àjàlá pegou um pedaço de ferro e começou a bater nas Orí que estavam prontas.

— As Orí mais frágeis rachavam, esfarelavam ou deformavam. Até que bateu numa Orí resistente e perfeita — foi esta a que Àjàlá entregou para Afuwape.

— Afuwape pegou a sua Orí e começou uma longa jornada rumo ao Àiyé. Ele também enfrentou chuvas e tempestade de ventos, mas à sua Orí nada aconteceu

— Afuwape prosperou na vida.

— Muito tempo já havia se passado, quando, de repente, Afuwape reencontrou Orí-S’eku e Orí-Elemere e Eles perguntaram — “por que em nossas vidas nada dá certo?”.

— Afuwape respondeu — “vocês não sabem da importância de Àjàlá e de suas próprias Orí”.

“Nós saímos do Òrun e fomos pegar as nossas Orí no mesmo lugar”. “O que distingue a minha Orí da Orí de vocês é a Kàdàrà — Predestinação”.

“Se tenho dinheiro, eu agradeço a minha Orí”.

“Se tenho esposa, eu agradeço a minha Orí”.

“Se tenho filhos, eu agradeço a minha Orí”.

“Por todas as coisas que tenho na vida, é à minha Orí que eu agradeço”.

Dentro do sistema religioso a Orí ocupa um lugar importantíssimo, mas a maioria das pessoas envolvidas no Culto pensa que este posto seja assento de outros Òrìṣà. Causando-nos a impressão de que não estão atentas quanto à importância da Orí, de onde surgem todas as formulações e concepções que nos permitem examinar as nossas condições espirituais. Os Òrìṣà e Olódúmarè apóiam a Orí de todos no cumprimento do destino, mas na hora de realizar uma ação, Orí é quem faz isso, pois nem os Òrìṣà nem Olódúmarè interferem na ação do homem

— Orí é o suporte do homem antes mesmo de Deus, pois somente Ela pode concebê-lo.

Ifá nos aconselha a pedir:

“Onde houver Orí ricas, que a minha seja inclusa”.

“Onde houver Orí que tenham muitos filhos, que a minha seja inclusa”.

“Onde houver Orí que possua as boas coisas da vida, que a minha seja inclusa”.

Ninguém sabe onde Ifá está examinando as condições de cada um. Assim, devemos pedir para que os nossos pés (Ìpònrí = Guardiã da origem ancestral = dedão do pé) nos levem onde houver condições favoráveis à vida, para que sejamos prósperos. Embora não seja a condição financeira de um homem que determine tenha ele um bom destino ou caráter.

No Odù Òwánrín-méjì, Ifá diz:

Foi consultado Ifá para Bàyewò (Aquele que viria observar o mundo) e a Ela fora dito para pegar um camaleão e passar no corpo. Logo após o ritual deu à luz um bebê que também teve o corpo limpo com camaleão e por isso ganhou o nome Ògà-n-rara (Camaleão da liberdade).

Ògà-n-rara estava vindo do Céu para a Terra, mas não escolheu um destino favorável à vida. Quando chegou à Terra, a vida se tornou muito difícil.

Aproximaram-se Dele dez Bàbálawo que consultaram Ifá e todos afirmaram que era o “fim dos tempos”, pois chegara a hora de retornar ao Céu para reencontrar o Criador.

Significa que chegou a hora da morte e que por isso não podemos deixar que a nossa vida corra simplesmente. É preciso atitude, correção, definição e ação para que possamos aproveitar melhor as oportunidades que nos forem dadas.

— Se a situação difícil de um homem não estiver relacionada ao seu caráter desonesto qualquer situação poderá ser modificada, pois Orí Apêrê pode ser apaziguada, dando ao indivíduo tranqüilidade suficiente para cumprir e realizar boas coisas no seu destino.

— Os rituais de apaziguamento devem ser realizados à noite ou ao alvorecer, ou seja, quando as atividades do dia terminam ou antes que elas comecem.

— Não é permitida a presença de pessoas vestidas de preto ou vermelho.

— Acredita-se que as oferendas feitas para Orí restaurem o destino do indivíduo muito depressa. Exceto aquilo que é fixo. Assim os “caminhos” estarão sempre abertos para alcançar seus objetivos, bastando se esforçar.

Isso significa que não é porque uma pessoa recebeu uma Orí pouco afortunada, que tenha que viver na miséria a vida inteira. Ela poderá, através de rituais de oferecimento para a sua Orí, reverter ou, pelo menos, amenizar a situação, resgatando a integridade da sua Orí, podendo alcançar algum sucesso no cumprimento do seu dever.

— Não se crê, porém, que uma pessoa que tenha pegado uma boa Orí no Céu chegue ao Mundo e fique esperando que tudo aconteça sem o mínimo esforço. Isso é o mesmo que possuir uma ótima cabeça e um péssimo caráter. Assim a vida passa e nada acontece. Oferendas somente não resolvem esta questão, e todos precisam lutar para superar as barreiras e alcançar os objetivos propostos no Céu.

— A Iniciação no Culto aos Òrìṣà significa o nascimento da Orí-Inú (Cabeça Interior) que guarda todas as informações da origem do iniciado, que passará a ter uma representação física do Sagrado no àiyé que é a sua Igbá Orí, Cabaça da Cabeça.

— O costume é se preparar a Cabaça da Cabeça de várias formas e usando vários elementos para compor o assentamento e, devido ao fato de toda cabeça ser única, Ifá pode determinar que uma deva ser feita de um jeito e outra de outro modo. Nesta parte há contradições, pois existem pessoas que não concordam em fazer assentamento da Orí e acreditam deva ser cultuada apenas sobre a Orí-òde, Cabeça externa. Porém, se assim fosse, o fato de se ter uma representação física nos permitiria deixar de fazer os assentamentos, Òrìṣà-ńlá, Şàngó e outras divindades poderiam ser cultuadas sem seus instrumentos de Culto.

Mesmo assim, longe de querer estar certo, eu o faço para as pessoas e de várias formas, cultuo do mesmo modo e vejo isso como a ligação da Orí com o seu duplo no Òrun, Céu. Isso não significa que o sujeito ao acordar não deva passar as mãos sobre a sua Orí-òde, Cabeça externa, para pedir bênção, orientação ou para agradecer-la simplesmente pelo fato de ter amanhecido vivo. Isso não elimina a necessidade da Igbá Orí, vale lembrar ainda, que o Culto não é fundamentalista e sim tradicionalista. Isso permite a ação expressiva do pensamento e a sua criatividade para elaborar uma questão, pois nada é como uma receita de bolo, que se for feita de outro modo sairá errada.

Orí é o verdadeiro Igbá-Òrìṣà, o cume do Culto, não restam dúvidas; e isso significa que nenhum Òrìṣà aceita as oferendas sem a aceitação da Orí do adepto, pois Orí é aquela origem ancestral que se condói por nós e descarta tudo aquilo que julgar errado, com ou sem Igbá-Orí.

Tudo na vida é programado antes mesmo do nascimento, e a Orí já sabe sobre o seu destino, pois se um casal se apaixona no mundo, isso significa que no Céu um antepassado

da mulher ou do homem deseja reencarnar e voltar ao seio da família na Terra. O casal pode não saber ou nem pensar disso, mas a Orí que está no Céu, sim. Sabe que através desse caminho terá o direito e o poder de realizar a sua missão, pois este é o novo ser humano que voltará à Terra trazendo experiências do Céu e que voltará ao Céu levando boas ou más experiências da Terra que terão de ser apresentadas a Òdúwà por sua Alma Guardiã. É baseada nessas experiências que poderá fazer a sua próxima escolha de vida na Terra.

Deste modo uma pessoa que tenha sido infeliz na profissão de médico, poderá escolher a profissão de pedreiro, carpinteiro, ou ainda pedir para ser médico de novo, para aprender a superar as dificuldades que teve.

Do mesmo modo, a mulher que foi infeliz no casamento, pode pedir para não se casar ou para se casar com o mesmo companheiro, para aprender a compreendê-lo, ou para oferecer a ele a oportunidade de se corrigir.

Tudo isso está relacionado com a “paciência” que é um dos níveis mais difíceis do desenvolvimento do espírito humano que, ao chegar à Terra se torna impaciente. Isso ocorre porque nem sempre aquilo que nos propomos no Céu, a fazer na Terra, é o mais adequado às nossas forças ou capacidades — a tarefa pode ser maior que a disposição para realizá-la.

Para resolver ou amenizar esta questão é que Òrúnmìlà foi escolhido por Olódùmarè para ser Èléri-Ipin, a testemunha do destino de cada pessoa. Ele é o único que sabe com absoluta certeza o que a Orí de um homem escolheu para si no Céu e o que pode ser feito para ajudá-lo a cumprir o seu destino, pois nem sempre as coisas dão certo, apesar dos esforços.

A saída então é consultar Ifá, Oráculo, que nos aconselhará sobre o que devemos fazer para dar uma “ajeitada” no destino, encontrando caminhos ou força através da nossa

própria Orí, pois aquilo que os Òrìṣà não podem nos conceder devemos rogar as bênçãos da nossa Orí. Ninguém é tão poderoso ou importante demais para não precisar alimentar a própria cabeça. Seja Rei, Presidente da República, empresário, empregado ou mendigo, a força vital se refaz através do ato do Èbòrí.

É isso o que irá reativar a sua memória ancestral e as recordações de todas as experiências já vividas em outras vidas, tanto no Céu quanto na Terra. Aquilo que chamamos de intuição nada mais é que a nossa memória ancestral se manifestando para nos lembrar de como agir diante de determinada situação, nos dando a oportunidade de sermos beneficiados por nossa própria sabedoria.

O ato de oferecimento à Orí libera os conhecimentos profundos que possuímos, mas que estão armazenados em nossas outras Orí de encarnações passadas — é preciso somente lembrar, mesmo que de modo intuitivo. Pois Orí é a morada do destino ou da escolha de cada pessoa, e sem Ela, e sem o seu Culto, o homem fica completamente sem as referências do seu Criador, Àṣédá.

Muitas pessoas que estão envolvidas na religião não compreendem muito bem os conceitos de Orí e apenas tomam Èbòrí sem qualquer consciência da sua importância. Isso precisa ser mudado e a responsabilidade é de cada Sacerdote, pois a ninguém, nada se ensina. Apenas “zonas brancas” são preenchidas com informações, bastando querer ajudá-las, permitindo que compreendam a necessidade de terem uma visão ampla sobre as suas próprias escolhas ou destinos. A necessidade aqui é somente de compreensão, para que possam aprender a Cultuar e a escutar as suas Almas Guardiãs, pois ninguém pode realizar ou cumprir o destino de modo adequado se não tiver noção da escolha que fez no Céu ou do trajeto a fazer — assim não haverá manifestação ou sequer vontade.

A oportunidade é única pois Orí só encarna uma vez.

Um dia Orí foi falar com Òlórùn pedindo para renascer em sua família na Terra.

— **Ọlórún** disse que sim, **Orí** podia reencarnar, mas teria que aceitar certas condições. Primeiro, somente Ele, **Ọlórún**, saberia o dia de sua morte e que **Orí** não poderia se intrometer nessa questão. Segundo, seu destino não poderia ser mudado a não ser sob os desígnios do **Ifá**.

As condições foram consideradas duras demais por **Orí** e resolveu que era melhor não nascer de novo.

Por isso voltamos ao mundo com outra cabeça, mas deixando armazenadas as nossas experiências nas **Orí** de encarnações anteriores. Pois se a cabeça fôsse igual, não haveria progresso algum.

Ofò Àyájó

(Oração ou que coisa que se usa para transformar o dia).

Òrúnmìlà ní odi èdùn,

Òrúnmìlà vós que fortificais os tristes,

Mo ní odi èdùn,

Fortificai-me, estou triste.

Òrúnmìlà ní odi èdùn ọkàn.

Òrúnmìlà, fortificai um coração triste.

Mo ní odi èdùn,

Fortificai-me, estou triste.

Oní ti ẹgbé ẹni nba lówọ kí nbawọn lówọ, o ní Orí ẹni l'áá kẹpè.

Senhor da comunidade, quem se curva com pensamentos honrados é a cabeça de alguém cansado que o invoca em voz alta.

Oní ti ẹgbé ẹni bá a nşe nrere.

O senhor da comunidade é quem consegue a nossa realização e felicidade.

Ọhún-rere ta àbá rí. Ọhún-rere nşe, ò ni Orí l'áá kẹpè.

Atrás da prosperidade sou persistente e esperançoso em encontrá-la. Atrás da prosperidade e da realização, a cabeça de alguém cansado o invoca em voz alta.

Orí mi wá şe-le-gbè lẹhìn mi.

Minha cabeça, venha ser poderosa, anda, me proteja.

Igba-igi ní orógbo nso loko.

Duzentos pés de orógbo já produzem frutos na fazenda.

Igba-igi ní obì nso loko.

Duzentos pés de obì já produzem frutos na fazenda.

Igba-igi ní atãre nso loko.

Duzentos pés de atãre já produzem na fazenda.

Kí igba-ajé kò nwolè tó mi wá.

Que duzentos puder do dinheiro eu encontre, darei boas-vindas, bastam vir em minha direção.

Kí ìjà, àisiàn, ejò, wàhálà, àjé, oşó, àrun, ikú, àíríjé àti àírímu ko ãpon-ni-ará.

Que os conflitos, as maldades, as cobras, as atribulações, as feiticeiras, os feitiçeiros, as doenças, a morte, a fome e a sede não persistam na comunidade.

Tì. ẹfun bá wo inú osùn ko ãpon-ni-ara, dòpin laye wa.

Apóie. Ẹfun, giz, esse entranhado no osùn, pó vermelho, não persiste no corpo. Não dê fim às nossa vidas. (ẹfun e osùn são usados em pintura no corpo do iniciado).

Kí gbogbo wàhálà ko ãpon-ni-ará.

Que todas as atribulações não persistam na comunidade.

Á—á—şş, kò ni ş'àişş,

Nítorí àwíşş ni t'Ifá.

Àfòşş ni t'Òrúnmilà.

Assim se realizará, encontro-me sem culpa,

Porque relatei a realidade para o Ifá (Oráculo).

Relatei a realidade para Òrúnmilà (o Céu respira Luz pura).

A bá tì Alágẹmọ ndàbá ni Òrìşà Òkè ngbà.

Nós encontramos apoio em Alágẹmọ, o bom Orixá das montanhas nos recebeu.

Tiantian wàrà-wàrà ni omode nbò oko ni l'oko.

Abundantemente, leite e mais leite para as crianças as lambuzarão como na fazenda.

Kí ojúmọ bá ire.

A fim de que ao alvorecer encontrem a felicidade.

Àṣẹ!

Assim será!

Um Ìtàn justifica a necessidade do Èbọrí

Um dia, Òrúnmìlà estava muito distraído, e de repente, percebeu que estava sendo observado.

Fraqueza, Doença, Perda e Morte, diziam — “um dia a gente pega este aí”.

Riam, faziam micagens e gestos obscenos para Òrúnmìlà.

Òrúnmìlà voltou para casa assustado e foi consultar o Ifá.

O Ifá disse que somente a sua Orí poderia livrá-lo dos males.

Òrúnmìlà fez os sacrifícios à sua cabeça: tomou Èbọrí.

Orí aceitou as oferendas, Orí ficou forte e expulsou os problemas da vida de Òrúnmìlà e nada mais pode ameaçar a vida do seu devoto.

Um outro Ìtàn justifica a necessidade do Èbọrí

Uma mulher com muitos problemas e sem ter sequer um marido com quem se aconselhar, foi consultar Ifá para saber o que fazer.

Foi-lhe dito para fazer uma oferenda para Orí — Èbọrí, dar comida à cabeça.

Que deveria oferecer para a sua Orí dois obì.

Ela pegou os obì e foi fazer a oferenda. No caminho passou por um grupo de dezesseis Òríṣà.

— Ṣàngó se dirigiu à mulher e disse: “tu, mulher que estás passando, por que não nos cumprimenta?”

— Ela respondeu: “por que deveria eu cumprimentá-los? Nem os conheço”.

Ṣàngó não gostou da resposta, arrancou os obì das mãos da mulher, comeu um e deu o outro para Òríṣàlá.

— Chegou então Orí e perguntou: “quem tomou os obì da mulher?”

“Fui eu” respondeu Ṣàngó.

Orí o xingou, começou a insultá-lo e a luta começou.

Orí o levantou nos braços e o lançou no espaço rumo a cidade de Kósó.

— Òríṣà-Okò não gostou da atitude de Orí e se lançou contra Ela.

Orí o atirou para os lados de Irawọ...

Assim todos investiram contra Orí, e Orí os arremessou para um lugar distante onde permaneceram por um longo período.

Depois de muito tempo, voltaram a se reunir e chamaram Orí para uma revanche — Orí se recusou dizendo que isso seria um equívoco, Ela havia feito um grande bem a eles, pois cada um era Cultuado na cidade para onde foram arremessados naquele dia; todos tinham seu próprio Culto e uma cidade, e que antes não eram nada.

— Eles concordaram e Orí mandou trazer comidas e bebidas. Todos comeram, beberam e dançaram. Por fim, disseram: “Orí está nos festejando”.

Assim, Orí manda no destino de cada pessoa, entretanto, a cabeça é quem deve decidir sobre o que é melhor ou não, pois a “Visão” pode nos atrapalhar na hora de julgar uma questão, pois: Orí é aquela que vence todos os Òrìṣà, por isto, é a divindade do homem

Um Ìtàn justifica a importância da Orí

Ojú (os olhos) é o irmão mais velho da Orí (cabeça) e, por isso, julga-se muito mais importante.

Um dia Èlédá (o Criador) querendo agradar os filhos, pegou duas cabaças; numa colocou uma porção de carne temperada com sal, cebola, pimentões, tomates e azeite-de-dendê — esta foi embrulhada em um pano colorido.

Na outra colocou dinheiro, ouro e outras coisas que representam riqueza — esta foi embrulhada em um pano sem muita graça.

— Èlédá chamou os filhos e disse: “isto é um presente para vocês, cada um pegue o seu”.

— Ojú, encantado com a beleza da estampa do pano, foi logo dizendo: “este aqui é meu!”. Quando abriu o embrulho ficou muito feliz com o conteúdo e tratou logo de devorá-lo.

— Orí, quando abriu o seu presente, ficou decepcionada com o conteúdo e indagou: “o que farei com essas coisas, se não posso comê-las?”.

Mas como havia sido um presente do Pai, resolveu guardá-lo com carinho.

Passado algum tempo, Orí se encontrava cheia de dívidas e não sabia o que fazer para saldá-las. Resolveu então, reexaminar o conteúdo da sua cabaça e derramando-o sobre uma esteira pode perceber o seu valor.

Feliz, Orí se pôs a gritar: “Estou rica! Estou rica! Estou rica! Minha cabaça é mais valiosa do que a cabaça do meu irmão”.

— Eléda apareceu e disse: “Ojú você é ávido, a visão o atrapalha fazendo com que enxergue sem ver!”.

“A partir de hoje, Orí tomará todas as decisões por não ter se enganado com a aparência do presente”.

Orí, por guardar o cérebro, poderia ser vista apenas como uma parte vital do corpo humano, mas não é somente isto. É na verdade todo o àşę, poder de realização, que possuímos — a coroa da consciência — .

— Orí-Òde — cabeça física — está sob os cuidados de Òsányìn.

— Orí-Inú — cabeça interna — está sob os cuidados de Ògún.

— Orí-Ìpònrí — dedão do pé — que guarda a partícula ancestral existente no homem desde a Criação da Humanidade, está sob os cuidados de Yẹmòñjá.

— Apári-Inú — parte interna da cabeça — partícula divina deixada no homem — está sob os cuidados do Criador de cabeças — Àjàlá.

Um **Ìtàn** (relato) de **Èjì-Ogbè** explica que não se pode dizer **Àṣẹ** para tudo

No caminho de casa, ao regressar do Mercado, a mãe de **Èjì-Ogbè** o deixou para trás.

— **Èjì-Ogbè** encontrou um Esquilo à beira do caminho. Ele o aconselhou a sacrificar um cabrito a **Èṣù** para evitar que as palavras pronunciadas por sua boca o destruíssem.

— O Esquilo respondeu — “Se o seu desejo é comer carne, não irá obtê-la de mim”. O Esquilo se chamava **Òkerè**, Uma grande distância.

— Muito perto dali, **Èjì-Ogbè** encontrou **Ọkà**, Jibóia, e avisou que a morte a estava rondando e chegaria através de um vizinho falador. Para evitá-la, a Serpente foi aconselhada a oferecer um **ìgbìn**, caracol, à sua cabeça, em um lugar secreto, e não deveria permitir que ninguém dissesse a palavra **Àṣẹ** enquanto o ritual de seu **Èbọrí** estivesse sendo realizado.

— Finalmente se encontrou na floresta, **Ayò**, sementes utilizadas na prática de um jogo, e a aconselhou oferecer um cabrito a **Èṣù** para evitar problemas sem solução. Também se encontrou com a **Igi-òpẹ**, a Palmeira, a quem aconselhou oferecer um cabrito a **Èṣù** para que os problemas dos outros não rompessem com seu pescoço. — a Palmeira fez logo o sacrifício. **Ayò** não o fez..

— **Èjì-Ogbè** seguiu sua longa viagem, pois o retorno do **Ọjà-a-jì-gbò-m'ẹkan** — Mercado que despertou a prosperidade uma vez, até a sua casa durava por volta de três meses.

— Logo que **Èjì-Ogbè** chegou a casa, recebeu a mensagem de que a mulher com quem se encontrara no caminho do mercado estava em trabalho de parto — rapidamente Ele foi ajudá-la a ter um lindo menino.

Logo que a mulher pode descansar em seu leito, o marido pegou um **ẹgiòn**, bumerangue, e foi para a floresta encontrar uma **Ọká**, Jibóia, para alimentá-la.

— Quando a **Ọká**, Jibóia, soube que a mulher que estivera grávida por três anos, havia dado à luz a um menino, compreendeu que logo o marido dela viria caçá-la, tal como lhe disse **Èjì-Ogbè**. Espantada, **Ọká**, Jibóia, correu para a floresta fechada para alimentar sua cabeça.

— Logo que **Ọká**, Jibóia, se sentou para rezar por sua cabeça, **Ọkerè**, o Esquilo, adentrou na floresta. Enquanto a Jibóia dizia suas orações, o Esquilo repetia — **Àşẹ! Àşẹ! Àşẹ!**

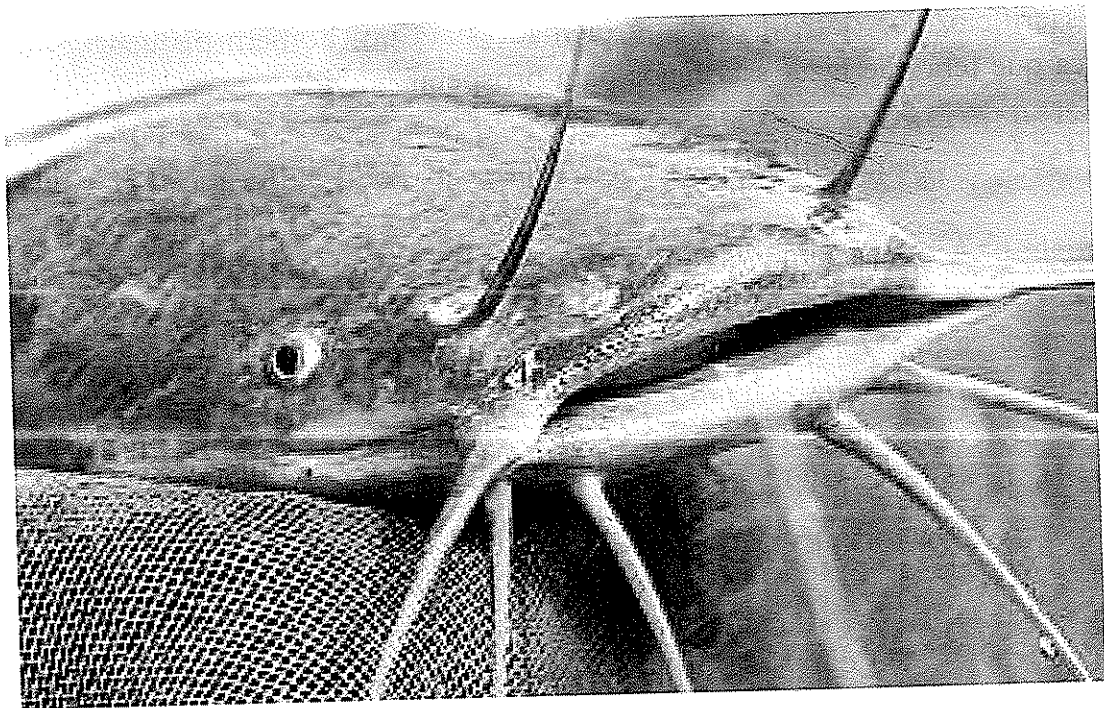
— **Ọká**, Jibóia, reclamou apreensiva dizendo — “Não preciso de **Àşẹ** algum em minhas orações!”. Preocupada, entrou floresta adentro à procura de um lugar tranquilo, mais **Ọkerè**, o Esquilo, começou a cantar — “**Ọká jóko pé-pé-rere**, a Jibóia tomou assento a fim de chamar prosperidade”. Nessa hora, o homem com o **ẹgiòn**, bumerangue, que estava à procura de uma **ọká**, jibóia, escutou **Ọkerè**, o Esquilo, gritando e se pôs a rastreá-lo. Como o Esquilo continuava a cantar histericamente, **Ọká**, a Jibóia o atacou e o matou.

— O homem então cortou uma vara bifurcada para afastar a vegetação. Logo viu **Ọká**, a Jibóia no solo e a matou.

— Ao mesmo tempo, viu ao lado da Jibóia, **Ọkerè**, o Esquilo, sem vida, e o **Ìgbìn**, caracol, com o qual **Ọká**, a Jibóia, pretendia alimentar sua cabeça — ele recolheu tudo e foi para casa.

— A folhagem que o caçador cortou estava encobrindo o tronco da alta Palmeira, a qual se alegrou e respirou nova vida, pois os arbustos cortados impediam o ar fresco de chegar a ela. A Palmeira foi a única que fez o sacrifício no momento adequado.

— Até hoje, **Oká**, a Jibóia mata **Òkerè**, o Esquilo, mas é o Esquilo que indica ao caçador onde a Jibóia está escondida. Atrai a morte para Ela. Isto explica porque quando **Èjì-Ogbè** é divinado para um homem alto e de pele escura em **Igbódù**, significa prosperidade, afiançada devido ao alto porte da Palmeira —, a única que fez o sacrifício. Por outro lado, se é divinado para um homem pequeno e de pele clara, significa que terá que fazer sacrifícios para prosperar na vida.



Éja-àrø, bagre africano.

Oferendas para Orí

As receitas de **ẹbọ** (oferendas) estão descritas nos relatos do **Ifá** (Oráculo) e somente Ele poderá dizer com exatidão o que pode ser usado para a **Orí** de uma determinada pessoa.

A descrição que faço aqui é somente uma ilustração do que **Orí** pode vir a receber como oferenda depois de se ter consultado **Ifá**.

Deixo claro, entretanto, que sou a favor de poucas coisas para serem oferecidas, “no máximo sete ou nove elementos” e muita reza. Acho também que a característica do animal oferecido deve ser observada antes de proceder ao ritual para cada caso, exemplo:

— Carneiro parece muito tranqüilo e não demonstra reações de medo ou de dor, mas defeca e deita em cima, e é traçoeiro. Quando menos se espera, lá vem ele. É um animal com costumes parecidos com os costumes do bode. Quando há a necessidade de fazer oferecimento desse animal é melhor que seja novo. Mas, às vezes, é exigido que seja velho e com chifres.

— Bode é um animal prezepeiro (igual meus inimigos), defeca e senta em cima, “pula p’ra lá, pula p’ra cá”, berra (fala mal, merrrr)... É um bicho que tem uns costumes esquisitos: come as próprias fezes, ataca pelas costas (fala pelas costas), mas entra em desespero por qualquer motivo e se deixarmos, foge.

— Galo é uma ave organizada nos horários, demarca o território, começa o dia antes do amanhecer, percebe os acontecimentos e nos avisa cantando fora de hora: “Ògún déeeeeeeee, Ògún oooooooooo, Ògún direeeeeeee ol!”. É ótimo para vencer os inimigos e acabar com as desavenças.

É importante que seja “caipira”, pois o frango de granja é frágil, não tem os mesmos costumes, tem um cheiro desagradável e morre com facilidade.

— Galinha é a ave que produz uma grande célula viva, o ovo, protege os filhotes como nenhuma outra ave o faz, vive cacarejando (cantando), mas é teimosa, escandalosa e se espanta com facilidade. Além de ter o costume de estragar ou de quebrar objetos dentro de casa, mas é excelente para atrair prosperidade, casamento e filhos. **Omọ-adię**, pinto, é ótimo sacrificá-lo para a pessoa que tem um relacionamento ruim com a mãe.

— Galinha d'Angola é arredia e violenta. É preciso alguns cuidados ao segurá-la para evitar acidentes, ela ataca. É uma ave que busca todos os pontos de fuga quando fica presa e quando menos se espera ela encontra uma saída. Se ficar uma semana no mato se torna selvagem novamente. Mas, em termos ritualísticos, é o maior presente que se pode oferecer para **Orí** e **Èşù**, pois se encontram saídas para alcançar a prosperidade.

— Pombo é talvez a mais importante das aves em se tratando da questão ritual, pois come de tudo, é ágil, elegante, faz sempre a mesma rota e nunca erra o caminho, reproduz por toda a vida, dorme sempre no mesmo lugar e, como o rato, tem sempre o que fazer, não lhe faltando atividades. Além de ter o nascimento quase sempre de dois. Quando acontece a morte de um deles o outro passa a vida inteira a procurá-lo, voando, voando... É um grande companheiro e, das penas até os ossos, é repleto de **Àşę**. É excelente para atrair prosperidade, saúde, filhos e vida longa.

— Caracol é sem dúvida o animal mais importante em todos os rituais (exceto para **Èşù**, por tratar-se de um tabu), pois aparece como o maior símbolo da fertilidade, da confiança e da tranqüilidade. Fornece água, reside em segurança, além de ser o único animal que não pode ser atacado por cachorro.

Uma orin diz:

Kusa, kusa. Nlajá nlépa Ìgbìn mó.

Kusa, kusa.

Afoita-se a intimidá-lo, afoita-se a intimidá-lo. Mas cachorro não persegue o caracol além disso. Afoita-se a intimidá-lo, afoita-se a intimidá-lo.

Apesar de a maioria dos Olóòrìṣà só oferecê-lo para Òrìṣàlá e somente em ocasiões festivas ou quando a situação está muito complicada, Ìgbìn é aceito por todos os Òrìṣà, exceto, Èṣù. É o elemento apaziguador do Culto e em todos os rituais mais elaborados não pode faltar Ìgbìn. No entanto, vale lembrar que o Ìgbìn traiu Òrúnmilà: por ser escorregadio pode não atingir o objetivo. Também que não se pode dizer Àṣẹ! Àṣẹ! Àṣẹ! — no momento de proceder o sacrifício —. Tudo que se faz deve ser baseado em um relato e um Ìtàn do Odù Èjì-Ogbè esclarece porque não pode — procure conhecê-lo*.

— Peixe (eja aro = peixe de lama, bagre por exemplo), é apresentado com símbolo de multiplicidade ou procriação e não deve faltar no ritual do Èbòrí quando for exigido mais do que obì, gim e água.

— Ègbo (canjica), é apresentada como símbolo de multiplicação da riqueza, pois o milho vai para a fazenda pelado e volta para casa com muitas roupas (várias palhas envolvem a espiga do milho).

— Èkọ (acaçá), é o símbolo de restituição exigido por Òbàtálá-Ikú (Morte) das mãos de Òbàtálá-Aṣẹdá (Criador) para prolongar a vida em recompensa ao “barro” retirado da Terra para moldar os seres humanos. Aparece como substituto aos antigos sacrifícios humanos. Feito de fécula de milho branco, simboliza a fecundidade e a descendência genética sendo reunida para formar um novo ser a partir da matéria original transformada.

— **Orì** (manteiga vegetal africana), é um antibiótico natural com grande poder curativo, além de ser um excelente tranqüilizante para o corpo e para o espírito. É excelente misturá-la com **ẹfun** e passá-la no umbigo.

— **Ọtí** (gim, vinho, cerveja etc), aparece para lembrar os costumes sociais como símbolo comemorativo e apaziguador nas relações entre os homens e as divindades. Por lembrar a acidez dos tempos primordiais serve de combustível de propulsão à palavra e obriga os **Òrìṣà** a revelarem os segredos. Pois os sons se acoplam às partículas do álcool seguindo em direção ao nada e nunca mais se dissolvem. Isso garante a transformação da matéria ou do desejo em ação por ser semelhante ao sêmen.

— **Ẹpo** (azeite-de-dendê), é tranqüilizante e serve, além de condimento, para aplacar a ira de **Èṣù** que deve tomar banho dele. Representa a fertilidade da mulher, o poder de gestação das Mães Ancestrais e o dinamismo de suas descendentes no mundo.

— **Ọyìn** (mel), ninguém põe na boca, diz que é amargo ou salive com piedade. Tem um significado inverso ao da bebida e propõe aos **Òrìṣà** guardar os segredos dos seus devotos da mesma forma que as abelhas encontram lugares discretos e seguros para produzi-lo. É um elemento de riqueza, beleza e doçura, além de ser um elemento produzido dentro de uma das mais perfeitas hierarquias que existe.

Já o melado de cana, apesar de representar riqueza e doçura está associado à descendência por se tratar de um elemento transformado.

— **Omi** (água), é o símbolo da vida juntamente com o sangue, o ovo, o sêmen e as folhas. É a representação da fertilidade, “elemento feminino”, espelho do mundo que harmoniza a Terra. No Culto não há nada que se possa fazer sem água. Também é um elemento apaziguador.

— **Ọgèdẹ** (banana), é um símbolo de riqueza ou multiplicidade. Também é o único alimento capaz de sustentar o homem por toda a vida se comesse apenas bananas. A

árvore é a representação da coletividade e o ponto de reunião das *Ìyámi àjé*, Mães feiticeiras — dos *Elemere*, espíritos que causam todos os tipos de deformidades ou retardamentos — e dos *Aikú*, aqueles que nascem para morrer ou causar vergonha. Tonando assim, a banana, uma fruta — Onipotente — Onisciente — Onipresente. O que significa que qualquer um que conheça verdadeiramente o seu significado poderá curar ou matar uma pessoa usando bananas.

— *Ègúsi* (semelhante ao melão e por ele pode ser substituído), é uma cabaça e as suas sementes são usadas no preparo do *òbè*, molho, de *Òrìsàlá*. Neste caso, as sementes do melão podem ser substituídas por sementes de abóbora que também é uma cabaça.

— *Ìreké* (cana-de-açúcar), é um símbolo de crescimento e prosperidade. Entretanto, a cachaça, por ser uma alteração do símbolo-padrão, é um tabu para qualquer pessoa, pois causa a destruição das famílias. Gente de *Òrìsà* que bebe cachaça se perde no mundo.

— *Èwa* (feijão), tem o mesmo significado do milho, e um pode ser substituído um pelo outro. Ambos são símbolos de multiplicidade.

— *Àkarà* (acarajé), é feito de fécula de feijão fradinho e tem o significado de multiplicidade, de continuidade, além de ser um produto de mercado que gera sustento.

— *Èkuru* (fécula de feijão temperada do mesmo modo que o acarajé e cozido na folha de bananeira), é a comida votiva de *Ìyámi* (Mãe Ancestral). Pode ser feito também com feijão branco, mas não é um costume do povo de Candomblé.

— *Gùgùrù* (pipocas), é um símbolo votivo de evocação das pústulas da Terra, por isso, é curativa e aceita por todos os *Òrìsà*. Apesar de que a maioria dos *Òlòòrìsà* só oferecê-la para *Òbàlúwàiyé* ou *Òmólulu Ọrọgbó*.

— *Obì* (noz-de-cola), este é, antes de qualquer coisa, o Oráculo de *Orí* e pode ser utilizado por qualquer pessoa (apesar de ser um Oráculo dos mais complexos e que só deveria ser utilizado por profissionais de *Ifá*). É tido como o primeiro alimento do homem,

é símbolo de servidão, opositor da vaidade, orgulho e desprezo que os poderosos e ricos usam contra os menos favorecidos; persegue as doenças, as brigas, os infortúnios de um modo geral e a morte. Também há o costume de os africanos oferecerem **obì** aos visitantes, assim como nós oferecemos o cafezinho. É um excelente estimulante. Existe para alimentar os **Òrìṣà** e é fundamental em todos os rituais por ser um elemento que proporciona vida longa.

— **Orógbo** (uma noz), é amargo, mas quando se bebe água após tê-lo comido, torna-se doce e é um ótimo antídoto contra picada de mosquitos por tornar o sangue amargo.

É um símbolo dos Antepassados, está associado à morte; é considerado um fruto que não adoece e que garante boa saúde.

— **Iṣu-òdẹ** (inhame selvagem), é considerado também como um dos primeiros alimentos do homem (como **obì**). Rico em ferro, está associado ao desenvolvimento da agricultura e é considerado pelo povo Yorùbá como a mais importante descoberta feita pelos caçadores.

— **Atãre** (pimenta-da-Costa), é o símbolo da felicidade e a sua importância dentro do Culto está associada ao seu poder de tornar a palavra realizável. Suas bolsas (favas) são sempre cheias, além de ser, segundo **Ifá**, uma das primeiras árvores plantadas na Terra pelo próprio **Olódùmarè**. Pertence a **Òrìṣàlá** e pode ser consumida por todos. Embora digam, não serve como ingrediente para a prática de bruxaria, pois o seu poder é de realização da felicidade e o mal é somente uma determinação humana. É proibido pisar sobre suas sementes. Um **ofò** diz:

Atãre ni k'ò mǎ tarí ibi fún kúrò l'òna mi.

Pimenta, diga que você continuará empurrando o mal para longe do meu caminho.

— **Owó-eyo** (búzios próprios para rituais), estão relacionados ao dinheiro, aos Antepassados e à riqueza, por terem sido usados como moedas de troca. Representam então, a continuidade na relação entre o Ancestral com o seu descendente.

— **Owó** (dinheiro), é o símbolo da conquista e do poder. É sem dúvida o melhor produto do mercado e também o que custa mais caro. Tranqüiliza o espírito de quem o recebe, paga as contas e não é pecado possuí-lo, desde que tenha boa origem. Dinheiro também possui qualidade e não se pode comparar o Real da doméstica com os milhões do ladrão. Com as moedas-correntes se busca manter a relação do descendente com o seu Ancestral. O inverso dos búzios.

— **Ẹfun** (barro branco = giz), devido a sua composição, que é resultado de milhares de anos para ser lavado até tornar-se branco, aparece como um grande portador de **Àṣẹ**, força de realização e vida. É um símbolo de fertilidade e serve de camuflagem que substitui a roupa dos imortais. Além disso é excelente para curar o mal-estar e é mais comumente usado no Culto a **Òrìṣàlá**, que representa a serenidade do amanhecer (névoa) e a relação do homem com a Terra, **Òdùdúwà**, que apesar de se vestir de preto, é um **Òrìṣà funfun**, branco. O **Òrìṣà** conhecido como minerador de **ẹfun** é **Ògún**.

— **Osùn** é um pó vermelho de madeira africana obtido da parte interna (cerne) através da ação dos cupins, e por isso também significa fecundidade e sucessão. É um símbolo, tal qual o sangue, de transmissão genética e é tido como sendo filho do **Ẹdá**, Criador.

— **Ìyẹ̀ròsùn** é o pó amarelo extraído da mesma madeira que o **osùn**, só que da parte externa, é considerado como sendo o primeiro filho de **Ifá** e irmão de **Ikin** (noz do dendezeiro), é considerado o maior símbolo de sabedoria que existe para a Cultura Africana compreendida por **Olódumarè**.

— **Ìyẹ-agbè** (pena de uma ave semelhante à galinha), aparece como símbolo de descendência, altivez ou superioridade.

— **Ìyẹ-lékeléke** (pena de garça), além de ser símbolo de descendência é também o símbolo da realeza.

— **Ìyẹ-okin-aláde** (pena de uma ave semelhante ao pavão, mas de plumagem branca-azulada, e também a pena do pavão comum), são símbolos dos **Òrìṣà** caçadores.

— **Ìyẹ-àlukò** (pena de uma ave semelhante ao macuco, ativa como o faisão e esperta tal qual a galinha d'Angola), é o símbolo de segurança, integridade e altivez.

— **Ìyẹ-odidẹrẹ, ikóòdíde** (pena vermelha da cauda do papagaio cinza africano), é o símbolo da fertilidade da vida e aparece para representar a menstruação, que promove a ovulação, que favorece a gestação que doou o sangue da mãe à cabeça do filho, logo está relacionada aos renascimentos e não pode faltar nos ritos de Iniciação.

— As sementes (favas) também são usadas com várias finalidades:

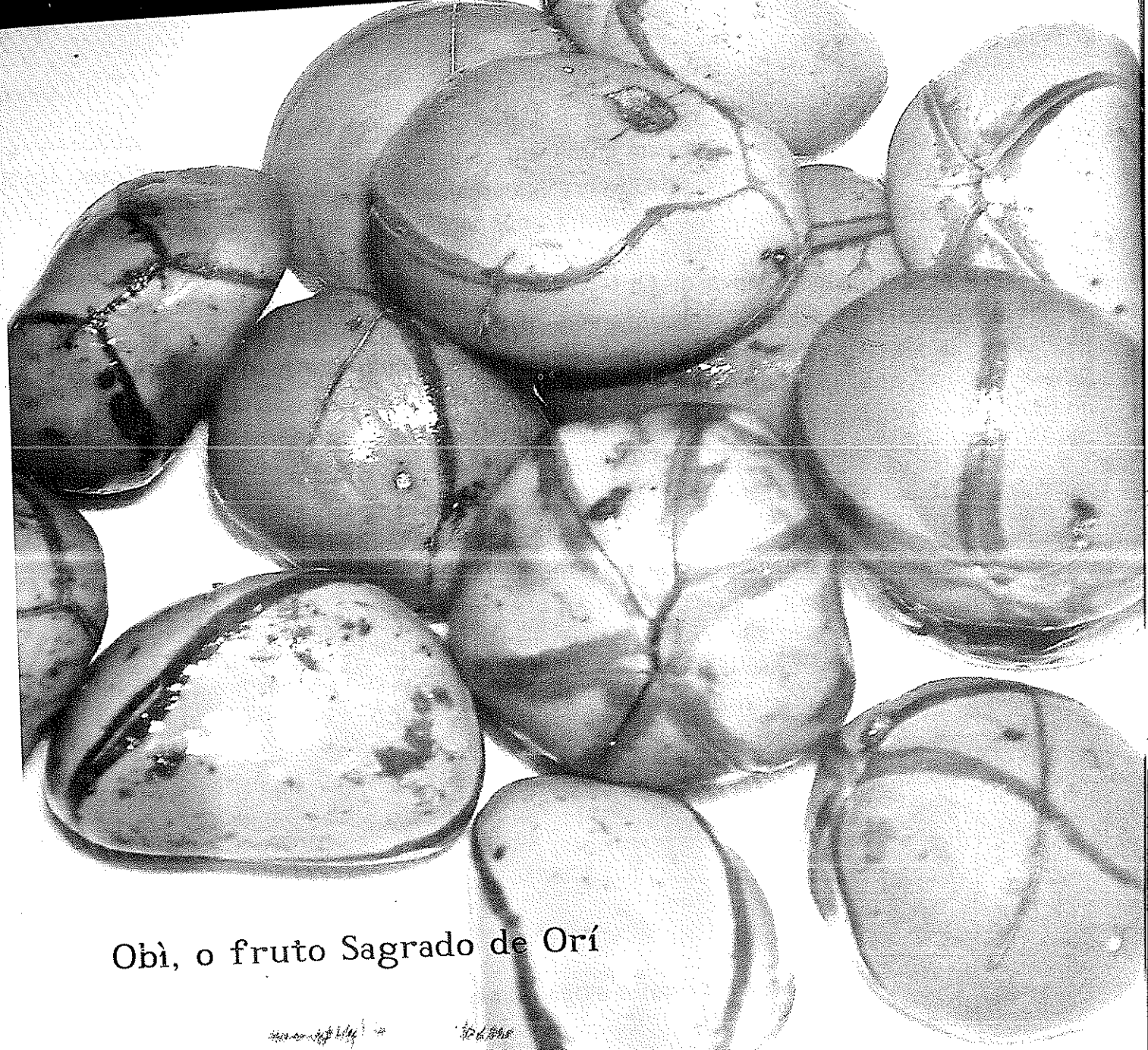
Ayo atrai abundância pois a ela se agrega o poder do **awúre**, feitiço de boa sorte, e também a paciência, um dos níveis da Iniciação mais difícil de ser alcançado. Pois com esta semente é praticado um jogo que exige muita paciência, inteligência e sabedoria.

— **Alibẹ** é usada para promover a proteção e está relacionada ao Culto de **Ṣàngó**.

— **Àridàn**, posta dentro da **Igbá** (cabaça) é excelente para a manutenção da saúde. Socá-la juntamente com oito dentes de olho e pôr dentro de uns cinco litros d'água e ir tomando aos poucos, é um ótimo **àgbo** (maceração) para eliminar as toxinas do organismo — pode ajudar no tratamento de Aids —. Outras sementes podem ser usadas, como por exemplo, favas de **òpẹlẹ** que representam o Mensageiro de **Ifá, Èṣù**.

— As frutas, **èso**, e **nje**, comidas; só pode ser oferecido aquilo que a pessoa assistida come e gosta. É preciso que haja muito respeito com isso, pois o que se alimenta aqui é a Alma Guardiã Ancestral da pessoa.

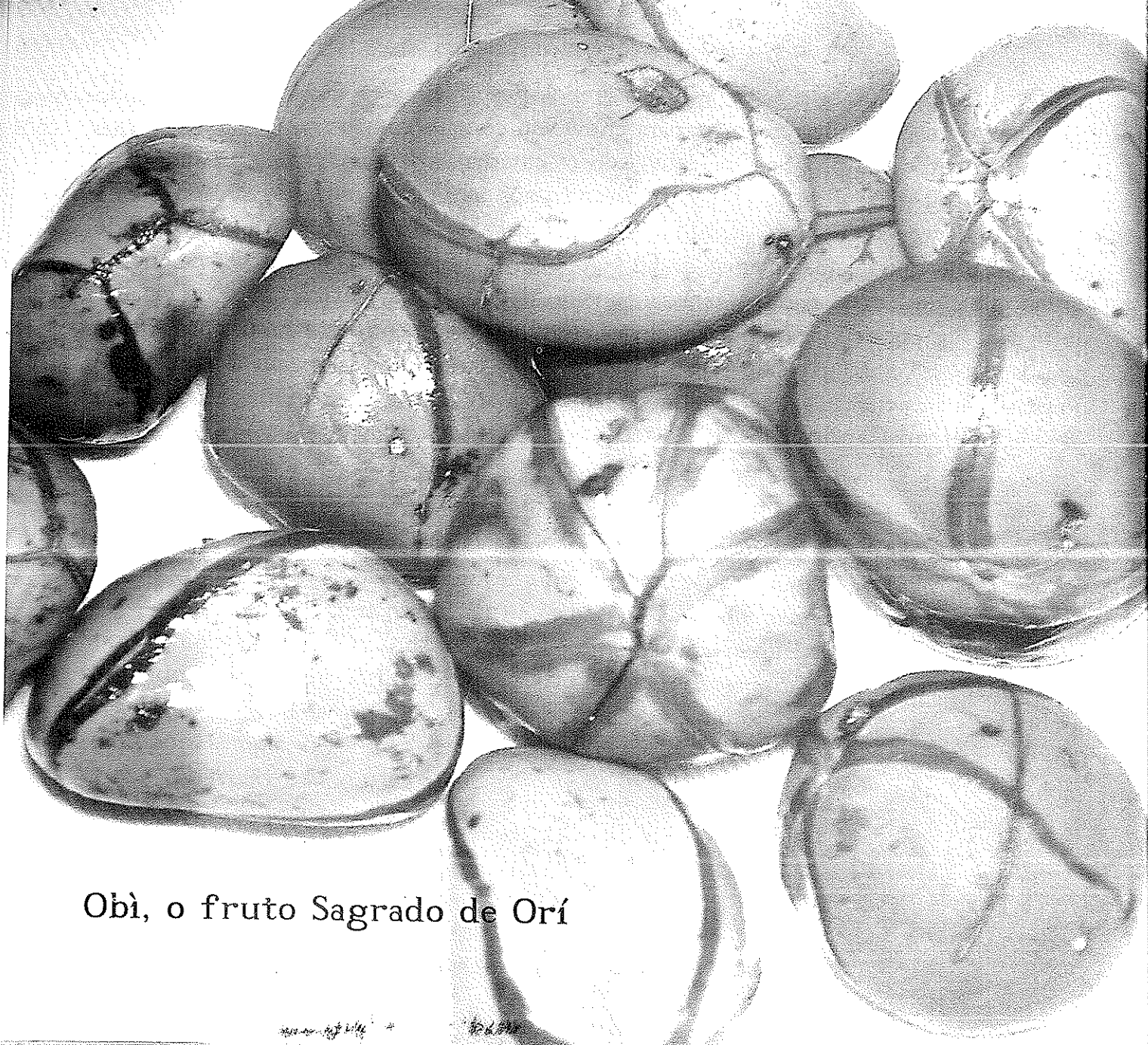
— **Igbá-Orí** (Cabaça da Cabeça), é o símbolo “espelho” que reflete o Céu propiciando ao homem um ponto de referência para entrar em contato com o seu Criador. Embora todos possuam a sua própria **Orí-òde** (Cabeça externa), a **Igbá-Orí** nos permite olhar para dentro ou mirar a nossa **Orí-Inu** como se nos olhássemos num espelho. Mas, se a cabeça do devoto se recusar a fazê-lo, não faça. Que tudo seja feito sobre a sua **Orí-òde** ou sobre o assentamento coletivo de **Orí-Àpěre**, Cabeça-Padrão. Agora, dizer que no “Candomblé de **Kétu**” não se faz assentamento de **Orí** é sem dúvida uma “insanidade” de alguém que deseja se sobrepor aos demais trazendo para dentro do Culto uma filosofia própria, “pobre” e não tradicional. Pois nas casas de **Kétu** que deram origem ao Candomblé no Brasil, **Orí** é assentado sim, e este será o tema do livro: **Orí, a Divindade do Homem** — 2, **Ẹbọrí** no Candomblé de **Kétu**.



Obi, o fruto Sagrado de Orí

Handwritten signature

Handwritten signature



Obi, o fruto Sagrado de Orí

Entendendo conceitos do ritual

“Èṣù: quem o conhece não o encontra e quem o encontra não o reconhece”.

O ritual que descrevo a seguir não é absolutamente o certo, nem absolutamente o errado. É o modo como eu faço e ensino aos meus filhos-de-santo a fazer, pois assim aprendi. Longe de mim querer ser dono da verdade, mas o que exponho em todo o livro são as verdades que consegui absorver como verdades.

— Como vimos no relato, Èṣù foi quem levou a Orí para se consultar com Ifá e a Ela foi aconselhada a agradecê-lo com oferendas. Observando isto, a Ìyáwó já sabe que deve fazer um ẹbọ-ọpẹ-Èṣù, oferenda de agradecimento a Exu. Vale lembrar somente, que ìgbìn (caracol), boné e insultos, são proibidos para Èṣù, pois se constituem em tabu (ẹwọ).

— Se a oferenda for um frango, dele só se usam o ẹjẹ, sangue, a cabeça e as penas, que são os símbolos de descendência.

— Ìfun, intestinos, são oferecidos somente se a pessoa assistida estiver sofrendo com algum problema interno, como por exemplo, fígado, coração, rins, etc. Nesse caso, pequenos pedaços do fígado, coração..., devem ser postos sobre o assentamento ou alguidar para Èṣù, e o que sobrar, fica no chão para Ìyámi Àjẹ. Na hora de despachar a oferenda, os restos e “tudo aquilo” que caiu no chão, serão deixados ao lado do alguidar da oferenda. Esta descrição é de um ritual básico, pois em se tratando do Culto em si “a coisa” é muito ampla.

— Há vários lugares onde uma oferenda pode ser entregue, mas o comum é entregá-la na encruzilhada quando não queremos que algo retorne e na floresta quando desejamos que algo bom nos venha.

— Èṣù é aquele que intermedeia a comunicação entre os homens e Olódùmarè, Deus. Por isso, precisa ser reverenciado antes de qualquer ritual. Ele é o Senhor da Bifurcação que atrela o Céu à Terra e o responsável pela continuidade da vida humana na Terra, pois quando Olódùmarè desejou acabar com a humanidade, Èṣù salvou alguns exemplares e é por isso o costume de se dizer: “Èṣù é o mais humano dos Òrìṣà”.

— A limpeza de concepção e a retidão de caráter do Sacerdote é o mais importante, pois sem isso, Ifá não responde nada! E, sem uma consulta prévia não se faz ritual algum para resolver problema. Isso só pode ser feito quando a oferenda for de agradecimento ou para louvar as bênçãos recebidas de um determinado Òrìṣà. Aí, o sujeito pode escolher o presente que irá expressar a sua gratidão.

Ifá só vem quando o caminho é limpo e o Sacerdote é puro, pois no corpo de ensinamentos do Ifá não se inclui o mal; apesar de haver dentro do sistema bruxaria, Ele é uma energia tão pura que se torna neutra. Isso determina que o Olóòrìṣà precisa ser puro para poder ser abençoado por Òrunmilà e estabelecer o elo entre o Céu e a Terra, onde o espaço e o tempo são os fatores mais importantes dentro de toda a arte divinatória.

Òrunmilà é o benfeitor da humanidade e toda a Sabedoria do Universo, está com Ele. Marcar um encontro com Ifá pode livrar o indivíduo de alguns acontecimentos desastrosos. Basta ao Sacerdote dividir o espaço para poder contar o tempo da ancestralidade do seu consulente, baseando-se nas Luzes e nas Trevas dos Códigos, Odù, permitindo à pessoa assistida optar por vários caminhos de desenvolvimento. Pois, quando tudo parece estar perdido, Ifá pode apontar um rumo.

O Culto a Orí

É preciso considerar que Orí tem Igbá-Orí, Cabaça da Cabeça, e que pode ser cultuada de várias maneiras; dizer ao contrário é filosofia própria e não tradicional — é um conceito pessoal. O que também não é errado para o sujeito que assim pensa, mas que não tem o direito de transmitir tal impressão, por se tratar apenas de uma terrível má-impressão.

Primeiro: Orí pode ser cultuada no cabelo retirado no ritual do fári (raspagem da cabeça). Para isso se usa um pedaço de pita (madeira usada por barbeiros para afiar navalhas) e nela se prende todo o cabelo juntamente com 21 búzios próprios para ritual, owó-ẹrọ. A maciez da madeira facilita a fixação e os sangues dos sacrifícios completam a ação. Isso se chama Ẹdá-Orí, Criador da Cabeça, e deve permanecer acima do Ojúgbọ-Òrìṣà. Neste caso, a Igbá-Orí pode ser dispensada, e todo oferecimento para Orí será feito sobre o seu Ẹdá. Também, toda vez que uma oferenda de ẹjẹ, ọtí, atãre, obì e orógbo for feita ao Òrìṣà, um pouco deverá ser destinada à Ẹdá-Orí.

Na falta de pita, o cabelo pode ser posto dentro de uma cabaça pequena e os búzios são presos com linha pelo lado externo. Dentro da cabaça vão: búzios, favas, obì, orógbo, atãre, etc.

Segundo: Orí pode ser cultuada no Orígbà da seguinte maneira:

— Um pedaço de couro circular com quatro furos;

— Em cada furo se prende uma tira do mesmo couro;

— Enfiam-se em cada tira de couro cinco búzios. Junta-se as pontas e enfia-se um búzio passando por todas as pontas de couro e dá-se um nó.

— Estando pronto, deve ser lavado no àgbo (maceração vegetal).

— **Orígbà**, Cabeça assinalada, só aceita oferenda de **Obì**, **orógbo**, **otí** e **atãre** e deve ficar dentro da **Ilé-Orí**, Casa da Cabeça, feita de tecido e miçangas ou de madeira e búzios — veja a ilustração à página 84.

— Quando há sacrifícios para a **Orí** os sangues vão somente na **Orí-òde** (Cabeça externa do iniciado).

Terceiro: **Orí** pode ser cultuada na **Igbá-Orí**, Cabaça da Cabeça.

— No fundo de uma cabaça e sobre **ìyèròsùn** (pó de madeira extraído por cupins) riscar o **Odù**, Código, de **Òdígbèmi** ou **Èjì-Ogbè**, conforme o caso, e rezá-lo.

— Sacrifica-se sobre o **Odù**: um caracol, um preá e um pombo.

— Coloca-se dentro da cabaça: búzios, moedas, favas, **efun**, **osùn** e todas as coisas já descritas anteriormente.

— Oferece-se **Obì**, **orógbo** e **otí** para a **Igbá-Orí** e tampa-se a cabaça, pois os sangues dos sacrifícios à **Orí** só podem escorrer pelo lado externo da cabaça. Dentro dela não pode ficar nada que cause mal-cheiro.

Quarto: ao invés de deixar o **ìyèròsùn** solto, pode-se colocá-lo sobre um chumaço de algodão, acrescentar, búzios, moeda, **atãre**, **obì** e **orógbo** mascado, **ìkòódíde**, envolvê-lo com linha branca, oferecer os mesmos sacrifícios, colocá-lo dentro da cabaça e acrescentar os búzios, moedas, etc. Ou: juntar tudo o que já foi descrito, por dentro de uma “bola”

grande de orí, manteiga vegetal, colar 21 búzios, pintar com **efun** e acomodar dentro da cachaça ou terrina — o resultado é aquele que ilustra a capa do livro.

Quinto: Orí pode ser cultuada no dedão do pé, **Ìpònrí**, para a mulher no esquerdo e para o homem no direito.

— Abre-se um buraco na terra e pede-se para a pessoa assistida apoiar o calcanhar do pé direito ou esquerdo, conforme o caso, na borda de modo que o dedão fique para dentro do buraco e fazem-se os oferecimentos para os Ancestrais da pessoa. Cultuar a Orí é antes de qualquer coisa cultuar a nossa origem Ancestral, **Ìpònrí** é isso.

Sexto: Orí pode ser Cultuada na floresta.

— Uma árvore que tenha uma bifurcação deve ser encontrada e ali se reza para **Ìyámi** e em seguida para Orí. As oferendas são postas ao pé da árvore e os sangues são vertidos sobre a bifurcação da árvore e um pouco sobre a Orí-òde da pessoa assistida — as árvores representam os Ancestrais.

Este é um tipo de **ẹborí** que o iniciado pode fazer para si próprio caso tenha o conhecimento e consciência do seu significado. O **Odù Ifá Ògúndá-méjì**, permite que isso seja feito.

Sétimo: **Ẹborí** pode ser oferecido diante do assentamento do **Òrìṣà** e é uma forma de pedir ao **Òrìṣà** proteção para a Orí da pessoa assistida.

O que não é a mesma coisa que se oferecer **ẹborí** com a pessoa assistida incorporada em **Òrìṣà**, pois **Òrìṣà** não recebe as oferendas de Orí. O que **Òrìṣà** faz é receber suas próprias oferendas sobre a Orí-òde — este é um caso. No outro, se reza e fazem-se oferendas de água, **obì** e **gim** para Orí. Em seguida se evoca o **Òrìṣà** e se faz sacrifícios para que este apóie a Orí — é um caso diferente.

Oitavo: em se tratando de Orí é bobagem fazer aquilo que a pessoa assistida não aceita seja feito, pois se não quer é porque a sua Orí não aceita e isso precisa ser respeitado. Neste caso se dá comida para a sua cabeça, criando um vínculo com o ojúgbọ de Orí-Àpèrẹ da comunidade que é o Igbá-Orí coletivo. Neste caso, e somente neste caso, a Igbá-Orí pode ser dispensada.

Isso acontece quando o Odù Èjì-Òkò aparece para avisar que aquela pessoa tem problema com a própria personalidade e que com Ela há de se ter cuidado — é o tipo de gente perigosa e o tratamento deve se dar aos poucos.

De qualquer forma, é importante dizer que toda pessoa que vier a usar as descrições feitas aqui, deve prestar bastante atenção na leitura para poder alcançar a visão que “pretendo transmitir”, tirar suas próprias conclusões e adaptá-las de acordo com os conhecimentos que possui. Não se pode esquecer que isso é um livro e que, apesar de baseado na Tradição, nele se inclui o pensamento de um homem, o meu. E eu apenas represento a Religião, mas não sou a Religião, não carrego a África na cabeça, nem dito as regras que a definem como proceder em todos os atos ou coisa e tal. Conheço o conceito de Larí-óyè e isso me permite dizer que dentro do Culto não há fundamentalismo. Compreendo perfeitamente que a água é líquida mas que na verdade é gás, que é o elemento número “Um” em todos os rituais e que é o maior sacrifício que se pode oferecer à Terra. Portanto, deixo aqui registrado o meu respeito por todos e a tudo. O meu desejo é único, e desde quando escrevi *“Candomblé, Ritual e Tradição”*, disse: “Meu desejo é ver o Candomblé saindo da casca para que não morra como pinto dentro do ovo que fora gorado”. Vinte anos depois, percebo que o “ovo gorou” e isso me causa uma certa tristeza, é só isso. Pois, já velho, com um

conhecimento reduzidíssimo sobre esses assuntos, com uma centena de inimigos querendo a todo custo provar que não sou nada dentro disso, o que nem precisava, pois consciente de minha própria ignorância; sei que não posso contribuir, mas que posso continuar fazendo o que tenho feito até o dia do meu retorno ao Céu como uma tentativa de incentivar a Ìyáwó a fazer aquilo que eu não pude fazer e o que não me deixaram fazer, por isso os meus livros têm uma linguagem infantil e as letras são bem grandes, para que possam ser lidos e entendidos sem qualquer dificuldade. Vale lembrar que as formas apresentadas não são únicas, pois há outras maneiras de se cultuar Orí.

A postura das pessoas presentes

Como o costume da maioria é agitar a Orí tocando *adjà* (sineta), vale lembrar que em ritual de *ẹbọrí* não se toca isso, pois a Orí precisa estar em paz, tranqüila, serena. A Orí que está chegando ao mundo é uma “visitante”, logo é falta de educação ou respeito, recebê-la sentada — as pessoas devem recebê-la de pé.

Estou dizendo isso, porque o hábito dos Pais e Mães-de-Santo é proceder ao ato do *ẹbọrí* com todos os filhos do *Àṣẹ* de *ìkaforí-bale*, o que sem dúvida é uma demonstração de respeito, caso isso fosse uma homenagem a Orí que chega. Entretanto, isso é feito somente para que possam ocultar detalhes do Culto — o que resulta numa grande falta de respeito pelas cabeças presentes e que facilita a expressão do autoritarismo

Como o que dizem é que sou um chato, pois não gosto de nada mal-explicado, assumo a alcunha e explico porque:

- Ficar de *ìkaforí-bale*, com a cabeça no chão, é sinal de submissão.
- Ficar de *jóko*, sentado, é sinal de igualdade.
- Ficar *dìde*, de pé, é sinal de respeito e de contrição, remorso.

— Ficar execrando pelo autoritarismo de alguém é falta de respeito do cidadão por si próprio. Quem age assim, merece mesmo é continuar **ti kúnlè**, de joelhos, andando de cabeça abaixada, não participando da conversa com os mais velhos, comendo os restos ou o pirão da misericórdia, tomando banho de repolho podre achando que seja **àgbo**, e ainda achar que tudo isso faz parte das coisas do **Àṣẹ**. É um “Zé Mané” e esse tem que se ferrar.

Ninguém se torna pai ou mãe de uma pessoa só porque a iniciou no **Culto aos Òrìṣà** — isso é somente uma expressão. Pois, o **Sùndìde**, despertar do sono, é a expressão que se usa para designar o ato da Iniciação. Se isso significa “**despertar do sono o Òrìṣà**”, significa que **Òrìṣà** é uma partícula genética e que já está pronto. O que esclarece que o pai ou a mãe-de-santo, não é Deus e que a sua função foi somente despertá-lo dessa lassidão. Logo, a expressão “**este Òrìṣà fui eu quem o fez**”, não cola.

A palavra **Bàbálóòrìṣà** é composta de:

Bàbá = Pai, tutor, protetor.

Oló = Senhor, dono, aquele que possui alguma coisa.

Orí = Cabeça, origem, regente, “aquela que toca a banda”.

Ṣà = pegar um por um.

Seria então:

Protetor do Senhor da origem de um por um.

Orí + Ṣà = Òrìṣà = Origem de todos ou de cada um.

Isso significa que o **Òrìṣà** tem domínio sobre nossas vidas, que mandam em nossos destinos, que podem controlar as matérias físicas e espirituais, associar e dissociar os átomos — isso é muito forte. Agora, imagine, **Ìyáwó**, a benção que seria ter a oportunidade de conviver com o pai dos **Òrìṣà**? É uma piada que deve ser deixada de lado, pois não passa de sonho “sonhado” e mal interpretado.

Todavia se o seu Olóòrìṣà é capaz de fazer o que os Òrìṣà fazem, se dê por satisfeita e comece logo a bater a cabeça no chão, rastejar tem o seu sentido, tomar banho de àgbo podre e até comer o pirão da misericórdia, que nada disso será considerado humilhação. Mas, se não é, a minha opinião é que deve parar de se submeter. Por outro lado, Ìyáwó, é preciso que você tenha uma postura exemplar para que possa se fazer respeitar com base na sua própria Iniciação. Ou seja, aprenda a somar a Ela sua própria sabedoria para poder acrescentar detalhes que passam despercebidos.

Seria ótimo se todos quisessem apenas ser úteis e que aprendessem a fazer sabendo porque, sem que precisassem ter contato com a coisa. Mas não, todos querem ser pais ou mães dos Òrìṣà. O que a meu ver, não passa de ausência de conhecimento e de uma distância enorme de consciência do próprio saber, autoritarismo puro e muita vaidade.

Chega o dia dos pais ou das mães, alguém se desespera, dizendo: “Meu filho-de-santo nem me telefonou, quanta ingratidão..., por isso é que vou largar tudo isso p’ra lá”. Lá se vão os catiços para a floresta da cachoeira do “Pedrão”.

Orò ti Èbọrí

Ritual de Oferenda à Cabeça

— Primeiro, o Olóòrìṣà já deve fazer a oferenda para Èṣù e depois dar um banho na pessoa “com oṣẹ-dùdu, sabão preparado”. Se a pessoa assistida for um homem Ele mesmo faz isso. Se for uma mulher deve pedir para que uma Èkejì o faça, cantando:

Ara ãrá wẹ mọ ru po.

Ara ãrá wẹ mọ ru po.

È mótì mọ rùn kọ màmà fọ.

Ara ãrá wẹ mọ ru pó.

O corpo inteiro limpo, purificado e aliviado, o erguerá completamente.

O corpo inteiro limpo, purificado e aliviado, o erguerá completamente.

Você, limpo, de forma alguma emitirá mal-cheiro. Aprenda e continue esfregando-o.

O corpo inteiro limpo, purificado e aliviado, o erguerá completamente.

— Segundo, preparar o àgbo com no mínimo: 7 folhas para a mulher, 9 para o homem, e no máximo 16 para ambos os casos, e lavar a Orí da pessoa, cantando:

Ọmọ Ọrísà fọ ti wẹ o.

Ọmọ Ọrísà fọ ti wẹ.

Ọrunmilà o!

Ọmọ Ọrísà fọ ti wẹ, fọ ọmọ rẹ.

Filho, Orixá é quem esfrega e banha você.

Filho, Orixá é quem o esfrega e banha.

Oh Orunmilá!

Filho, Orixá é quem o esfrega e banha, esfrega o filho é seu.

Ou:

Bàbá wẹ ọmọ rẹ.

Bàbá wẹ ọmọ rẹ.

Bàbá fi ewé Ọsányìn,

Bàbá wẹ ọmọ rẹ, kanhinkanhin.

Pai, lave seu filho.

Pai, lave seu filho.

Pai, com as folhas de Ọsányìn.

Pai, lave seu filho com a bucha.

— Terceiro, lavar no mesmo àgbo os pertences da Orí, búzios, favas, penas, a jóia, ìlẹ̀kẹ̀ etc, colocar dentro da Igbá-Orí e arrumar as oferendas na “mesa” ao lado da esteira onde a pessoa permanecerá sentada para receber as orações e os sacrifícios.

Colocar um alguidar grande ao lado e moer dentro dele uma fava de atãre e acrescentar: água, gim, azeite-de-dendê, sal e mel (neste alguidar serão depositadas as oferendas).

— Quarto, fazer um círculo com ẹfun e por os bichos e um pouco de todas as coisas que serão oferecidas para a Orí.

— Quinto, despejar um pouco d’água no chão: do lado direito da esteira, do lado esquerdo e na frente para onde os pés da pessoa assistida ficarão direcionados e rezar o Qfò l’Omi:

Omi Olófìn la-njí-kí.

A água determinou e somos gratos.

Omi Olófìn la-njí-gẹ!

A água determinou, tenhamos cuidado!

Omi làbú mu.

A água alcança a maturidade — bebam.

Omi làbú wẹ.

A água alcança a maturidade — banhem-se.

Kò si èní tó’nbá omi sọ.

Não recusem, hoje basta encontrar a água posta no chão.

Omi làbú mu.

A água alcança a maturidade — bebam.



Ilé Orí, Casa da Cabeça

Omi làbú wẹ. Omi làbú mu.

A água alcança a maturidade, banhem-se. A água alcança a maturidade, bebam.

Ẽníkan kí'bomi sòtá.

Ninguém que retira água da vasilha é seu inimigo (todos bebem água).

Ki n má r'ìjá ọmọ araiyé.

Não causa conflito aos filhos do mundo.

Ẽnyin Ẽbọra inú (entranhas) l'omi; omi kú tẹ.

Vocês, poderosos (espíritos) das entranhas das águas; não deixem a água cair em desgraça.

Ẽ ò ni kú tẹ o!

Vocês não permitam que se precipite em desgraça!

Ìyè kú ñlára ẹyẹ o.

A vida deve ter inveja da capacidade dela.

Omi Oní ñlára oyin o.

A água, Senhores, não tem inveja do mel.

Aşọ kú ñlára Egúngun.

A roupa não tem inveja de Egúngun (Ancestral).

Omi oní ñlára yi o.

A água, Senhores, não tem inveja da persistência Dele.

Ọbà òkè òní gbàgbé yi o.

Reis das montanhas, hoje, perdoem-nos a persistência.

Gbà lomi àti şe o!

Recebam a água e ajam!

Àşẹ! Àşẹ! Àşẹ!

Assim será! Assim será! Assim será!

— Sexto, despejar epo, azeite-de-dendê, no chão sobre a água e rezar:

— Sétimo, despejar oṭi, gim, sobre o azeite-de-dendê posto no chão e rezar:

— Oitavo, abrir obì rezá-lo e agrupá-lo sobre um prato branco borrifado com água. Esse obì servirá de Oráculo que nos dirá se a Orí aceitou bem as oferendas ou não. No final, será compartilhado com as pessoas presentes.

Èbọrí em si

— Primeiro se oferece oito obì, oito orógbo e duas favas de atãre para a Igbá-Orí. Caso não haja Igbá, essas coisas devem ser oferecidas para o Igbá Orí-Àpèrẹ que é o um assentamento comunitário.

— Com a pessoa assistida sentada com as pernas estendidas, mãos espalmadas para cima e coluna ereta; o Bàbá ou Ìyálóòrìṣà carinhosamente vai lhe passando as mãos sobre a Orí e cantando:

Orí màmà dé o agogo.

Orí màmà dé o agogo.

Cabeça necessita ligar-se às Alturas, Céu.

Cabeça necessita ligar-se às Alturas, Céu.

— Bàbá ou Ìyálóòrìṣà risca a Orí da pessoa assistida com ẹfun “umedecido com a água de Ìgbìn” fazendo um risco que vai da frente até a nuca, cantando:

Kíni ìyá, ẹfun wora?

Ẹfun ní ìyà, ẹfun wora!

O quê mãe, efum cura mal-estar?

Encantando-o na aflição, efum cura o mal-estar.

— É costume das pessoas misturar pemba, um tipo de giz usado nos rituais de Umbanda, com o **ẹfun** para torná-lo mais branco e também para que não solte da pele com facilidade. Isso é desnecessário e também não é a maneira correta de usá-lo, pois a força contida no **ẹfun** é resultado de um processo que a própria Natureza utiliza para lavar o barro até torná-lo branco. Enquanto que a pemba é feita de um tipo de pedra. Acredito que misturá-lo a outros elementos pode estragar a força acumulada pela Mãe Natureza por milhares de anos — é só uma observação.

Como preparar o **ẹfun**:

— Rala-se o **ẹfun** até obter um pó bem fino.

— Junta-se a ele, a água de um **ìgbìn** e um pouco da água do **àgbo**. Assim estará pronto para ser usado. A água do **ìgbìn**, caracol, vira cola e demora mais para soltar da pele. Outro recurso é passar sobre a pele da pessoa, **orí**, manteiga vegetal africana, que além de fixá-lo, torna-o mais branco e sem prejuízo algum para o ritual — essa explicação vale para quem vai pintar **Ìyáwó**, a noiva do **Òrìṣà**.

Bàbá ou **Ìyálóòrìṣà** faz **Ìbà**:

Ìbà Àkódá, Ìbà Àséda, Ìbà awo òde Ọyọ...

Saudações ao primeiro ser Criado, Saudações ao Criador, Saudações ao Sacerdote da Cidade de Oyó...

Ìbà Orí o!

Ìbà Orí-Inú.

Ìbà ṣe Ìpònrí tì ni l'Òrun.

Ìbà ṣe kọ orí mi.

Ìbà ṣe Àjàlá-mopin.

Ìbà ṣe Aludùndùn-Òrun.

Orí san mi o ìbà!
 Orí san ìgèdè mi o!
 Orí tọ mi sọnà kí ndí olówo.
 Orí tọ mi sọnà kí ndí ọlọmọ.
 Orí tọ mi sọnà kí ndí aláyá.
 Orí tọ sọnà nkólè mọlé.
 Orí san mi! Orí san ni!
 Kí le sohun-rere wá nilé mi aye o!
 Ọlómó mi mo ọpé o.
 Àṣẹ!

Oh Cabeça, saudações!
 Saudações, Cabeça Interna!
 Saudações, façam os Ancestrais a encorajá-la do Céu.
 Saudações, façam emitir luz sobre a minha cabeça.
 Saudações, faça Àjàlá reconhecer a Lei.
 Saudações Àjàlá, tocamos o tambor para chamá-la do Céu.
 Cabeça, dirija meu caminho para que me torne abastado.
 Cabeça, dirija meu caminho para que me torne pai.
 Cabeça, dirija meu caminho a fim de me torne um homem casado.
 Cabeça, dirija meu caminho para que eu tenha uma esposa.
 Cabeça, dirija meu caminho para que eu construa uma casa.
 Cabeça, recompense-me! Cabeça, recompense-me!
 Proclamando suas qualidades poderosa, coisas boas virão à minha casa e vida.
 Minha cara metade, eu agradeço a você — Amém!

Aqui o **Olóòrìṣà** começará a transmitir o seu àṣẹ, força e caráter comportamental, para a pessoa que se submete ao ritual do **Ẹbòrí**. E, por mais que se evite tocar nessas “perebas” o assunto exige comentário, e eu não posso, e nem quero, tratar ou iludir o meu leitor com “emoções baratas”.

É preciso entender que receber sobre a Cabeça elementos manipulados por outra pessoa e ao mesmo tempo ouvir palavras que determinam situações diversas para o destino é uma coisa séria que não pode ser de forma alguma, confiada a qualquer um.

Àṣẹ é uma palavra que fortalece os desejos de realização... É preciso, pois, acreditar que o elemento usado para absorver também tem a capacidade de transmitir, pois a simples convivência pode influenciar o caráter de uma pessoa. Se o sujeito conviver com viciados em drogas, corre o risco de adquirir o mesmo costume, e a culpa não é da droga, que também pode servir de remédio. Do mesmo modo, a convivência com ladrões poderá influenciá-lo a roubar. Mas a culpa não é do dinheiro. Assim sendo, conviver e receber àṣẹ, força, da boca e das mãos de um **Olóòrìṣà** de comportamento “estranho” — acho que todos entenderão o que estou tentando dizer sem dizer, também corre o risco de aprender a agir tal qual um macaco-prego, que tem uns costumes feios.

Que aprendam então que a droga, o dinheiro, o sexo e os **Òrìṣà** não são os culpados — ela escolheu, ela estava lá, ela participou, ela autorizou que “assim” fosse feito. Não há a quem culpar, nem do que reclamar depois.

Todos que estão envolvidos no Culto sabem que há “sacerdotes” que se não cheirarem cocaína ou se não derem “comida ao corpo” antes, não se sentem preparados para proceder aos rituais — “Quem tem ouvidos que ouça, quem tem olhos que veja”. Tudo que for rezado será ingerido pela pessoa e isso significa que os elementos permanecerão acoplados ao seu organismo e que o àṣẹ do **Olóòrìṣà** será transmitido e que terá que herdar os costumes da criatura — “né briqueado não!”.

— Pega-se um **obì**, embebe-se na água e esparge-se sobre a **Orí** da pessoa assistida e se diz:

Omi làbú mu.

Omi làbú wẹ.

Ẹ̀nìkan kí bomi sọta.

Ki n ma ríjá ọmọ arayé

Ìbà Onílẹ̀, Ìbà Orí Ìpònrí mi (nome da pessoa).

A água alcança a maturidade, beba.

A água alcança a maturidade, banhe-se.

Ninguém que retira água da vasilha é seu inimigo.

Não causa conflitos aos filhos da humanidade. Ninguém que retira água da vasilha é seu inimigo

Saudações ao Senhor da Terra, Saudações à Origem Ancestral de (fulano).

— Apresenta-se o **obì** às cinco partes da cabeça e também para o **Ìpònrí**, dedão do pé. Para o homem no pé direito e para mulher o do pé esquerdo, na seguinte ordem:

Orí iwáju, frente na cabeça;

Orí ìpako, parte de trás da cabeça;

Orí ọ̀tun, lado direito da cabeça;

Orí òsi, lado esquerdo da cabeça;

Orí arín, centro da cabeça e para

Ìpònrí, dedão do pé.

— Exemplo: **Orí iwáju ago fún mi**, frente da cabeça, me dê licença.

— Sacrifica-se o **obì** e reza-se:

Obì ni àfi bi ikú, danú.

Obì ní àfi bì àrun danú.

Tì abá bẹ ikú.

Tì abá bẹ àrun.

Tì abá bẹ ìjá.

Tabi! Tì abá bẹ ofò ibi.

Orí ẹni gbọdò kúrò.

Njẹ lóni kí gbogbo ibi ayé wa kúrò.

Bá bẹ jẹ fún ẹnyin o.

Àşẹ!

Obì você empurra violentamente a morte, piedade.

Obì você empurra violentamente a doença, piedade.

Empurre e corte previamente a morte.

Empurre e corte previamente a doença.

Empurre e corte previamente os conflitos.

Mais esta! Empurre e corte os infortúnios.

As cabeças das pessoas precisam ficar distantes dessas coisas.

Coma hoje para que todos fiquem distantes dessas coisas.

Deverá cortá-las previamente e vencê-las para nós.

Assim será!

— Joga-se o **obì** e as partes que caírem abertas serão postas na mão esquerda da mulher e se for um homem, na mão direita. As partes fechadas vão para a mão inversa da pessoa. O jogo continua até que se obtenha uma resposta favorável no Oráculo do **Obì**.

— Quando isso ocorrer, uma parte do **Obì** será dividida: metade a pessoa assistida come e a outra metade será mascada juntamente com **9 atãre** caso a pessoa assistida for

um homem e com 7 caso for uma mulher, pelo **Olóòrísà** que em seguida o deitará sobre a **Orí** da pessoa diretamente da boca.

— Da mesma forma, a parte do **Obì** que será mascada é: a parte feminina para o homem e a parte masculina para a mulher. Isso é feito para que haja fertilização.

— E se diz:

Orí o, wá gbé yî jẹ obì!

Oh cabeça, venha gerar nascimentos, coma o **obì!**

— Uma parte masculina ou feminina irá para dentro da **Igbá-Orí**, conforme o sexo da pessoa assistida. As outras duas partes serão divididas e oferecidas para as pessoas presentes comerem.

— Procede-se ao ritual usando **Orógbo**, dois de cada vez, que serão partidos com os dentes, pois é tabu parti-lo com faca. As suas extremidades serão atiradas ao chão seguido de uma saudação a **Èṣù**.

Apresentam-se os **orógbo** às cinco partes da **Orí** e **Ìpònrí** e nesse momento se diz:

Orí o!

Orógbo jẹ ngbó.

Jẹ ntó.

Orógbo rẹ o.

Orí gbà ni. Àṣẹ!

Oh, cabeça!

Orógbo venceu e chegou à maturidade.

Vencer é suficiente.

O **orógbo** é seu.

Cabeça aceite-o.

— Joga-se o **Orógbo** e as partes que caírem abertas serão postas na mão esquerda da mulher e se for um homem, na mão direita. As partes fechadas vão para a mão inversa da pessoa.

— Se caírem todos fechados uma mão-de-pilão será usada para amassá-los e, nesse caso, serão descartados.

— O jogo continua até que se obtenha uma resposta favorável no Oráculo do **Orógbo**. O procedimento é o mesmo do **obì**.

— E se diz:

Orí o, wá gbé yî jẹ orógbo!

Oh cabeça; venha, levanta, resolva, coma o **orógbo**.

— Prossegue-se o ritual usando uma fava de **atãre**, pimenta-da-Costa, fazendo-se o mesmo procedimento.

Se as duas parte caírem abertas, ambas serão postas na mão direita ou esquerda da pessoa assistida conforme o caso; se homem ou mulher.

Porém, antes, **7** ou **9** grãos são mascados e assoprados pelo **Olóòrìṣà** sobre a **Orí** da pessoa e a mesma quantidade será oferecida para a pessoa comer e se diz:

Orí o, wá gbé yî jẹ atãre!

Atãre kî dî tiẹ labọ tori nire.

Nire jẹ nsọrọ atãre kọmọ arayé sọrọ nire o.

Oh, cabeça venha gerar nascimentos, coma as pimentas!

As pimentas que nós encantamos a apoiará completamente porque a humanidade dirá boas coisas sobre você.

É felicidade, coma, dissemos às pimentas que a humanidade falará bem de você.

“É preciso cuidado ao manipular **atãre**, pois é tabu pisar sobre as suas sementes”.

— Procede-se ao ritual usando 4 búzios e os que caírem abertos serão postos na mão esquerda ou direita da pessoa assistida. Se caírem todos abertos, mão direita ou esquerda.

— Por fim, se oferece para **Orí**, dinheiro. Caso as pessoas presentes entendam o culto, todos podem oferecer dinheiro para a **Orí** da pessoa.

— Todas as coisas que a pessoa recebeu em suas mãos serão postas nos lados da **ení**, esteira, e o **Igbá-Orí** lhe será entregue para que o segure. Caso não haja **Igbá-Orí** a pessoa deverá ficar com as mãos sobre as pernas e espalmadas para cima.

— Põe-se um pouco de água na boca, borrifa sobre a **Orí**, **Ìpònrí** e para os lados (sobre o chão), por três vezes, e se diz:

Omi làbú mu.

Omi làbú wẹ.

Ẹ̀nìkan ki bomi sọta.

Ki n ma ríjá omọ arayé

A água alcança a maturidade, beba.

A água alcança a maturidade, banhe-se.

Ninguém que retira água da vasilha é seu inimigo.

Não causa conflitos aos filhos da humanidade.

— Oferece-se água para a pessoa e se diz:

Orí o, wá gbé yí mu omi!

Oh cabeça; venha, levanta firme e beba a água!

— Põe-se gim na boca, borrifá sobre a Orí por três vezes, e diz:

Orí o!

Ọtí rẹ ẹ o.

Oh, cabeça!

A bebida é sua.

— Oferece-se um pouco da bebida para a pessoa e se diz:

Orí o, wá gbé yí mu ọtí!

Oh cabeça; venha, levanta firme e toma a bebida!

— Unta-se o dedo auricular com epo, azeite-de-dendê, e passa-se sobre Orí arín, centro da cabeça, e canta-se:

Orí o!

Epo ni ẹrọ ni ojú Ọlójà.

Epo ni ẹrọ ni ojú Ọlójà.

Azeite-de-dendê é quem acalma o olhar do Senhor do mercado.

Azeite-de-dendê é quem acalma o olhar do Senhor do mercado, Èşù.

— Em seguida se canta:

Orí epo dé dè o.

Cabeça o azeite-de-dendê o atingiu, una-se a Ele, Èşù.

Orí o!

Epo rẹ ẹ o.

Oh, cabeça!

O azeite-de-dendê é seu.

— Passa o dedo com um pouco de azeite-de-dendê sobre a língua da pessoa e diz:
Orí o, wá gbé yî mu epo!
Oh cabeça; venha, levanta firme e sorva o azeite-de-dendê!

“Quando se sabe que a pessoa é filha de **Òrìṣàlá**, mesmo sabendo que os fundamentos de **Orí** não tem nada a ver com os fundamentos de outros **Òrìṣà**, o uso do dendê deve ser evitado. O mesmo procedimento deve ser adotado em relação ao mel para os filhos de **Òrìṣàlá** e **Òṣòṣi** e do **obì** para os filhos de **Ṣàngó** que prefere **orógbo**”.

— Pega-se 7 ou 9 sementes de **atãre**, masca e assopra sobre a **Orí arín**, centro da cabeça da pessoa e se diz:

Orí o!

Atãre rẹ o.

Orí rẹ ẹ o.

Oh, cabeça!

As pimentas-da-Costa são suas.

Cabeça, elas são suas.

— Oferece-se a mesma quantidade de sementes de **atãre** à pessoa e se diz:

Orí o, wá gbé yî jẹ atãre!

Oh cabeça; venha, levanta firme e coma as pimentas!

— Oferece-se sal à **Orí** e uma “pitada” para a pessoa comer e se diz:

Orí o, wá gbé yî jẹ iyò!

Oh cabeça; venha, levanta firme e coma o sal!

— Oferece-se um pouco de mel (algumas gotas) à Orí e uma boa quantidade para a pessoa sorver e se diz:

Orí o, wá gbà yí jẹ oyìn!

Oh cabeça; venha, levanta firme e sorve o mell

— O ritual continua com o Olóòrìṣà fazendo saudações à Orí:

Orí o, Ìbà ré o!

Wá bórí o!

Orí Àpěre mo pè e!

Ìpe owó, Ìpe ọ̀là ni, mo pè fún má jẹ kí nkú.

Má jẹ kàrun ò-ṣe.

Oh cabeça, saúdo cordialmente você!

Venha ajudá-lo!

Cabeça-protótipo, eu te chamo!

Conforto, dinheiro, saúde, vocês; eu chamo para não permitirem que morra repentinamente.

Verdadeiramente não acolha a doença nele.

— O Olóòrìṣà continua dizendo:

Orí olówo mo pè ẹ o.

Tori Orí adé ki nsùn ta.

Orí omi re o.

Orí ọ̀tí re o.

Orí epo re o.

Orí obì re o.

Orí orógbo rẹ o.

Orí atāre rẹ o.

Orí ìyò rẹ o.

Orí oyìn rẹ o.

Wá jẹ, wá mu.

Cabeça arquimilionária, eu te chamo!

Porque a cabeça honrada deve dormir esparramada.

Cabeça, a água é sua.

Cabeça, a bebida é sua.

Cabeça, o azeite-de-dendê é seu.

Cabeça, o **obì** é seu.

Cabeça, o **orógbo** é seu.

Cabeça, a **atāre** é sua.

Cabeça, o sal é seu.

Cabeça, o mel é seu.

Venha comê-los, venha sorvê-los.

— A **ẹgbẹ́**, comunidade, responde:

Orí Inú m'abá tò dé nje!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha comê-la.

“Tudo realmente é feito sobre a **orí ode**, cabeça externa, mas se pretende alcançar a **Orí Inú**, Cabeça Interior — o umbigo, do indivíduo e despertar aquela Partícula Divina que fica adormecida no 'ser humano'”.

— O Olóòrìṣà diz:

Orí o, wá bọrí o!

Orí mo pè ẹ o!

Orí ni (diz-se o nome da pessoa).

Ọmọ ni (diz-se o nome da mãe da pessoa).

Mo pè ọ s'ire, ọlà, iyì, iyè àtí aláfiá.

Awon ọta ré o.

Orí o, wá jẹ, wá mu. Ìyá ni jẹ ọ, àṣẹ!

Oh, cabeça venha ajudá-lo!

Cabeça eu chamo você!

Cabeça de...

Filha de...

Eu chamo aquela que possui a fortuna, glória, autoridade, alegria e serenidade.

Ele/a têm inimigos.

Oh Cabeça, venha comer, venha beber. Mãe é para vencê-los, axé!

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Orí Inú m'abá to dé nje!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha comê-la.

— O Olóòrìṣà diz:

Èlédá o, a pè fún bọ,

A pè fún jẹ.

Orí ni (diz-se o nome da pessoa)

Ọmọ ni (diz-se o nome da mãe da pessoa).

Mú akọ adie, ẹtú, ẹyẹlé, ìgbìn wá lá tiwa bọ ẹ o.
Kọ tu kọ gbà rẹ o.

Oh Criadora dos Seres, nós a chamamos para reverenciá-la.

Nós a chamamos para alimentá-la.

Cabeça de...

Filha de...

Accita o galo, a galinha d'Angola, o pombo, o caracol, venha sorvê-los. Nós a veneramos com eles.

Fisga, desata, estão suspensos, receba, são seus.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Orí Inú m'abá tò dé nje!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha comê-la.

— O Olóòrìsà diz:

Orí mo pè ẹ o!

Ẹlédá o, mo pè, Orí o!

Orí ni (diz-se o nome da pessoa)

Ọmọ ni (diz-se o nome da mãe da pessoa).

Orí owó, jẹkí n lowó lowo

Orí olà, mã kí ololà pè o ọràn nişé

Orí iyì o, jé kí niyin lawujọ.

Orí ayò, jé kí layó titi dojonalè mi.

Orí aláfia, fún ni lalafia ma jé ki nşe aişan o.

Orí àìkú, jé kí npé layé kẹ̀mi ni o gun
Orí oḡbón, Orí òye, fún ni loḡbón ati òye.

Orí a pè o o!

Ma bọ wá o!

Wá jẹ, wá mu.

Cabeça, eu chamo você!

Oh Criadora dos Seres, eu chamo, oh Cabeça!

Cabeça de...

Filha de...

Cabeça de dinheiro, permita-lhe ter dinheiro nas mãos.

Cabeça honrada, continuamos a proclamar suas qualidades, Dona da riqueza, chamamos você, o assunto é emprego.

Cabeça honrada, permita-o que seja respeitado/a pelas pessoas.

Cabeça alegre, permita-o que haja felicidade em toda sua vida.

Cabeça imortal é aquela que fica e não desampara, permita-o viver muitos anos.

Cabeça compassiva e compreensiva, dê-lhe intelegância e compreensão.

Oh Cabeça, nós chamamos por você!

Venha, venha aqui!

Venha comer, venha beber.

— A eḡbé, comunidade, responde:

Orí Inú m'abá tò dé nje!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha comê-la.

— O Olóòrìṣà diz:

A pè ìfà, a pè ìyè, a pè si ọrọ.

Orí ni (diz-se o nome da pessoa).

Ọmọ ni (diz-se o nome da mãe da pessoa).

Wá jẹ rẹ lóni.

Nós chamamos a boa sorte, nós chamamos a vida, nós chamamos há algum tempo a abundância.

Cabeça de...

Filha de...

Venha comer, hoje é o seu dia.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Orí Inú m'abá tò dé nje!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha comê-la.

— O Olóòrìṣà diz:

Kọ si òrìṣà ti ndáni gbé.

Léhìn Orí ẹni?

Orí pèlẹ a tètè níran, Orí làbà bọ.

A tètè bẹ ni kò òrìṣà.

Kọ si òrìṣà ti ndáni gbé.

Léhìn Orí ẹni.

Orí mi pèlẹ o!

Orí abiyé, ẹni Orí gbá, gbà ẹgbé ire kò yò sésé.

Orí o, wa jẹ, wá mu.

Bọrí o!

Não existe outro orixá que nos assegure a vitória.

Após Cabeça, quem?

A Cabeça, delicada e prontamente nos adverte (puxa pela mente). Cabeça é recipiente de adoração.

Nós rapidamente suplicamos e encontramos o orixá (Orí).

Não existe outro orixá que nos assegure a vitória.

Após Cabeça, quem?

Minha Cabeça, saudações a você.

Cabeça possui o pensamento, a pessoa que a Cabeça reconhece e aceita a companhia encontra a boa sorte e muita alegria.

Oh Cabeça, venha comer, venha beber.

Veneramos a sua origem.

— A eḡbé, comunidade, responde:

Orí Inú m'abá to dé jẹ!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha comê-la.

— O Olóoríṣà diz:

Àtá tu ni t'ologbó.

Ìfà lóni ẹfà rẹ wá bà mi.

Orí ni nṣe ni ta fi ndadé owó.

Orí ni nṣe ta fi nṣepa ilẹkẹ.

Orí na lò nṣe ni a-tètè níran.

T'òbà fifun mi lomo.

Orí o, Ẹlédá o!

Orí mo pè o!

Orí o, a pè fi jẹ.

Orí o, wá jẹ, wá mu.

A cumeeira favorece ao gato.

A boa sorte desse dia de estação chuvosa seja cordial e venha encontrar.

Cabeça, o costume da boa sorte é recompensar com dinheiro (todos os presentes devem oferecer dinheiro para a Orí da pessoa assistida).

Cabeça, o costume da boa sorte é recompensar com antídoto e jóias (o Olóòrìṣà põe no pescoço da pessoa assistida um colar de miçangas brancas onde terá um awúre, feitiço de boa sorte, como pingente).

Cabeça, agora faça uso dele para puxar pela mente.

O rei da brancura “Ọbàtálá” deu à filha.

Oh Cabeça, oh Criadora do Seres!

Eu chamo você!

Oh Cabeça, nós a convidamos para comer.

Oh Cabeça, venha comer, venha beber.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Orí Inú m’abá tò dé nje!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha comê-la.

— O Olóòrìṣà diz:

Orí mo pè o!

A pè fi bọ o!

Kò ndi olowó.

Kò ndi ọlọla.

Kò ndi apési láíye o.

Orí o!

Orí a jì kí.

Orí a jì yó.

Orí a fi ré. Àşę o.

Oh Cabeça, eu te chamo!

Nós a convidamos para venerá-la!

Encontrou até multimilionários.

Encontrou até fidalgos.

Encontrou até assembléia sobre o mundo.

A Cabeça nós acordamos e cumprimentamos.

A Cabeça acordou cheia de alimentos (em sua volta).

A Cabeça dele/a será cordial. Assim seja!

— A ẹgbẹ, comunidade, responde:

Orí Inú m'abá tò dé nje!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha comê-la.

— O Olóòrìşà diz:

Ilẹ mo pè o!

Ìpònrí mo pè o!

Èlẹda mo pè o!

Orí Àkúnlẹyàn mo pè o!

Orí Àkúnlẹgbà mo pè o!

Orí ni (diz-se o nome da pessoa).

Omọ ni (diz-se o nome da mãe da pessoa).

Orí Inú ni (diz-se o nome da pessoa).

Orí Àpèrẹ mo pè o o, owó, ọlà àtí aláfia.

Orí wá jẹ, Orí wá mu.

A pè fi bọ.

A pè fi jẹ.

Terra, eu te chamo!

Alma Guardiã dos Ancestrais, eu te chamo!

Criador dos Seres, eu te chamo!

Cabeça, que ajoelhados pegamos, eu te chamo!

Cabeça, que ajoelhados recebemos, eu te chamo!

Cabeça de...

Filha de...

Cabeça Interna de...

Cabeça-Padrão, eu chamo o dinheiro, a saúde e o bem-estar.

Cabeça venha comer, venha beber.

Nós a chamamos para venerá-la.

Nós a chamamos para alimentá-la.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Orí Inú m'abá tò dé nje!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha comê-la.

— O Olóòríṣà diz:

Ọ dé pẹlu àwọn obì?

Orógbo ló ni kọ gbó.

Òríṣà kí kọ hun obì.

Şàngó kí kọ hun orógbo.

Èşù kí kọ hun epo.

Ògú kí kọ hun işu-ọde.

Ọbàtálá kí kọ hun şéşé-ẹfun.

Orí o, wá jẹ, wá mu.

Èlédá o, kí Orí kí kọ ohùn ndi ọlọrọ àtí aláfia.

Você veio incorporar-se a Ela, obì?

Orógbo vai ensiná-la chegar a maturidade.

Oríṣà não recusa oferenda de obì.

Şàngó não recusa oferenda de orógbo.

Èşù não recusa oferenda de azeite-de-dendê.

Ọbàtálá não recusa oferenda de muito ẹfun.

Oh Cabeça, venha comer, venha beber.

Oh Criador, que a Cabeça não recuse a graça de se tornar rica, forte, alegre e saudável.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Orí Inú m'abá tò dé nje!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha comê-la.

— O Olóòrìsà diz:

Orí o, ẹ parapò ẹjẹ.

Orí o, gbà nje ni ẹjẹ.

Orí o, gbà ọtí o.

Orí o, gbà jeun o.

Oh Cabeça, você se vincule aos sangues.

Oh Cabeça, aceitais as comidas e sangues.

Oh Cabeça, aceitais as bebida.

Oh Cabeça, aceitais os alimentos.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Orí Inú m'abá tò dé nje!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha comê-la.

— O Olóòrìsà canta:

M'òrà mọ-ríré-l'áye o.

M'òrà fihan Ọbàràgbètù,

Ọtí, Ọrúnmilà mọdí re o.

M'òrà fihan o.

Eu comprei sabendo a sua dedicação pela vida.

Eu comprei e ofereço a Ọbàràgbètù,

Bebida, Ọrúnmilà conhece a sua origem.

Eu comprei e ofereço a você.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Orí o, wá mu re o!

Oh Cabeça, venha beber, é sua!

— O Olóoríṣà continua cantando:

M'òrà mọ-rírẹ-l'āye o.

M'òrà fihan Ọbàràgbètù,

Epo, Ọrúnmilà mọdí re o.

M'òrà fihan o.

Eu comprei sabendo a sua dedicação pela vida.

Eu comprei e ofereço a Ọbàràgbètù,

Azeite-de-dendê, Ọrúnmilà conhece a sua origem.

Eu comprei e ofereço a você.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Orí o, wá mu re o!

Oh Cabeça, venha sorvê-lo, é seu!

— Assim, o Olóoríṣà irá apontando para aquelas coisas que serão oferecidas no ato e fazendo a sua descrição:

M'òrà mọ-rírẹ-l'āye o.

M'òrà fihan Ọbàràgbètù,

Ọgẹde, bananas.

Agbon, coco.

Ìrekè, cana-de-açúcar.

Èwa, feijões.

Àkarà, acarajé.

Èiyelé, pombo doméstico.

Ìgbìn, caracol.

Èja-àrọ, peixe bagre ou peixe elétrico (o princípio é: “a vida começa na água”).

Àkùko, galo.

Ètú, galinha d'Angola.

Àgbò, Òrúnmilà mọdí rẹ o.

M'òrà fihan o.

Eu comprei sabendo a sua dedicação pela vida.

Eu comprei e ofereço a Òbàràgbètù,

Carneiro, Òrúnmilà conhece a sua origem.

Eu comprei e ofereço a você...

— A egbé, comunidade, responde:

Orí o, wá jẹun rẹ o!

Oh Cabeça, venha comê-lo, é seu!

— É preciso esclarecer que todas as comidas que foram apresentadas serão em seguida oferecidas às cinco partes da Orí, à pessoa que se submete ao ritual e também às pessoas presentes, que comem e bebem um pouco de tudo.

— Uma porção será depositada dentro “daquele igbá ẹbọ” que ficou ao lado (alguadar).

— Sobre a Orí só ficam os líquidos, “aquele obì, orógbo e atāre, que foram mascados, o sal, os sangues e penas das aves”.

— Èbòrí é entendido como uma grande festa à Cabeça, onde todos a reverenciam cantando, elogiando, comendo e bebendo. É importante que todos os alimentos sejam consumidos.

— Orí come bolo, doces, àmala, purê de inhame, churrasco etc. Bebe cerveja, refrigerante, suco e refresco, ou seja, tudo que a pessoa come e gosta pode ser oferecido a sua Cabeça. No entanto, não se pode deixar de perguntar ao Ifá o que pode e o que não pode ser oferecido. Pois ewó, tabu, pode ser até beber água no copo que tenha sido usado por outra pessoa, por mais limpinha que ela seja.

— O Olóòrísà pega um copo com água, apresenta às cinco partes da Orí e canta:

Omi rẹ o.

Orí ré wá mu.

Orí òye.

Orí ré wá mu.

A água é sua.

Cabeça, seja cordial, venha bebê-la.

Cabeça, compreenda.

Cabeça, seja cordial, venha bebê-la.

— Em seguida, borrifa a água sobre a Orí e oferece para as pessoas presentes beberem um pouco.

— A egbé, comunidade, responde:

L'ẹkún l'àrun o lè o ràn danú!

Orí Inú m'abá tò dé mu.

O pranto e a doença dele (a) pode nos contagiar, piedade!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha sorvê-la.

— O Olóòrìṣà pega um copo com gim, apresenta às cinco partes da Orí e canta:
Ọtí rẹ o.

Orí ré wá mu.

Orí òye.

Orí ré wá mu.

A bebida é sua.

Cabeça, seja cordial, venha sorvê-la.

Cabeça, compreenda.

Cabeça, seja cordial, venha sorvê-la.

— Em seguida, borrifa o gim sobre a Orí e oferece para as pessoas presentes tomarem um pouco.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

L'ẹkún l'àrun o lè o ràn danú!

Orí Inú m'abá tò dé mu.

O pranto e a doença dele (a) pode nos contagiar, piedade!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha sorvê-la.

— O Olóòrìṣà pega, por exemplo, a oferenda de àkarà, apresenta às cinco partes da Orí e canta:

Àkarà rẹ o.

Orí ré wá ẹjun.

Orí òye.

Orí ré wá ẹjun.

O acarajé é seu.

Cabeça, seja cordial, venha comê-lo.

Cabeça, compreenda.

Cabeça ,seja cordial, venha comê-lo.

— Em seguida oferece para a pessoa comer e distribui acarajé aos presentes.

— A *ẹgbé*, comunidade, responde:

L'ẹ̀kún l'àrun o lè o ràn danú!

Orí Inú m'abá tò dé mu.

O pranto e a doença dele (a) pode nos contagiar, piedade!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha sorvê-la.

— Assim será feito com todas as comidas, frutas e doces. Exemplo:

Èwa, feijões. Ẹran, carne. Òyin, mel. Egbó, canjica. Ẹkọ, acaçá. Ègúsi, melão. Àjara, uva. Quando não se sabe designar a fruta por espécie pode-se chamá-la de Èso, fruta.

— O Olòòrísà pega, por exemplo, um kiwi, apresenta às cinco partes da Orí e canta:

Èso rẹ o.

Orí ré wá jẹun.

Orí òye.

Orí ré wá jẹun.

A fruta é sua.

Cabeça, seja cordial, venha comê-la.

Cabeça, compreenda.

Cabeça, seja cordial, venha comê-la.

— Em seguida, oferece para a pessoa comer e distribui kiwi aos presentes.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

L'ẹkún l'arun o lè o ràn danú!

Orí Inú m'abá tó dé mu.

O pranto e a doença dele (a) pode nos contagiar, piedade!

Cabeça Interna, a porção a colocará em ordem, venha sorvê-la.

— O Olóòrìṣà continua dizendo:

Orí o, Ẹlédá o!

Gbogbo ohun dára ko ma jẹ tirẹ.

Gbogbo o nje dára kò ma bẹ nje àti mu lára.

Orí kí ẹyẹ.

Orí pèlẹ a tètè níran.

A tètè bẹ ni kò òrìṣà.

Kó si òrìṣà ti ndáni gbé.

Léhìn Orí ẹni?

Orí pèlẹ o!

Orí ni (diz-se o nome da pessoa)

Ọmọ ni (diz-se o nome da mãe da pessoa)

Kí Ogbè-méjì kò ire gbogbo tí ẹyin bẹ.

Ọlọjọ òni ibà ré o.

Àṣẹ!

Oh Cabeça, oh Criador dos Seres.

Todas as coisas são boas, encontramos muito, suplicamos; coma até encher..

Todas as comidas são boas, encontramos e compramos muito, suplicamos; coma, beba, até ficar gorda.

Cabeça, saudamos sua capacidade.

A Cabeça, delicada e prontamente nos adverte (puxa pela mente).

Nós rapidamente suplicamos e encontramos o orixá (Orí).

Não existe outro orixá que nos assegure a vitória.

Após a Cabeça, quem?

Cabeça, saudações a você.

Cabeça de...

Filha de...

Que **Ogbè-méjì** encontre felicidade, bondade, bênção e tudo o que você pedir.
Senhor do dia, saudações, seja cordial com Ela.

Assim será!

Os sacrifícios

Quando há somente sacrifícios de aves e de **ìgbìn**, caracol, a ordem é:

— Primeiro, o **ìgbìn**, mas se preferir não sacrificá-lo basta introduzir uma faca de madeira por um dos lados do bicho para retirar a água e depois soltá-lo que ele se recuperará rapidamente.

— Segundo, o peixe. Caso não encontre o peixe vivo, pode comprá-lo morto mesmo, fazer uma moqueca e servir com arroz ou purê de inhame.

— Terceiro, se sacrifica o galo ou galinha.

— Quarto, se sacrifica **etú**, galinha d'Angola. Pode ser sacrificada com ou sem folhas de **Òdúndún** (saião). O importante é que o animal, nesse caso a **etú**, não veja o **adébo**, sacrificador.

— Quinto, se sacrifica o pombo.

Quando há sacrifícios de algum animal quadrúpede a ordem é a seguinte:

— O **ìgbìn**, caracol, pombo, carneiro ou cabra, galo ou galinha, e por fim, a galinha d'Angola.

— Os sangues vão sobre a **Orí òde**, cabeça externa, **Ìpònrí**, dedão do pé, tampa do **Igbá Orí** e dentro do **ìgbá ebò**, alguidar.

— Após os sacrifícios, o **Olóoríṣà** cobre a **Orí arín**, centro ou meio da cabeça, com uma folha de **Òdúndún** (saião) e enfeita com as penas das aves que foram sacrificadas e com penas de **ìkóòdidẹ**, que pode chegar até o número de dezesseis, e por fim se cobre tudo com um **gèlè funfun**, turbante branco.

— Enfeitar com penas a tampa da **Igbá Orí**, Cabaça da Cabeça e **Ìpònrí**, dedão do pé.

— Enfeitar o **ìgbá ebò**, alguidar, com as penas das aves, espargir água, gim, regar com azeite-de-dendê e mel. Acrescentar **osùn** e **ẹfun**.

— Aqueles dois **obì** que ficaram arrumados sobre o prato branco serão usados nesse momento para saber se tudo foi aceito. Tudo estando em perfeita ordem, eles serão postos sobre o **ìgbá ebò**, alguidar.

— Imprimir o **Odù Ogbè-méjì**, rezá-lo e soprar pó de **ìyèrosùn** sobre tudo.

Orin fún Orí

(Cânticos antigos para a Cabeça)

— O Olóòrìṣà pede para que todos participem cantando, dançando e batendo palmas para complementar a recepção, o louvor e a satisfação de receber mais uma Orí no Àṣẹ. Há aqui um misto de Sagrado caminhando junto com o profano, um momento de rara beleza, que na minha opinião é o mais importante para a pessoa que escolheu não deixar de lado a importância da própria Cabeça.

— Sempre que Àjàlá for citado, o costume é saudar a Ilé, Èṣù bara, Orí àti Òrun, Terra, Exu do corpo, Cabeça e o Espaço, Céu.

— Tocando as pontas dos dedos da mão direita no solo, se diz:

Ìbà Ilẹ̀ àti gbogbo Imọ̀nlẹ̀, Saudações à Terra e a todos os Imortais.

— Tocando o próprio peito, se diz:

Ìbà Èṣù bara mi, Saudações ao Exu do meu corpo.

— Tocando a Cabeça, se diz:

Ìbà Orí mi, Saudações a minha Cabeça.

— Estalando os dedos sobre a Cabeça, se diz:

Ìbà Òrun, Ìbà Olódùmarè, Saudações ao Céu, Saudações ao Criador de Todas as Coisas.

— O Olóòrìṣà canta:

Àjàlá mọ́ orí, mọ́ Orí mo yọ.

Àlà f'Orí kàn.

Àjàlá concebeu a Cabeça, construtor de Cabeças, eu estou feliz.
O Pano Branco da Cabeça (velho de cabelos brancos) se aproxima.

— A ẹgbé, comunidade, responde:
E ago firí mi!
Com licença, o primeiro olhar é meu!

— O Olóòrìṣà canta:
Àjàlá Orí.
Orí lẹwà, lẹwà, lẹwà...
Ọpé ẹnyin Èdùmarè.
Wa Orí ẹ k'àbọ.
Arquiteto das Cabeças,
Cabeças lindas, belas, graciosas...
Agradecemos a vós Criador.
Nossas Cabeças saúdam a recém-chegada.

— A ẹgbé, comunidade, responde:
Ẹ k'àbọ Ọrun.
Ẹ k'àbọ òṣúpá.
Ẹ k'àbọ ọjó kí òjo bọ Ilẹ,
Ire Orí o jì.
Ọ jì ire Orí.
Vós que retornastes do Céu, saudações.

Vós que retornastes da Lua, saudações.
Vós que retornastes no dia que a chuva inunda a Terra,
Abençoai a Cabeça que acordou.
Vós acordais com bênçãos a Cabeça.

— O Olóòrìṣà canta:

Ara bí ko mọ̀ p'Orí ni,
Ara bí ko mọ̀ p'Orí ni...

O corpo que não compreende a Cabeça,
O corpo que não compreende a Cabeça...

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Ké ni má n'ìṣe bọ̀ ogún ni.
Kọ̀ mọ̀ Ìpònrí ni o eee!

Chora muito! O caráter esconderá a herança.
Aprenda a compreender o seu Ancestral; Ele; é você.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí ẹ̀ d'Orí òye o. Orí òye.
Cabeça, vossa Cabeça o advertirá. A Cabeça o advertirá.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Ẹ̀dá ẹ̀ d'Orí òye o, Orí òye.
Criatura, vossa Cabeça o advertirá. A Cabeça o advertirá.

— O Olódríṣà canta:

A bọrí bọ ìyè o ãbò ṣe o.

Nós a alimentamos e a libertamos, a vida protegerá o que fizemos.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Ìwo bọrí o, o kún mǎ o.

Você termina, você está cheio de obrigações a fazer.

— O Olódríṣà canta:

L'àyé Olùgbón, bí kọ ro m'áló.

Orò nló nú nihin!

L'àyé Aṣẹ̀sà, bí kọ ro m'áló.

Orò nló nú nihin!

Em vida, o Senhor da Sabedoria se recusava a relatar os mistérios.

O costume ira preencher este lugar!

Na vida, a fadiga do tempo se recusa a relatar as dificuldades.

O costume vai preencher este lugar!

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Orí agbè, l'ódá gbé, l'ódá gbé.

Átarí àlukò l'òṣí ida àlukò, ẹnì? nkó o!

Èlédá mi, èdá mi, ẹnì nkó o! Ọlórún ní!

Èlédá ni, èdá ni.

A cabeça de agbè suporta a necessidade, suporta a fome.

Laurearam àlukò e a pobreza abandonou àlukò (uma ave silvestre).

Quem o instrui, o ser humano? Não!

Foi o meu Criador, criatura.
O ser humano, não! O Senhor do Céu!
Meu Criador, criatura.

— O Olóòrìṣà canta:

Ọmọ araiyé ọfẹ ni fọrò.

Àfi Orí enì...

O filho do mundo (maldosos) flutua com o vento e molesta.
Somente a cabeça do fulano.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Ọmọ araiyé ọfẹ ni fọrò.

Àfi ẹdà enì.

O filhos do mundo flutua com o vento e envergonha.
Somente o fulano cunha moedas por meios falsos (ọfẹ, feitiço usado por ladrões).

— O Olóòrìṣà canta:

Orí làbà bọ, àbá bọ òrìṣà.

Cabeça é o invólucro de adoração, o pensamento, vem orixá.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Níjọ Orí mbẹ ni, ni bọ l'òrìṣà wá o.

Dance para sua origem e suplique que vem; o orixá se move em nossa direção.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí m'ìyè já, já fún mi.

Èdá m'ìyè já, já fún mi.

Tòrí orí agbè, a já fún gbà.

Orí àlukò a já akọ.

Cabeça na vida, peleja, peleja por ele.

Criador da vida, peleja, peleja por ele.

Impetuosamente, a cabeça de agbè, entusiasmada, peleja para reconhecê-lo.

A cabeça de àlukò peleja com autenticidade.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Èdá ẹmí màmà gbàgbé mi o, yè o o!

Èdá ẹmí màmà já o.

Criador da vida não esqueça-me, estou vivo!

O Criador da vida, continuo a pelejar.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí gbé mi l'aye o kí màmà t'òṣi.

Cabeça, realize-me na vida; proclamando suas qualidades não há miséria.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Átarí alábarò.

Orí lè l'ẹjọ!

Coroa-companheira, compartilha os anseios.

A Cabeça pode supri-los!

— O Olóòrìṣà canta:

Èdá gbé mi l'àyé o kí màmà j'ìyà.

Criador, realize-me na vida, proclamando suas qualidades não há aflição.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Átarí alábarò.

Orí lè l'ẹ̀jọ́!

Coroa-companheira, compartilha os anseios.

A Cabeça pode supri-los!

— O Olóòrìṣà canta:

Orí gbà mi ẹ o kí màmà s'òṣi.

Cabeça, reconheça minha causa, proclamando suas qualidades não há pobreza.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Átarí alábarò.

Orí lè l'ẹ̀jọ́!

Coroa-companheira, compartilha os anseios.

A Cabeça pode supri-los!

— O Olóòrìṣà canta:

Orí gbé mi l'àyé o kí màmà j'ìyà.

Cabeça realize-me na vida, proclamando suas qualidades não há aflição.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Átarí alábarò.

Orí gbà mi ẹ!

Coroa-companheira, compartilha os anseios.

Cabeça reconheça minha causa!

— O Olóoríṣà canta:

Orí mi mǎ ẹ gbà gbọ dẹ o.

Orí mii mǎ ẹ gbà gbọ dẹ o.

Minha cabeça seguirá agindo, distinguindo e acariciando a prosperidade.

Minha cabeça seguirá agindo, distinguindo e acariciando a prosperidade.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Ẹlẹda mi o.

Ìyá mi o.

Bàbá mi o.

Ẹlẹda mi o.

Meu Criador é Ela.

Minha Mãe é Ela.

Meu Pai é Ela.

Meu Criador é Ela

(Isso é o mesmo que dizer: “tenho consciência da minha existência”).

— O Olóòrìṣà canta:

Orí mi gbà mi o

Èlédà mi gbà mi o.

Minha Cabeça me reconhece pela respiração.

Meu Criador me reconhece pela respiração.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Gèlèdè òní yà ọmọ ẹbí, jẹun wa ri dele.

Gèlèdè (representante dos Ancestrais) hoje conduzirá os descendentes da família, alimentados, nós os encontraremos ao chegar em casa.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí ẹja má npa ẹja.

Orí ẹja má npa ẹja.

Ìwo ta nwò aparò.

A cabeça do peixe continua matando o peixe.

A cabeça do peixe continua matando o peixe.

Você, seja persistente e observe a perdiz (a perdiz esconde a cabeça).

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Bí ká fi d'ólá.

Orí ẹja má o pa ẹja.

Motive à sua volta respeito, honra e dignidade.

A cabeça do peixe continua matando o peixe.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí gbà mi l'òwọ ẹnu.

Cabeça, aceite as minhas mãos e palavras (boca).

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Kó ẹ́ kó ni.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O Olóòrìṣà canta:

Asò re Àpẹre.

Empenhe-se por sua definição.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Kó ẹ́ kó ni.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí àjé èrú.

Cabeça, mulher atraente excita.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Kó ẹ́ kó ni.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí kọ rọpa.

Cabeça, não fracasse.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Kọ ẹ́ kọ ni.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí ajé èrú.

Cabeça, o poder do dinheiro engana.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Kọ ẹ́ kọ ni.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí àsálù l'òrìṣà.

Cabeça, pede a proteção dos orixás.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Kọ ẹ́ kọ ni.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí àsási d'orí atóto.

Cabeça, o refúgio e a proteção da cabeça é o silêncio.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Kó ṣé kó ni.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí òlẹ fójúkamọ.

Cabeça, a malandragem e a indolência diminuem o ser.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Kó ṣé kó ni.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O Olóòrìṣà canta:

Orí l'omọkọmọ Ẹdá jẹnìyà.

Cabeça, a criança desobediente o Criador pune.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Kó ṣé kó ni.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O Olóòrìṣà canta:

Ẹnu a jì ẹrù

Ẹnu a jì ìyò.

A boca nós despertamos com tempero.

A boca nós despertamos com sal.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Kó ṣé kó ni.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O Olóòrìṣà canta:

Ẹnu àjẹrù

Ẹnu àjẹyò.

A boca é aquela que come temperado.

A boca é aquela que come até encher.

— A ẹgbé, comunidade, responde:

Kó ṣé kó ni.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O Olóòrìṣà canta:

Ẹnu àjẹpò

Ẹnu àjẹta.

A boca rumina o veneno.

A boca tritura a pimenta.

— A *ẹgbé*, comunidade, responde:

Kó ẹ́ kó ní.

A instrução realmente capacita a pessoa.

— O *Olóòríṣà* canta:

Orí ní má tan m'ije.

Ẹ́dà ní má tan m'ije o.

Cabeça, não seja catalogada para o sétimo dia.

Criadora dos seres, não seja catalogada para o sétimo dia (funeral).

— A *ẹgbé*, comunidade, responde:

Kí dàgbà làgba olówo l'òwò.

K'ìbà orí ọlọlá ẹjun.

Que se torne velha; atinja a maturidade honrada e abastada.

Saudações às suas origens Fidalga, coma.

— O *Olóòríṣà* canta:

Orí maṣe àjẹṣé.

Cabeça, não seja ingrata.

— A *ẹgbé*, comunidade, responde:

Kó ẹ́ kó ní.

A instrução realmente capacita a pessoa.

Àṣẹ! Assim se realizará!

Perguntas de Ìyáwó

As Ìyáwó representam a continuidade do Culto de Òrìṣà e merecem ser tratadas com todas as considerações. Mas, observa-se que a Elas são negadas respostas para quase todas as perguntas que fazem, pelo simples fato de serem Ìyáwó, como se o termo fosse sinônimo de pessoa burra. Sem querer fazer julgamento sobre essa questão, “acho” que os Olóòrìṣà deveriam despende um tempo, reuni-las, esclarecer suas dúvidas ou curiosidades.

Sei que o melhor lugar para se aprender é na própria comunidade religiosa a qual cada uma pertence, mas o que respondo, e do modo como respondo, não há de ofender a ninguém. Por isso achei justa a decisão das Ìyáwó do Ilé Àṣẹ́ I’Ọde Ògún ẹgbẹ́ omọ Òdúwà, no qual ocupo o cargo de Olóòrìṣà “awo kékeré”, de que este tema será discutido em toda a coleção: Kò—l’Èkọ́, Ìyáwó, pois julgam boas cartilhas.

Pode se fazer Ẹbọrí para Òrìṣà?

Não! Pois os conceitos da Orí não tem nada a ver com os conceitos de outros Òrìṣà. Como já foi explicado, Orí é a Divindade individual do homem e as outras são da coletividade. O que se pode fazer quando uma pessoa está com a cabeça muito enfraquecida é fazer oferenda de Òrìṣà sobre a sua Orí òde e pedir que “este” a proteja. Isso pode ser feito, por exemplo, para Yemọnjá que foi eleita pelo próprio Olódùmarè para ser a protetora de Orí. Observo ainda que a feitura do Òrìṣà é um ẹbọrí cuja função principal é despertar a Orí-Inú para a vida, apoiando-a no cumprimento do seu destino — Òrìṣà protege, Orí realiza.

Mesmo sendo a feitura do santo um ẹbọrí, nesse caso é diferente, pois a Orí òde recebe as oferendas para o Òrìṣà e não para Orí-Inú. Apesar de ser Ela, Orí, a primeira a ser beneficiada. Ou seja, tudo que o indivíduo faz, faz para si mesmo e não para o Òrìṣà — é somente uma questão de entendimento, pois quem busca solução é o sujeito.

Posso reclamar se o meu santo foi feito errado?

Sim! Se você não estava presente, pode! Mas se estava presente, não! Pois nesse caso o(a) responsável pela escolha e pelos enganos, é você mesmo.

Há de se levar em consideração o seguinte: “se o Olóòrìṣà se esforçou rezando e pedindo a Deus para abençoar a sua feitura e isso não aconteceu, é porque não havia afinidade entre vocês”. Mas quem o escolheu foi você. Ele não foi até a sua casa lhe implorar para que o(a) deixasse iniciar.

Pode ser que, por falta de afinidade, você não ouça os conselhos e não pratique aquilo que lhe é ensinado. Nesse caso a culpa pode ser da sua Orí que ouve mas não escuta. Quem não conhece gente que tem “dez pais-de-santo” e nenhum presta? Pode ser este o seu caso.

Por que não pode vestir-se com roupas escuras (vermelha, preta, roxo)?

A questão não é, não pode! Pode sim! O filho de Ògún pode ser iniciado com roupas vermelhas, verdes ou azuis quase roxas.

— A filha de Ọya pode ser iniciada com roupas vermelhas, vermelhas e brancas ou marrons e brancas.

— A filha de Olókun de vermelho, Ọ̀ṣṣòsin de azul e amarelo, Ọ̀ṣun de amarelo ou amarelo e branco e até cinza.

— O filho de Ọ̀bàlúwàiyé pode ser iniciado vestido com roupas vermelhas ou roxas e assim por diante...

— Ajagunnón, que é um Ọ̀rìṣà funfun (branco), na hora de se fazer os preceitos tem-se que vesti-lo de preto e vermelho, mas é apresentado como branco e de branco.

Isso depende de quem faz e dos princípios que segue. É preciso entender, entretanto, que o branco é o melhor para os fins espirituais, por absorver melhor a luz, por reunir em si todas as cores e por representar tradicionalmente o luto — a morte da pessoa que renasce como Ìyáwó Ọ̀rìṣà. Além de ser a cor que não ofende os Ọ̀rìṣà e que não cai em desgraça diante de Olódùmarè. Por isso é o mais apropriado para todas as ocasiões.

Qual é razão do recolhimento no período de iniciação?

Iniciação religiosa significa: “iniciar uma ação, ato ou obra que religa o homem ao seu Criador”. Significando o recolhimento um período de reconhecimento de si mesmo para que possa limpar a alma antes de encontrar e despertar o seu Deus. Mas, como o sujeito na maioria das vezes é recolhido sem qualquer noção da importância disso, acha que estão lhe tirando a liberdade. Aí já começam os problemas com o seu Olóòrìṣà, pois quer sair para fumar, não quer tomar banho frio, quer comer churrasco, brincadeiras com outros que estão no mesmo barco, ao invés de concentração. A limpeza é da Alma Guardiã, que não aceita ofensas. Na minha mão, ponho para dormir o período todo. Sem brincadeiras, sem desaforos. Que vá dormir e sonhar com os próprios pecados, para ver se se corrige — este é um período que o mundo e as coisas dele devem ser esquecidas. É por isso que se diz: *“não dê notícia alguma a Ìyáwó”*.

Todas as pessoas “bolam no santo?”

“Bolar no santo” é, antes de tudo, uma expressão errada. Isso na verdade é morte e não santo. Isso pode acontecer naturalmente em uma festa de Òrìṣà ou em casa, sem qualquer motivação. É um ato que deve ser provocado antes da Iniciação para se preparar com os cabelos retirados nesse momento o Èlédá da Ìyáwó — não são todos que fazem isso.

Aquelas que não “caem”, são iniciadas para Ìjoyè e recebem cargos dentro do Ilé Àṣẹ. Isso é diferente da incorporação do Òrìṣà, pois por mais “insensível” que seja uma pessoa, sempre há traços de transe. Mesmo que sutil, há. Isso significa que todos têm Òrìṣà.

Os Ìjoyè, “Ọgá, Èkeji” têm que ser raspados?

Primeiro é preciso entender que o cargo de Ìjoyè é político ou social dentro da comunidade e pode ser ocupado por pessoas iniciadas ou não. Na maioria dos casos quem recebe esses cargos nas casas-de-santo são Advogadas, Delegados de Polícia, Investigadores, etc., por se tratar de pessoas que podem defender as comunidades. Nesse caso, se faz alguns ẹbọ, ẹbọrí, assentam o Òrìṣà e estão prontos para serem apresentados para a função que exercerão — isso não é feitura (o sujeito tem santo assentado), mas todos precisam respeitar as suas posições e cargos.

Por outro lado a Ìjoyè pode ser iniciada do mesmo modo que a Ìyáwó. E, mesmo não recebendo Òrìṣà de modo expressivo, pode “amanhã” tornar-se uma Ìyálòdrìṣà ou Olòdrìṣà. O que não será possível para aquelas pessoas que não foram iniciadas de fato. Então, Ọgá e Èkeji podem iniciar outras pessoas, e isso só depende do modo como foram feitos. O resto são preconceitos ou tentativas de dominação do sistema.

Fizeram um Òrìṣà que não era o meu, tenho que me iniciar de novo?

Sim! Pois quando isso ocorre, acontecerão coisas estranhas na vida da pessoa. Exemplo: uma pessoa de Ọbàtálá que tenha sido iniciada em Ṣàngó, em sua vida começará a acontecer fenômenos da natureza de Ṣàngó. Isso é o suficiente para deixar a vida da pessoa desorganizada. Teria então que voltar e fazer Ọbàtálá. Ifá diz: “Òrìṣà que não quer ser cultuado deve ser despachado no caminho”.

Mas para saber se o santo está realmente errado a análise deve ser bem feita, pois de repente, pode ser um outro problema. Exemplo: pode ser um ancestral perverso que tenta vingar-se da pessoa. E, nesse caso, tudo muda, e aí?

Por que o Pai-de-Santo se engana no ato de identificar o Òrìṣà?

Ifá é vasto! Mas as pessoas aprendem que 8 é isto! 9 é aquilo! A receita é pronta e não há a análise da combinação dos Códigos, Odù. Daí surgem os filhos de Òrìṣálá iniciados em Ọṣṣòṣi e dos filhos de Ṣàngó iniciados em Yemọnjá, por mera falta de observação do Odù que vem depois.

Pierre Verger, em entrevista à Folha de São Paulo, disse o seguinte sobre essa questão: “Se o sujeito é sarnento, dão a ele Ọbàlúwàiyé, se é briguento, Ọgún”. Acho que é isso mesmo o que ocorre. Olham na cara do sujeito, vêem uma característica e “pimbal” Sábado tem festa.

Existe guerra de santo pela posse da Orí?

Não! O que existe é uma guerra ferrenha na Orí do pai-de-santo. Exemplo, Airàn (Airá) é Şàngó, porém é uma Divindade do branco pois tem fundamento com Òrìşàlá. Isso confunde a Orí da criatura que, sem palavras, diz que a guerra é na Orí da pessoa e não na dele. O que é aceito sem qualquer estranheza, pois o pai é o pai! É o cara! Não erra! É o pai-do-santo! Aí ele inventa essas coisas que são absolutamente normais no meio.

Como vou ter (terei) certeza que preciso ser iniciada (o)?

Quando entender que Iniciação significa começar alguma coisa. Nesse caso, uma vida religiosa. Agora, precisar ser iniciada, nunca! Isso é uma decisão da pessoa e não do pai-de-santo. Indicar esse caminho é uma coisa, forçá-lo através de ameaças de morte ou coisas assim, é uma barbaridade tchê!

Quantos Olóòrìşà devo consultar para não ser induzido (a) a acreditar que sou de um determinado Òrìşà?

Vários! Pois cada um lhe dirá uma coisa, mas haverá concordâncias em vários aspectos. Assim, poderá tirar suas próprias conclusões antes de escolher o seu Olóòrìşà. É preciso entender que: “é melhor não ter santo feito que santo mal-feito”.

Por que dizem que devemos despachar o Odù negativo?

Deve ser porque lhes falta o conhecimento daquilo que praticam. Pois os Odù Ifá não são positivos, nem negativos, são portadores de mensagens. Essas podem ser positivas ou negativas. Os próprios Odù dirão o que precisa ser feito para manter ou alcançar uma graça e o que fazer para evitar uma desgraça. Despachá-los seria o mesmo que despachar Deus, pois são os Códigos da sua palavra.

O que significam as gbéré, incisões?

As gbéré não são meras marcas tribais ou coisas assim. Elas são feitas em várias partes do corpo e pretendem proteger a pessoa de ataques externos, quer sejam espirituais ou físicos. É o que chamam de corpo fechado. Se alguém atirasse numa pessoa que tem gbéré bem feitas correria o risco de não acertar o tiro. Àyéta, por exemplo é preparado com essa finalidade. É como se fosse um colete a prova de balas. Só que mais eficaz — derrete chumbo, entorna cano, o tiro sai pela culatra...

Os pós são vários e é quase sempre feito de restos que servem como antivírus — são vacinas. Às vezes são feitas 3, 7, 9, 201 ou mais... Porém são sempre subcutâneos para que o sangue não expulse o pó.

Há as gbéré que encantam, como aquelas que são feitas sob os olhos. Três cortes de cada lado do rosto; chumbo, cobre e..., tenho para vender.

Crianças incorporam Òrìṣà?

Sim! Mas o Òrìṣà que costuma incorporar em crianças é Òṣun. Pois é Ela quem cuida de todas as crianças até que tenham o domínio da fala. Nesse caso, a Iniciação é aconselhável; para a menina aos sete anos e para o menino aos nove anos. Mesmo assim, o Òrìṣà pode não ser Òṣun.

Todas as pessoas Iniciadas têm que virar no Santo? Se não virar em festa pública o que acontece?

Todas as pessoas viram no Santo! O que acontece é que as pessoas vêm a incorporação de um modo torpe, pensando que isso é somente aquela manifestação “agitada”, e não é. A pessoa pode entrar em um tipo de transe sutil, que nem ela mesma consegue perceber. Mas as pessoas que estão a sua volta e que entendem disso, percebem. Assim, Bàbálawo, Olóòrìṣà, Ọgá, Èkejì e não-iniciados, dão Santo.

Em festa pública o costume da maioria é estabelecer que as Ìyáwó dêem Santo — Isso não contribui, “contri-dói”. Pois se as coitadas sentirem que o pai-de-santo “peidou” e elas não pegarem o santinho na hora estipulada, alguns costumam bater com o adjá (sineta) na cabeça da mais “atrevida” até que o Santo pegue a criatura — um verdadeiro absurdo, caso de polícia.

Por que a Ìyáwó tem que fazer obrigações periódicas — 0,1, 3, 5, 7 anos?

Ìyáwó tem que fazer obrigações todos os anos (ẹbọrí e ẹbọ-ẹtutu) e por toda a sua vida. No Brasil, supõe-se que aos sete anos a Ìyáwó se torna adulta dentro do Culto (Ègbónmi) e que uma grande festa deve ser feita para comemorar a sua sabedoria. Mas teria que provar que tem conhecimento suficiente para abrir a sua própria casa e dar continuidade e extensão a sua família de Òrìṣà — seria isso, mas não é isso o que se vê. A maioria quer mesmo é ter “anos de santo” e falar desse assunto com orgulho. Mas, quando abrem a boca para falar de Òrìṣà, costumam deixar o ar infectado. Dá dó.

Qual o significado dos banhos frios no período de Iniciação?

A iniciação em si se dá pela água, e não pelo sangue como muitos pensam, e é um costume de todas as Religiões. A natureza da água não pode ser alterada, porque o cérebro trabalha melhor com ar frio, no frio, com banho frio.... A vida começa na água. Por isso a primeira iniciação é feita com água e folha, àgbọ, cuja combinação deve ser perfeita. O sangue vem depois que o caminho estiver limpo.

Por que a Ìyáwó tem que bater ìpatẹwọ?

Não tem, deve! Pois o assentamento, ojúbọ, altar, do Òrìṣà é o ponto de referência ou de contato. É Sagrado, mas não é o Santo. Bater Ìpatẹwọ, aplausos (paó), bater palmas, significa que alguém veio cultuá-lo. Como quem chega a uma casa deve bater palmas para avisar que está chegando. Não pode invadi-la de repente.

Por que devemos nos curvar diante dos mais velhos?

A saudação ao mais velho se deve ao fato de ser mais sábio que nós. Pede-se então, a bênção ao Espírito que Nele habita. É uma saudação ao seu **Èlédá** e em nome Dele devemos ser abençoados — aqui a relação não é de caráter humano.

Agora, se a intenção do sujeito for fazer com que se submeta ou do tipo que quando se toma a bênção ele oferece a mão para ser beijada e vira a cara para o outro lado; aí **Ìyáwó**, você precisa se distanciar dessa pessoa, pois faz mal tomar a bênção desse tipo de gente. É igual a uma maldição.

Por que o banho de àgbo tem que ter aquele cheiro de coisa podre?

Àgbo, maceração vegetal, tem que ser limpo, e deve ser usado enquanto o cheiro for de folhas frescas. Nesse caso, dependendo das espécies de folhas usadas, pode até ser bebido.

Àgbo pode ser chá de qualquer folha, raiz ou casca de madeira amarga que promova limpeza orgânica, como por exemplo: chá de boldo; chá de paratudo; chá de cáscara-sagrada... **Abô** “decocção de carniça”, pois; feito com sangues, cabeças de aves (às vezes com cabeça de quadrúpede), restos de comidas etc, se tem alguma finalidade certamente não é para beber, nem para se tomar banho (banho significa limpeza). É uma invenção anti-higiênica que só serve para descarregar as frustrações do pai ou mãe-de-santo que faz uso disso nas pessoas — é uma sacanagem a mais para completar o pacote, causando sérios problemas de infecções vaginais nas mulheres que tomam banho com isso.

A finalidade do àgbo podre é: “se a sua casa-de-santo for queimada por algum pó, ele servirá para lavar o chão e livrá-la do feitiço”. Não tem outras finalidades, somente esta.

Se eu não me iniciar o Òrìsà pode me matar?

Claro que pode! Principalmente se você tiver algum dinheiro, essa possibilidade se multiplica por dez. É muito perigosa a convivência com gente que pensa desse modo — cuidado, pois realmente pode morrer de raiva.

Todo mundo morrerá um dia. Ninguém vence essa disputa. Mas isso ocorrerá com iniciados ou não.

Entenda o seguinte: existem ẹbọ que podem sanar um mal que pode matar, mas não existe ẹbọ que possa alterar a data da morte. A tal “troca de cabeça”, envia o mal para outros, não altera a data da morte de ninguém.

O ritual de Iniciação é secreto? Por que?

O ritual não é secreto, deve ser reservado, e não se pode deixar que pessoas espiritualmente despreparadas o assistam. Pois o conceito é que o ser humano não deve interferir nem fisicamente, nem por pensamento nas obrigações. As pessoas presentes no ritual têm que ter essa concepção bem clara. Qualquer pessoa pode assistir, caso se julgue que o pensamento dela não irá prejudicar a feitura. Pensamentos do tipo: “meu Deus, vão cortar o pescoço do galo; agora é o pombinho...; o que eles estão rezando?”.

Por que quando temos dúvidas, os mais velhos (pais-de-santo e companhia), dizem que é segredo, é proibido saber?

Há na verdade algumas questões que só serão reveladas no momento certo, e somente para aquelas pessoas que se comportam bem dentro do Culto. Mas no geral, todas as perguntas devem ser respondidas e sem rodeios.

Exemplo: Caso me perguntasse como se usa àgádagodo, cadeado, para fazer um feitiço de amarração, certamente ia querer saber qual seria a finalidade disso. Se não for adequada, não conheço àgádagodo, como se usa — e ponto final no assunto. Há alguns tipos de ebô que tiram a força do inimigo. E se for usado contra a pessoa que passar a informação? É o tipo de informação que só se obtêm sob pacto de sangue sobre Terra.

A Ìyáwó tem que assentar o Òrìṣà principal, o segundo e o terceiro?

O Òrìṣà principal tem que ser assentado. O segundo está inserido na própria feitura e entra na história como se fosse o recheio de um sanduíche (assenta se quiser). O terceiro seria Èṣù e que precisa ser assentado.

Se surgir mais um, pode-se dizer que os Òrìṣà gostavam de uma surubinha. Ou: alguém percebeu que você está com grana sobrando — cuidado com a carteira e com a sua cabeça que pode virar um altar com vários santinhos.

A falta de entendimento quanto a isso, nasce do seguinte: “o Odù Ifá de onde o seu Òrìṣà foi identificado é formado por vários Òrìṣà e um deles é o seu. Mas, todos os outros estão dentro do mesmo Odù. Logo você teria fenômenos da natureza desses

outros Òrìṣà em sua vida”. “Chamam esses Òrìṣà que ‘sobram’ (digamos assim) de carregos do santo”. Isso não significa que tenha que assentá-los.

A Ìyáwó pode ser filha de dois Òrìṣà, exemplo, duas Òṣun ou Ògún-méjì?

Não pode! Há 15 qualidades de Òṣun, mas Ela é única! A fonte.

Há 7 qualidades de Ògún, mas Ele é único! O ferreiro.

Se surgir mais um, é clone! É moderno!

Palavra do próprio Ifá: “jeito humano, jeito animal, jeito espiritual”. O filho só nasce de pai e mãe. É o único jeito.

Mas há de se entender a criatividade do povo e respeitar. É precisa aprender a dizer: É. Ta bom...

Homem pode ter Òrìṣà feminino?

Sim! E quase todos são de Òṣun, são Àdódi, filhos que Òṣun carrega nas mãos, são invertidos — homossexuais — acho que uma bênção maior.

Também, há aqueles que não são àdódi, mas são de Òrìṣà femininos — Òṣun, Oya ou Yemọnjá, isso não significa que o sujeito seja homossexual, ao contrário do que pensam, são muito machos. Se não são, não são de Òrìṣà femininos. Nesse caso, há alguma coisa errada, pois se não forem, quando iniciados podem se tornar homossexuais. Como se gerados por partenogênese — embriões formados espontaneamente somente a partir do óvulo, uma reprodução assexuada (sem contato sexual), carregam somente os genes maternos. Por isso, filhos de Òrìṣà feminino somente.

Para denegrir o Candomblé começaram a dizer que não se faz Òrìṣà femininos na cabeça de homens na cultura tradicional yorùbá, mentira! Faz sim! Só que não é tão comum quanto no Brasil — que é modismo ser de mamãe Òṣun.

A textura, a cor e o cheiro dos alimentos é o que nutrem o espírito.

A palavra não pode ser maior que a boca.

Esclarecimentos

— As aves serão limpas, cozidas, desossadas e suas carnes temperadas com azeite-de-dendê, cebola, pimentões, **atãre** moídas e folhas de agrião.

Uma porção será posta sobre o **igbá ẹbọ**, alguidar, uma porção será servida à pessoa que se submeteu ao ritual e o restante será consumido pelas outras pessoas.

— No dia seguinte, o **ẹbọ** terá que ser despachado na floresta antes do meio-dia. Todos os restos que tocaram no chão e os ossos, serão levados à parte, postos no chão e o **igbá ẹbọ**, alguidar, colocado por cima. Água deve ser espargida em volta.

— Aqueles **obì**, **orógbo**, dinheiro e búzios que foram entregues nas mãos da pessoa, permanecem com ela até o sétimo dia, quando serão entregues para **Èṣù** na encruzilhada. O dinheiro, porém, deve ser doado a uma mulher velha.

— Depois do ritual a pessoa deita e dorme até o dia seguinte. Pela manhã, o **Olóòrìṣà** cumprimenta a **Orí** e ela pode se levantar, tomar um banho frio e se alimentar normalmente, mas deve evitar alimentos muito condimentados.

— Por três dias não pode lavar a cabeça (se teimar e lavar, sentirá muita dor de cabeça), nem sair à rua, pois precisa evitar o sol, a chuva e o sereno. É um período que **Orí** pede repouso e não deve ser agitada ou perturbada com qualquer situação desagradável.

— Deve evitar relações sexuais, não por questões morais e sim, por causa dos movimentos envolvidos. É proibido o consumo de bebidas alcoólicas, por também ser excitante.

— Um fenômeno comum é a pessoa sonhar demais, e isso é resultado do desgaste acumulado por sua Orí Àpèrẹ. Essas negatividades acumuladas virão à tona e a pessoa terá que enfrentar alguns problemas que até então não conseguia perceber. Esses problemas aparecem em sonhos, às vezes, descrevendo situações que alertam para os erros e acertos. Isso não é negativo.

— É normal a pessoa depois do Èbọrí se deparar com alguns problemas, achar que eles se devem ao ritual e questionar o Olóòríṣà achando que algum erro tenha sido cometido. Mas, na verdade os problemas já existiam e a pessoa não se dava conta deles. Agora a cabeça cobra soluções, e colabora para que possam ser solucionados.

— O Olóòríṣà deve, desde o início, conscientizar a pessoa de que Èbọrí não aumenta salário, não muda a cabeça da sogra, nem a situação Nacional. Muda somente o indivíduo e lhe proporciona forças para buscar o que necessita em função da melhoria do seu estado físico e espiritual. Pois, uma cabeça equilibrada, ajuda nos relacionamentos com os semelhantes, e também a se impor quando necessário contra as negatividades do mundo. É disso o que precisa para se lançar à procura do que lhe convém.

— Depois do Èbọrí, passados os três dias de moleza, é hora de ir à luta, enfrentar os vícios, espantar os medos, sacudir o marasmo e abandonar a lassidão, “*quem sabe faz a hora*”. Não pode ficar esperando os resultados, pois o efeito do Èbọrí passa como passa o tempo e precisa ser aproveitado a tempo.

— A Igbá Orí é o ponto de referência do indivíduo com a sua Origem e ele deverá oferecer: omi, ọtí, atãre, obì e orógbo, uma vez por mês. Se deixá-lo abandonado, o Àṣẹ se exaure.

— A Iyáwó ti Òríṣà deverá tomar Èbọrí no mínimo uma vez por ano e Ela mesma decide o que irá oferecer para a sua Orí. Cabendo ao Olóòríṣà apenas oficializar o ato.

— Orí precisa ser louvada no mínimo a cada quatro dias para não enfraquecer e para que as saudações estejam dentro de um dia da semana “tradicional” **yorùbá** que é de quatro dias.

— Ao cortar os cabelos, a **ìyáwó** não pode pisar sobre eles, jogar no lixo ou queimá-los. Deve procurar um lugar que julgue adequado para depositá-los.

— O **Olòòrìsà** ou **Ìyá** pode promover ritual de **Èborí** para sua esposa, marido, filhos e netos, isso não é tabu. O problema é que as pessoas envolvidas no Culto irão relacionar isso com incesto espiritual. Pura ignorância. Mas, fazer sexo com as **Ìjoyè** do **Àṣẹ** pode — viva Deus!

— **Obì** e **orógbo** devem ser consultados sobre o chão molhado.

— **Èṣù** representa os movimentos de **Olódùmarè** em cima do mundo.

Òsányìn é Vida e representa a respiração de **Olódùmarè**, por isso onde **Òrúnmìlà** vai, leva **Òsányìn** e **Èṣù** no pescoço e no pulso, **ìlẹkẹ** e **ide**, colar e pulseira.

— **Ìyáwó**, **Odù** não é positivo nem negativo. Se alguém lhe disser que vai despachar o seu **Odù** negativo, sai fora, o sujeito é “Marmoteiro”.

— Se lhe disserem que há briga de **Òrìsà** pela sua **Orí**, cabeça, sai fora, o sujeito é “Marmoteiro” e não está sabendo ver qual é o seu **Òrìsà**.

— Se lhe disserem que precisa raspar o santo urgentemente, caso contrário morre, não fuja, fique bem quietinha, não faça movimentos bruscos, não dê as costas, pois o sujeito é tarado por carecas, cuidado.



Tête

1988-1989

1988-1989



Igbá Orí, Cabaça da Cabeça

Quando as ofensas passam dos limites, a melhor resposta é o silêncio.

Palavras finais

O costume agora é se dizer que o Candomblé não é Culto de Òrìṣà. “É Culto afro-brasileiro”. Isso é dito por qualquer “garoto” ainda nas fraldas do “orixá”, que se iniciou em Ifá e que carrega sem saber porque, 21 nozes da palmeira do dendezeiro, Ikin, fazendo questão de dizer que é Awo Ifá, sem qualquer reserva, como se não tivesse noção da importância do Título. Kékeré, pequenino sábio, talvez, pois de repente sabe diferenciar Òyèkú de Aláfia no jogo de obì.

A importância do Candomblé se dá pelo seu aspecto religioso e cultural de beleza própria e inconfundível — *as danças dos Orixás — as Saídas de Ìyáwó — as rezas, as cantigas — a postura ativa do seu verdadeiro povo* —, fazem do Candomblé uma religião mais forte que qualquer outra miscigenação africana espalhada pelo mundo. Infelizmente, as condições nas quais o Culto foi implantado, somado aos costumes dos antigos Sacerdotes de ditarem as próprias regras, fez do Idioma Yorùbá “uma língua yorubaiana” que transformou as **orin**, cantigas, em um aglomerado de sons que ninguém entende.

Isso tem sido ruim, pois o dever do Sacerdote é transmitir informações que se transformem em conhecimentos que serão transformados em consciência daquilo que nos foi informado — é assim que se forma um novo Sacerdote do Culto.

Há pessoas que se envolvem com a Religião e quando descobrem que foram manipuladas e enganadas se voltam contra os Òrìṣà como se Eles fossem os culpados e comentam — *“depois que fiz santo, minha vida... ó!”*.

De repente, descobre que Èṣù bebe gim e não pinga (culpa minha que revelei isso no livro: *Candomblé, Ritual e Tradição*), que Yemõnjá come dendê; percebe que o dinheiro gasto foi jogado fora e que os objetivos não foram alcançados por causa dos enganos. Aí ficam alucinadas e o Candomblé perde adeptos, simpaticantes e o respeito da sociedade. Ainda assim, mesmo que as práticas do Candomblé sejam resumidas, é Culto de Òrìṣà “Sim” e não há como separar uma designação da outra.

Há quem diga que não é preciso buscar informações no Culto Tradicional Africano e aborta palavras dizendo: “O Brasil já tem seus próprios orixás”. Uma contradição, pois o termo Òrìṣà é o que designa as Divindades do Culto Tradicional e do Candomblé. Ambos são a mesma coisa e negar isso é negar a fonte do próprio saber religioso. O certo é que como somos tradicionalistas, nenhuma verdade é única, por haver uma dezena de formas para se fazer a mesma coisa. Nem por isto há a necessidade de se perder o “Elo” com o fundamentalismo.

Bem, se as minhas palavras foram muito fortes, se os meus argumentos foram exagerados, peço desculpas ao leitor, pois não cabe a mim magoar ninguém. Quando falo das “perebas” que não cicatrizam não tenho a intenção de fazê-las sangrar. Exemplo: quando me refiro aos homossexuais que participam do Culto, faço isso sem qualquer preconceito à opção sexual das pessoas, mas acho que é preciso acabar com as “orgias” dentro da má-cumba, pois sei perfeitamente o significado de àdódì e quanto a isso não há imprecisão .

Foi ótimo conversar com você.

Até o próximo Livro: Obì, o Òrìṣà da boa sorte.

Se meu filho vive, eu não morro.

A folha que acalma

Paciência é um epíteto de Sabedoria e é o nível mais difícil da iniciação.
Quisera eu possuí-la.



Obi, o fruto da Luz

O idioma Yorùbá

A sonoridade é importante. Por isso, a apresentação da fonologia da língua.

- O acento agudo indica tom alto.
 - O acento grave indica tom baixo.
 - A ausência de acento indica tom médio.
 - Os tons compostos são constituídos pela combinação de agudo/grave.
 - Tom alto: **bá** = encontrar.
 - Tom baixo: **bà** = germinar.
 - Tom médio: **ba** = esconder.
 - Tom alto composto: **báfa** = discordar.
 - Tom médio composto: **bájà** = brigar.
- E = Ê, Ẹ = É, O = Ô, Ọ = Ó, S = SI, Ş = CH.

Obras do autor:

— *Orunmilá e Exu*. Curitiba — edição do autor.

— *Candomblé, Ritual e Tradição*. Rio de Janeiro — Pallas.

— *Ebó no Culto aos Orixás*. Rio de Janeiro — Pallas.

— *Aprende Ìyáwó*. São Paulo — *Ọmọde*.

— *Kò—L'ẹ̀kọ́, Ìyáwó*, Aprenda a Doutrina, Iauô, *Èṣù-Ṣìgìdì*.

São Paulo — edição do autor.

— *Kò—L'ẹ̀kọ́, Ìyáwó*, Aprenda a Doutrina, Iauô, *Èṣù-Ṣìgìdì*. Entre a Luz e as Trevas. São Paulo — edição do autor.

— *Kò—L'ẹ̀kọ́, Ìyáwó*, Aprenda a Doutrina, Iauô, *Obi, O Òrìṣà da boa sorte*. São Paulo — edição do autor.

Próximas edições:

— *Kò—L'ẹ̀kọ́, Ìyáwó*, Aprenda a Doutrina, Iauô, *Orò ti Awúre*;

— *Kò—L'ẹ̀kọ́, Ìyáwó*, Aprenda a Doutrina, Iauô, *Àṣà—Ọ̀sányìn, ewé o!*

— *Kò—L'ẹ̀kọ́, Ìyáwó*, Aprenda a Doutrina, Iauô, *Ifá-n'Ìfà, Oráculo da boa sorte*.

Contato com o autor:

(011) 3796-4490 ou 2267 -0025

Cel: 9787-7859

E-mail: orlando.jsantos@hotmail.com

Msn: orlando_jsantos@hotmail.com

Blog: <http://ogundimoloko.blogspot.com/>

Bibliografia consultada

- Chief/Ms' Fáróunbi Àiná Mosúnmólá Adéwálé - Somadhi. *Yorùbá Religion (Òrìṣà Worship)*.
- Ajibola I. Badiru. *Ifá Olókun, Interpretação dos Sonhos*. Edição do autor.
- Orlando J. Santos. *Candomblé, Ritual e Tradição*. Rio de Janeiro — Pallas.
- Orlando J. Santos. *Ebó no Culto aos Oríxás*. Rio de Janeiro — Pallas.
- Eduardo Fonseca Jr. *Dicionário Yorubá (nagô) Português*. Rio de Janeiro — Civilização.

Considerando o que seja a Divindade do Homem, as religiões que possuem livros Sagrados, “Orações Sagradas” podem afirmar suas crenças dizendo: Jesus é o Salvador! Jesus é o filho de Deus! Maria é Virgem! O mundo acabará no ano 2000! O Velho Testamento não serve mais, Jesus é o novo Messias! Isso é ser Fundamentalista da “Igreja”. Embora Jesus seja uma Divindade.

O Culto de Òrìṣà é de Tradição oral, constituído de muitas Divindades, embora não politeísta, entre Elas; a Divindade do Homem, Orí. Transmitido de pai para filho de geração em geração, sendo a sua postulação maior conhecida como Oríkì, Saudações às origens, de determinadas Divindades; Adùrà, Orações, e Orin, Cânticos antigos que, junto com as danças anímicas que expressam a alegria de estar em contato com as Divindades, formam a Religião em si — Isso é ser “Tradicionalista”, sem perder o “Elo” Fundamentalista —.

Este é um relato desse assunto com algumas afirmações de como se deve tratar ou cuidar da saúde física e espiritual. Assim, descrevo o aspecto Religioso com cuidado teórico-ritualístico das vantagens que se pode abstrair do conhecimento que pode dar harmonia ao Homem.

O autor.